



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Ciências Sociais

Flávia Cunha da Silva

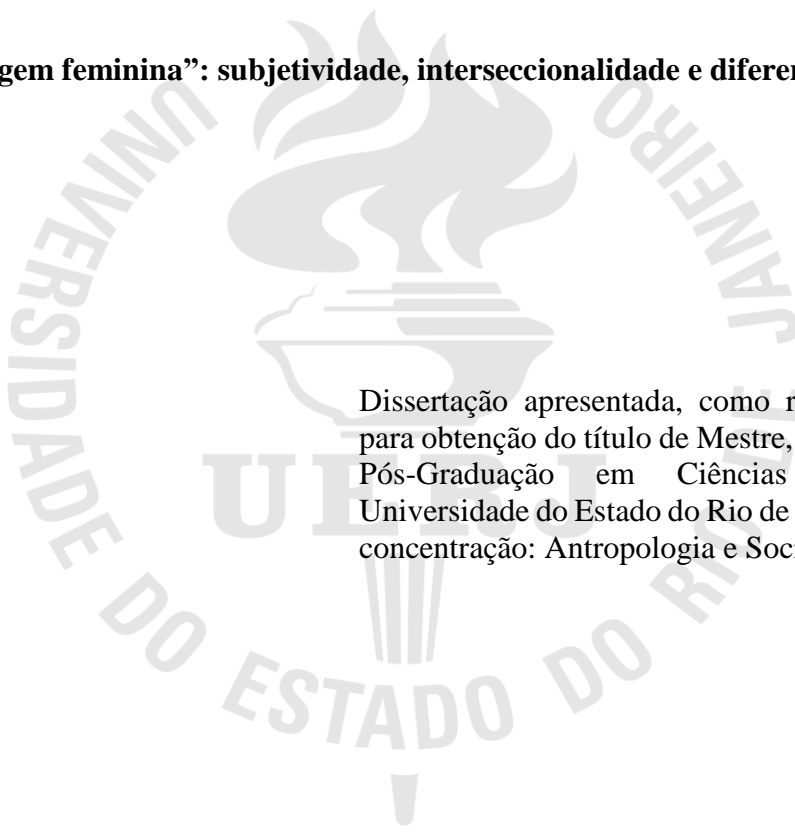
“Tatuagem feminina”: subjetividade, interseccionalidade e diferenciação

Rio de Janeiro

2018

Flávia Cunha da Silva

“Tatuagem feminina”: subjetividade, interseccionalidade e diferenciação



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Antropologia e Sociologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Claudia Barcellos Rezende

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S586 Silva, Flávia Cunha da.
“Tatuagem feminina”: subjetividade, interseccionalidade e diferenciação/
Flávia Cunha da Silva. – 2018.
85 f.

Orientadora: Claudia Barcellos Rezende
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto
de Ciências Sociais.

1. Ciências Sociais– Teses. 2. Tatuagem – Teses. 3. Mulheres– Teses. I.
Rezende, Claudia Barcellos. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Ciências Sociais. III. Título.

es CDU 3(81)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Flávia Cunha da Silva

“Tatuagem feminina”: subjetividade, interseccionalidade e diferenciação

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Antropologia e Sociologia.

Aprovada em 29 de agosto de 2018.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Claudia Barcellos Rezende (Orientadora)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof.^a Dra. Waleska Aureliano
Programa em Ciências Sociais – UERJ

Prof.^a Dra. Amana Mattos
Programa de Pós Graduação em Psicologia Social – UERJ

Prof.^a Dra. Andrea Osório
Instituto de Ciências da Sociedade de Macaé - UFF

Rio de Janeiro

2018

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação não teria sido possível sem a participação e disponibilidade das interlocutoras que aceitaram fazer parte desta pesquisa. Gostaria de agradecer aquelas que abriram suas casas, seus locais de trabalho e, principalmente, cederam seu tempo.

À Claudia Barcellos Rezende pela orientação cuidadosa, pela paciência e pela presença.

À minha família.

Às minhas amigas e amigos.

À Sueli Feliziani pela leitura atenta e comentários valiosos.

À Luiza Azevedo pela revisão em cima da hora.

À banca pela leitura deste trabalho.

Ao programa do PPCIS-UERJ e seu quadro de docentes, funcionários e discentes.

RESUMO

SILVA, Flávia Cunha. “*Tatuagem Feminina*”: subjetividade, interseccionalidade e diferenciação. 2018. 85 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

O tema da tatuagem tem sido amplamente discutido nas ciências sociais, assim como em outras áreas das ciências humanas. No contexto urbano contemporâneo, as modificações corporais e as tatuagens propriamente ditas tem sido usadas como objetos de pesquisa partindo das mais diferentes perspectivas, tendo como principais destaques as análises que abordam as relações entre o uso da tatuagem e os processos de subjetivação. No entanto, os atrelamentos existentes entre os sistemas de poder e as subjetividades tem sido pouco mencionados, criando-se lacunas no entendimento entre o tema e as implicações das divisões sociais de gênero, raça e classe presentes na construção da subjetividade. Esta dissertação busca apresentar uma discussão acerca da “tatuagem feminina” usando a interseccionalidade como ferramenta analítica para situar as formas complexas que essas marcas distintivas ocupam em um contexto específico, na cidade de Niterói. Foram realizadas entrevistas com mulheres brancas clientes de estúdios, na faixa etária entre 20 e 30 anos, com formação universitária e que possuíam pelo menos uma tatuagem. Os resultados demonstraram que o uso da tatuagem, no discurso das entrevistadas, é marcado por dois aspectos fundamentais: a busca pela diferenciação e singularidade e como essa busca em si é atravessada por marcadores de gênero, raça e classe social.

Palavras-chave: Tatuagem. Interseccionalidade. Diferenciação.

ABSTRACT

SILVA, Flávia Cunha. "*Female Tattoo*": subjectivitie, intersecionality and differentiation. 2018. 85 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Tattooing has been widely discussed in the social sciences as well as in other areas of the human sciences. In the contemporary urban context, body modifications and the tattoos themselves have been used as research objects from the most different perspectives, having as main highlights the analyzes that approach the relations between the use of the tattoo and the processes of subjectivation. However, the linkages between power systems and subjectivities have been little mentioned, creating gaps in the understanding between the theme and the implications of the social divisions of gender, race, and class present in the construction of subjectivity. This dissertation seeks to present a discussion about the "female tattoo" using intersectionality as an analytical tool to situate the complex forms that these distinctive marks occupy in a specific context, in the city of Niterói. Interviews were conducted with white women clients of tattoo shops, in the age group between 20 and 30 years old, with university education and who had at least one tattoo. The results demonstrated that the use of the tattoo in the interviewees' discourse is marked by two fundamental aspects: the search for differentiation and uniqueness and how this search itself is crossed by markers of gender, race and social class. Texto em inglês, espaço simples.

Keywords: Tattoo. Intersecionality. Differentiation.

SUMÁRIO

| | | |
|--------|---|----|
| | INTRODUÇÃO | 8 |
| 1 | CORPO, SUBJETIVIDADE E INTERSECCIONALIDADE | 22 |
| 1.1 | Corpo e simbolismo | 22 |
| 1.2 | Corpo e identidade | 25 |
| 1.3 | Subjetividade: agência e projeto | 29 |
| 1.4 | Interseccionalidade | 32 |
| 1.4.1 | <u>Interseccionalidade no Brasil</u> | 36 |
| 1.4.2 | <u>Feminilidades e estudos críticos da branquitude</u> | 37 |
| 2 | O PROCESSO DE SE TATUAR | 43 |
| 2.1 | Flashday: festival de mulheres tatuadoras | 43 |
| 2.2 | As entrevistadas | 44 |
| 2.2.1 | <u>Ana</u> | 46 |
| 2.2.2 | <u>Thaís</u> | 46 |
| 2.2.3 | <u>Irene</u> | 47 |
| 2.2.4 | <u>Karla</u> | 47 |
| 2.2.5 | <u>Ilana</u> | 48 |
| 2.2.6 | <u>Maria</u> | 48 |
| 2.2.7 | <u>Lua</u> | 49 |
| 2.2.8 | <u>Milena</u> | 49 |
| 2.2.9 | <u>Lara</u> | 49 |
| 2.2.10 | <u>Joana</u> | 50 |
| 2.2.11 | <u>Renata</u> | 50 |
| 2.2.12 | <u>Andrea</u> | 51 |
| 2.3 | Entre a representação e a beleza: significado e estética | 51 |
| 2.4 | “Tatuagens comuns”: noção de arte e senso de distinção | 53 |
| 2.5 | A experiência em si | 57 |
| 2.6 | Negociações | 57 |
| 2.6.1 | <u>Com tatuadoras e tatuadores</u> | 58 |
| 2.6.2 | <u>Com a família</u> | 59 |
| 2.7 | Estereótipos sobre pessoas com tatuagens: o julgamento “dos outros” e “da sociedade” | 60 |

| | | |
|-------|--|----|
| 3 | “TATUAGEM FEMININA?”: REPRESENTAÇÕES PRESENTES NOS DISCURSOS DE MULHERES BRANCAS SOBRE (SUAS) TATUAGENS . | 63 |
| 3.1 | “Tatuagem feminina” | 63 |
| 3.1.1 | <u>Aspectos gerais: tamanho, traços e temas</u> | 65 |
| 3.1.2 | <u>O que preferem</u> | 68 |
| 3.1.3 | <u>O que não deve ser</u> | 70 |
| 3.2 | O “eu” enquanto norma: branquitude como constructo ideológico de poder . | 72 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 77 |
| | REFERÊNCIAS | 80 |

INTRODUÇÃO

A prática da modificação corporal através da tatuagem vem se difundindo no meio urbano das sociedades ocidentais. O tema tem sido amplamente discutido nas ciências sociais, assim como em outras áreas das ciências humanas. As modificações corporais e as tatuagens propriamente ditas foram e são usadas como objetos de pesquisa partindo das mais diferentes perspectivas e tendo como enfoque diversos componentes, entre eles: a marginalidade e o estigma das tatuagens nas sociedades contemporâneas (CARONI; GROSSMAN, 2012); reflexões sobre o uso da tatuagem enquanto formas singulares de expressão da subjetividade sob os corpos (LEITÃO, 2004a); a relação entre a dor e o uso de tatuagens (DIAS, 2014); a construção de identidades sociais em contextos urbanos (ALMEIDA, 2001 apud PÉREZ, 2006).

No Brasil, desde o início da década de 1990, nota-se que transformações em relação a essa prática tem ocorrido em diversos âmbitos, como nos usos e valores sociais associados a ela. Há, no momento, uma expansão do mercado da tatuagem, atestada por reportagens que descrevem os estúdios regularizados de tatuagem como empresas e investimentos lucrativos, registrando crescimento mesmo com a atual crise financeira no país¹. Existe uma grande procura por reformas e coberturas de tatuagens antigas, o que estaria atrelado a diversos fatores como a melhoria e aumento na importação e na fabricação nacional de produtos da área, assim como na especialização e qualificação dos profissionais do ramo². Chama a atenção também o aumento de nichos de “tatuagens exclusivas”, que variam tanto entre estilos, ambientes dos estúdios quanto na faixa de preços disponíveis³.

A mudança na configuração da clientela dos estúdios de tatuagem na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, tem sido apontada pela literatura especializada como uma das mudanças

¹ Diário do Comércio: “Crise não afeta mercado da tatuagem na Capital”. <http://diariodocomercio.com.br/noticia.php?tit=crise_ nao_ afeta_ mercado_ de_ tatuagem_ na_ capital&id=167403>; Terra: “Mercado da tatuagem ignora crise e cresce 20% ao ano”. <<https://www.terra.com.br/noticias/dino/mercado-da-tatuagem-ignora-crise-e-cresce-20-ao-ano,1ec32669d8de09d130eff7a9a910052cyhumsdxl.html>>; Hoje em dia: “Tatuadores expandem negócios em plena recessão econômica”. <<http://hojeemdia.com.br/almanaque/tatuadores-expandem-negocios-em-plena-recessao-economica-1.374788>>.

² Brasil Econômico: “Negócios: mercado de tatuagem vai além da arte e cresce durante a crise”. <<https://economia.ig.com.br/2017-10-26/negocios-mercado-tatuagem.html>>.

³ O Globo: “Com atendimento diferenciado e desenhos exclusivos, tatuaria faz sucesso em Vila Isabel”. <<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/com-atendimento-diferenciado-desenhos-exclusivos-tatuaria-faz-sucesso-em-vila-isabel-16400945>>; “Exame: “Por que a lista de espera deste tatuador dura mais de 2 anos”. <<https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/este-tatuador-tem-uma-lista-de-espera-de-2-anos-e-nao-sai-barato/>>; Veja: “Artistas plásticos e ilustradores fazem tatuagens de ‘grife’”. <<https://vejasp.abril.com.br/consumo/tatuagem-grife-artistas-plasticos-ilustradores>>.

mais significativas ocorridas no meio nas últimas décadas. A tatuagem esteve historicamente relacionada a “grupos masculinos” e jovens, contudo, o trabalho de Osório (2005a) verificou que a maioria da clientela dos estúdios de tatuagem na cidade era composta por mulheres, que não fazem parte de “tribos urbanas” ou outros grupos comumente ligados a juventude. A autora relaciona as classificações e implicações sobre a diferenciação de gênero considerando o recorte de geração enquanto princípio estruturador das relações sociais, ainda que sua ideia seja a de repensar a tatuagem como prática da juventude. A partir da análise quantitativa de fichas cadastrais de dois estúdios de tatuagem, Osório indica que o público da tatuagem era majoritariamente de mulheres (jovens, mas também adultas e idosas), o que seria diferente do que fora observado até então. É interessante que, ainda que constituíssem a maioria entre os clientes, “as mulheres e o que é considerado feminino neste ambiente [dos estúdios de tatuagem], são vistos como espécie de exceções” (OSÓRIO, 2006a, p. 73). Débora Leitão (2004a) já havia apontado fato semelhante em Porto Alegre. Em sua descrição a maioria do público que fazia tatuagens era também composta por mulheres, que utilizavam tal modificação corporal como forma de embelezamento e cuidado com o corpo.

Ao ingressar no mestrado no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 2016, meus interesses de pesquisa já estavam orientados para o tema da tatuagem tendo, em um período anterior a isso, realizado o trabalho de conclusão de curso da graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense sobre tatuagem e gênero. A partir de um estudo etnográfico realizado entre os anos de 2011 e 2014, abordei questões relativas à noções de autonomia sobre o corpo e feminilidade, assim como o embelezamento deste corpo, entendido como feminino por parte das entrevistadas, através da adoção de “tatuagens femininas” ou “tatuagens de/para mulher”. Esses termos foram utilizados pelos e pelas interlocutoras durante trabalho de campo realizado em um estúdio de tatuagem na cidade de Niterói - RJ. No decorrer desse período, conduzi 25 entrevistas com mulheres entre 18 e 65 anos com empregos, estados civis, raças e etnias, classes sociais e configurações corporais distintas entre si. Essas pessoas com tatuagem faziam distinções entre elas mesmas e possuíam ideias específicas a respeito de tipos de tatuagem que consideram bons (ou aceitáveis), os locais do corpo que deveriam tatuar, além de uma gama de imagens que poderiam ser adotadas ou não; isso tudo teria a ver com ideias sobre feminilidades que consideravam aceitáveis e desejáveis - isso segundo e para elas mesmas. Foi a partir dessas entrevistas que passei a considerar em que medida as tatuagens, entendidas enquanto expressão da subjetividade autônoma pelas entrevistadas, não seriam marcadas pelas imposições e constrangimentos das regras sociais interiorizadas pelos sujeitos, ideia que se tornou a questão

central da presente dissertação. Interessa pensar de que forma as questões entre as tatuagens e as dinâmicas de poder do racismo, do sexismo e das relações de opressão de classe se intersectam.

Tatuagem e gênero no Brasil na década de 2010

Existe uma grande quantidade de estilos e formas de tatuagens que se distinguem entre si pelos tipos de desenho (que podem ser imagens ou escritos), cores, referências e técnicas empregadas. Alguns dos estilos mais conhecidos são o *old school* (com contornos grossos e uma gama de cores básicas: preto, azul, verde, amarelo e vermelho), o *realismo* (retratos de pessoas, paisagens, obras de arte, animais, etc.), o *tribal* (linhas grossas, bem definidas e pretas), as tatuagens em *aquarela* (que emulam pinturas feitas com tinta aquarelada), o *pontilhismo* (imagens construídas com pontos) e as *geométricas* (feitas a partir de imagens geométricas complexas ou simples).

Em tempo, é importante destacar que a “tatuagem feminina” não é um estilo propriamente dito, mas faz parte de um referencial compartilhado por pessoas que possuem, pensam e/ou trabalham com tatuagens e consiste na principal diferenciação entre as categorias de tatuagem, como pude observar: a tatuagem e a tatuagem feita em mulheres. Dentre os aspectos atribuídos a este tipo de tatuagem estão a característica da beleza, as noções de escolha ou autonomia das mulheres em relação a seus corpos e o aumento em sua autoestima ocasionadas pelo seu uso. O tipo “tatuagem” é tido como neutro, mas indica as tatuagens feitas em homens. Autoras como Hirata et al. (1995), Chabaud-Rytchter et al. (2014) e Bourdieu (2011) apontam que a identificação do que é considerado enquanto masculino como neutro é dado significativo que ilustra uma das diversas formas da dominação masculina: ela denota relações de desigualdade de gênero ao instituir o masculino como universal. A visão androcêntrica do mundo é naturalizada e faz parte da estruturação de práticas de distinção e diferenciação (BOURDIEU, 2011). Existe ainda um outro tipo de tatuagem que se opõe ao “padrão”: a “tatuagem em pele negra”. Acredito que ele também deve entrar na discussão sobre supostas neutralidades- ou padrões de normalidade- quando se lida com o tema da tatuagem, e abordarei o assunto a seguir.

Em trabalhos recentes sobre tatuagem que abordam a questão de gênero, pesquisadoras e pesquisadores tratam do assunto de forma a evidenciar diversos aspectos, principalmente aqueles que dizem respeito a construção e manutenção de identidades e como diferentes indivíduos vivem suas experiências com a marcação corporal. Barros (2014) investiga a tribo

urbana das “piriguetes” em Recife, afirmando a ambiguidade entre pertencer a um grupo e afirmar sua individualidade por meio de ações e discursos, entre eles, a tatuagem. Para a autora, a expressão de identidade de certos grupos urbanos contemporâneos é ligada pelos símbolos carregados pelos integrantes, que os unem aos demais (BARROS, 2014, p. 30). O termo “piriguite”, pejorativo a princípio, é adotado por mulheres – notadamente heterossexuais- que têm fazem uso de seus corpos adotando indumentárias específicas, comportamentos e gestos que evidenciam “seu poder de sedução”, marcando o corpo “como expressão evidente de sua sexualidade” (BARROS, 2014, p.32). A tatuagem aparece como componente característico do grupo, seguindo padrões nos temas (frutas, estrelas, personagens infantis, temática religiosa, entre outras) e locais do corpo (nuca, cóccix, nádega, seio, etc.): a intenção é que a tatuagem seja “sexualmente provocante”.

Andrade (2015) aborda os preconceitos e a estigmatização acerca da tatuagem que atingem mulheres heterossexuais de classes populares, argumentando que a autonomia e liberdade em relação ao corpo é cerceada por pertencerem a uma classe menos favorecida, assim como a sua “condição de ser mulher”. Esse cerceamento aparece tanto nos desenhos em si quanto nos locais em que são adotados, geralmente definidos pelos namorados ou maridos. Os desenhos e lugares “discretos” serviriam para afirmar padrões tidos como “mais aceitáveis” pela sociedade, que envolvem a diferenciação entre mulheres em basicamente dois modelos: a mulher pertencente ao “sexo frágil” e a mulher “considerada fatal, sedutora”, sendo o primeiro grupo considerado positivamente e o segundo de forma negativa. Andrade observou que a maioria de suas interlocutoras se preocupavam e temiam represálias em relação a suas tatuagens, especialmente na busca por emprego e “julgamento” da sociedade. Grande parte delas adotou (e adota) tatuagens pequenas como forma de estratégia para esconder o desenho sem abrir mão de se marcarem. As temáticas fazem alusões à delicadeza, evidenciando uma “submissão simbólica” nas formas de vivenciar o corpo considerado feminino. Outro ponto de seu trabalho é o fato de que essas mulheres não priorizaram a “qualidade da tatuagem” por conta dos preços altos associados ao procedimento quando entendido enquanto uma arte. As classes dominantes privilegiariam a qualidade e não necessariamente a quantidade e, por serem detentoras de valores e códigos específicos, julgariam as marcas corporais de quem não se enquadra em seus critérios. As marcas consideradas “inapropriadas e banais” estão diretamente relacionadas a preços baixos, conforme aponta a pesquisadora. Para as classes populares a tatuagem significaria mais uma transgressão do que uma expressão artística, denotando regulações das subjetividades de acordo com a fração de classe na qual estão inseridas (ANDRADE, 2015, p. 20).

Pereira (2016) discute a identidade em seu sentido relacional, destacando que as tecnologias do eu implicadas na expressão dos sujeitos através da tatuagem indicam as posições sociais dos mesmos. Nesse sentido, observa como posições geracionais, de gênero, de raça e de classe podem ser reiteradas, reafirmadas ou questionadas nos processos de identidade, marcados pelas diferenças na cidade de São Carlos (PEREIRA, 2016, p. 120). No que diz respeito ao gênero, Pereira atribui uma equalização entre gêneros nesse universo para pensar a passagem da tatuagem de uma “marca predominantemente masculina” para algo adotado tanto por homens quanto por mulheres nas últimas décadas. Em sua pesquisa destaca ainda as “diferenças entre os gêneros [que] foram criadas na hora de fazer uma tatuagem” (PEREIRA, 2016, p. 125), que se davam sobre a localização no corpo, associadas a partes consideradas masculinas ou femininas e sobre o desenho em si (tamanho, traço e temas). Mulheres, que prefeririam aquilo identificado por elas como feminino, adotavam tatuagens menores e com traços mais finos do que os homens, mesmo quando tinham a mesma ideia sobre o desenho – como a homenagem a um filho, por exemplo. Ela descreve como um casal escolheu tatuagens significativamente diferentes a partir de uma intenção em comum, a de escrever o nome do filho no antebraço. A mãe adotou uma fonte menor e “mais delicada” que o pai, desenhando um boneco de cerca de 2 cm ao lado da escrita; a tatuagem do pai ocupou todo o antebraço e não possuía figuras, apenas a escrita.

Zanco (2017) propõe uma breve trajetória da tatuagem enquanto linguagem “que circula nos jogos de poder, de controle, de interesse” (ZANCO, 2017, p. 69), indicando a existência de diferentes maneiras de subjetivação presentes entre os adeptos da tatuagem. Partindo do seu uso enquanto prática milenar ligada a marcação de posições sociais, adorno do corpo e funções biológicas de cura, Zanco discorre sobre as reelaborações acerca da mesma no contexto urbano contemporâneo. Para ela, o corpo de uma “mulher tatuada” pode ser um corpo “forte, vibrátil e que incomoda” (ZANCO, 2017, p. 75), existindo estigmas associados a ele, como o da promiscuidade. Existem também as mulheres que adotam “tatuagens de mãe”, que indicam seus romances (casamento) e prestam homenagem aos filhos. Estas são aceitas e até admiradas por uma parcela da sociedade, sendo “femininas e discretas”. Para a pesquisadora, tais marcas estão de acordo com discursos patriarcais de domínio e delimitação de regras impostas aos corpos, sendo as mulheres que as carregam “mais aceitas em ambientes corporativos porque agradam os olhares masculinos: um porta-retratos vivo do amor pela família e pelos filhos” (ZANCO, 2017, p.75).

A presente dissertação tem como objetivo entender as tatuagens (ditas femininas) enquanto marcas distintas no processo de construção de subjetividades em contextos culturais,

temporal e historicamente situados, atentando para a interseccionalidade dos marcadores sociais da diferença. Se faz necessário, a partir disso, explicitar que questões dos “gostos pessoais” e escolhas individuais dialogam com as subjetividades, com o corpo e com as identidades de forma que são intimamente relacionadas à experiência das relações sociais (BRAH, 2006). As motivações político-acadêmicas para o trabalho em curso partem da noção de que categorias como gênero, classe e raça são primordiais para o estudo da sociedade, suas instituições e sistemas de poder que produzem desigualdades. Enxergar a interseccionalidade dessas categorias é atentar para as conexões sociais entre elas, assim como os pilares que as estruturam e são estruturados por elas. Jota Mombaça aponta que a proposta é evidenciar o que é considerado enquanto norma; é fraturar o “nós”.

Muitas das reflexões que desenvolvo foram despertadas no decorrer de vários anos, o que me leva a considerar o trabalho de campo também como um processo que não se encerra em entrevistas, observação participante ou outros. Aqui, cabe pontuar que sou uma mulher cisgênero⁴, branca e de classe média e possuo quinze tatuagens de diferentes tamanhos e estilos. Convivo com o fato de ser constantemente interpelada acerca de tatuagens: ouço perguntas sobre as motivações e significados das que possuo, pedidos de dicas de tatuadoras e tatuadores ou cuidados com a pele pré e pós sessões, histórias sobre parentes, amigos ou conhecidos que possuem tatuagens, confidências de desconhecidos sobre experiências que viveram, seus desejos e noções acerca de um imaginário construído em torno das tatuagens.

Para pensar um “trabalho de campo contínuo”, utilizo a leitura de Karina Biondi (2010) em que:

as coisas não me foram todas dadas a conhecer em períodos delimitados, em segmentos da pesquisa de campo passíveis de serem descritos. Muitas me passaram despercebidas, outras sem importância ou relevância, a ponto de eu sequer me preocupar em tomar nota. (...) Mas tempos depois, ao vivenciar outras experiências, situações ocorridas em alguns daqueles dias eram requisitadas a se unir a novas informações e compor dados importantes para a pesquisa. Aquelas informações ganhavam, então, visibilidade e importância, pois eram fundamentais à elucidação do que estava acontecendo (BIONDI, 2010, p. 24)

Ainda:

uma ida a campo muitas vezes não se encerra em si mesma, pois é composta por muitas outras experiências, observações, tempos e espaços que são chamados a conferir àquele momento alguma inteligibilidade. Em outras palavras, a compreensão da experiência vivida depende muitas vezes de sua mistura com experiências passadas. A trajetória desta pesquisa permite enxergar meu trabalho de campo não

⁴ “A pessoa cisgênero é aquela que é tida como normal pelo sistema de atribuição de gênero que se baseia na conformidade da identidade em relação à expectativas formuladas de acordo com o genital do indivíduo. Um homem cisgênero é aquele cujos genitais são entendidos como masculinos (pênis e testículos), por exemplo” (SILVA, 2017, p.5). Para saber mais sobre o tema ver: Mattos e Cidade (2016); Vergueiro (2015)

como um período limitado de tempo num espaço determinado, mas como um estabelecimento de conexões que extrapolam os limites do tempo e do espaço do campo (Ibid).

A contínua interpelação sobre tatuagens no dia a dia serviu para pensar as diferentes formas em que poderia me aprofundar no tema, tendo seguido uma metodologia triangulada durante os segundos semestres de 2016 e 2017 baseada em: 1) realização de entrevistas com clientes com um perfil determinado; 2) idas a eventos pontuais chamados *flashdays*; e 3) visitas a três estúdios de tatuagem na cidade de Niterói.

Entrevistas

As entrevistas tiveram como fio condutor as narrativas das entrevistadas acerca das próprias experiências com tatuagens, atravessando temas sobre os processos individuais de fazer uma tatuagem, o que pensavam sobre as mesmas e sobre “tatuagens no geral”. Através do contato estabelecido com uma entrevistada a partir de amigos em comum, adotei a técnica *bola de neve* em que algumas das participantes me passaram os contatos de outras pessoas que poderiam participar da pesquisa. Outras participantes foram abordadas diretamente por mim já que faziam parte de grupos de conhecidos⁵. Conversei com pessoas que moravam ou frequentavam a cidade de Niterói, eram mulheres cisgêneras, brancas, universitárias, bissexuais ou heterossexuais, na faixa etária entre 20 e 30 anos e que tinham pelo menos uma tatuagem. Elas possuíam diferentes níveis de envolvimento com tatuagens: quantas vezes tinham sido tatuadas (sessões ou horas); quantidade de pele coberta (tamanhos de tatuagem, assim como quantidade); a idade que tinham quando tiveram o primeiro contato com a prática e etc.

Pretendi investigar como pessoas que se auto definem como mulheres brancas e cisgêneras, no contexto das relações de poder e dominação de gênero, raça e da (cis) heteronormatividade entendem as tatuagens, tendo em mente que alguns pesquisadores falam sobre uma suposta “desmarginalização” da tatuagem, afirmando que hoje em dia por ser considerada um “adorno comum” nos meios urbanos a mesma seria “mais aceita”. O que poucos marcam é como as diretrizes dos processos de legitimação da tatuagem enquanto práticas são construídas a partir da associação da mesma aos campos e mercados da arte, do comércio e da saúde, como aponta Pereira (2016, p. 44). Esse entendimento guiou meu interesse para a abordagem dos estudos críticos da branquitude, pelo meio dos quais busquei entender aquilo que é entendido enquanto “posição neutra” na dinâmica das relações raciais presentes no uso

⁵ Amigas, namoradas e irmãs de amigos próximos. Pessoas que frequentam os mesmos bares, shows, etc.

da tatuagem: os corpos brancos. A racialização desses corpos, entendidos enquanto padrão de existência e humanidade é o ponto chave desses estudos. É uma tentativa de nomear privilégios, de quebrar noções naturalizadas e de não fortalecer/manter hierarquias raciais, constantemente negadas na sociedade (SCHUCMAN, 2014).

Foi possível encontrar com 13 das pessoas que contatei durante o ano de 2017. As entrevistas foram baseadas em roteiros semiestruturados e duraram entre 30 minutos e 1h40 minutos. Algumas das entrevistadas encontrei em cafés, outras em suas casas: marcamos em lugares de fácil acesso para ambas as partes, prezando pela privacidade e disponibilidades. Como Leitão (2004a), creio que o fato de eu mesma ter tatuagens, ser branca e ter um perfil semelhante ao das entrevistadas possa ter ajudado a criar diálogos importantes. Não era vista como “alguém de fora”, e isso pareceu se repetir nas idas aos estúdios e eventos do meio. Durante as entrevistas, diversos temas sobre a relação entre tatuagem, subjetividade e feminilidade foram levantados, estando eles citados no roteiro ou não. Discursos a respeito de vontades, estética, desejo de diferenciação e singularidade, negociações e a aceitação do uso da tatuagem foram recorrentes.

A entrevista com Maria, que apresento no capítulo dois foi uma das que abrangeu mais questões e durou mais tempo. Ela foi uma das pessoas, do grupo de conhecidos, que aceitou participar da pesquisa e acredito que a fluidez da conversa tenha se dado por conta de vivências semelhantes, como morar na mesma cidade, estarmos na mesma faixa etária ou por já sabermos de alguma forma com quem estávamos trocando. Outras entrevistadas que não conhecia e foram apresentadas por outros aparentavam estar menos confortáveis que ela, a princípio. Em uma ocasião, uma delas me disse que “não havia estudado” sobre o tema para responder às questões adequadamente; em um primeiro momento, algumas agiram como se eu estivesse esperando um tipo de resposta “correta” ou “bem desenvolvida”. Apesar disso, conseguimos reverter essas “barreiras” iniciais, sendo primordial para o desenvolvimento das conversas a troca de perguntas objetivas como “onde são as suas tatuagens?” ou “como elas são?” para “me conta a história dela(s)?”.

Flashdays

Os *flashdays* de tatuagem que acompanhei tinham como características principais: temáticas específicas; a presença de tatuadoras e tatuadores de diferentes estúdios e estilos; a realização de outros serviços no mesmo espaço (como aulas de dança, alimentação, entre outros); um horário delimitado de funcionamento, com o atendimento aos clientes estabelecido

a partir da ordem de chegada dos mesmos; e, o mais importante, a disposição de desenhos já finalizados para que as pessoas presentes pudessem escolher entre eles o que iriam tatuar e com quem. As tatuadoras e tatuadores reúnem suas ilustrações em um espaço pré-estabelecido, deixando-as à mostra e devidamente identificadas. Nesses eventos as relações estabelecidas entre clientes e profissionais do ramo costumam se dar de forma mais rápida do que no dia a dia dos estúdios de tatuagem. As tatuagens são feitas em maior fluxo, com a presença de observadores e acompanhantes, e em meio a outras atividades; não costumam ser em ambientes privados. Esses aspectos contribuiriam com minha intenção de acompanhar muitas interações com clientes e tatuadora/es diferentes em um curto período de tempo. A média de tatuagens feitas por pessoa que trabalhava nos estúdios que frequentei era de seis por dia. Já nos *flashdays*, subia para dez. Durante a semana, em dias sem eventos, muitos estúdios funcionam por períodos além do horário comercial, dependendo da agenda de cada tatuador(a). Nos *flashdays* esse período pode diminuir significativamente; de doze para seis horas. Além disso, existe uma garantia de que não ocorrerão sessões de tatuagens muito longas – muito menos seguidas. Isso se dá pela oferta dos desenhos de tamanhos predeterminados e pela lógica de funcionamento que observei nesses eventos: a priorização de desenhos considerados pequenos, entre 10 e 15 centímetros. Sessões longas em sequência costumam ser apontadas pelas profissionais como processos desgastantes, especialmente quando acontecem sem intervalos.

Por estar habituada a ir em estúdios de tatuagem como cliente e por ter feito o trabalho de conclusão de curso da graduação nesses ambientes, surgiu uma preocupação de que poderia estar acostumada às dinâmicas do dia a dia desses locais. O intuito em acompanhar esse tipo de evento foi frequentar um espaço diferente em que tatuagens estivessem sendo feitas. Depois da ida a esse evento e a outros do gênero, voltei a frequentar estúdios em dias “normais” com outras questões em mente. A dinâmica entre clientes e profissionais em relação às tatuagens começou a se tornar mais evidente. Os locais do corpo a serem marcados, as dimensões dos desenhos e as cores utilizada nas mesmas: tudo isso enquanto resultado de conversas que envolvem trocas e negociações entre as partes ficou mais nítido a partir da observação nesses eventos.

Estúdios

Realizei observação participante em três estúdios de tatuagem, todos localizados na cidade de Niterói: dois em Icaraí e um no centro da cidade. Nas idas a estes estúdios, acompanhei diversas sessões de tatuagens com tatuadoras e tatuadores assim como o dia a dia dos mesmos.

No início da pesquisa percebi que haviam diferenças nos discursos sobre estúdios e essas diferenças eram consistentes o suficiente para pensar em categorias específicas de estúdios, baseadas na localização dos mesmos: estúdios de galeria, estúdios “na rua”, estúdios em prédios comerciais (com consultórios) e estúdios em casa (*home studios*). As diferenças entre eles não se dão apenas por suas localizações, há também uma diferença na clientela: os que procuram tatuagens “comerciais” (comuns) e as “artísticas”. Os três estúdios eram diferentes entre si, sendo um de rua (Icaraí), um de galeria (Icaraí) e um em prédio comercial (Centro). Pereira (2016) aponta que os tatuadores em São Carlos dividem as tatuagens entre comerciais e artísticas a partir basicamente da atribuição de significado que as segundas teriam e as primeiras não –seriam motivadas por modas, o que implicaria na inferioridade das mesmas, fato que também observei. Em um primeiro momento, entrevistei tanto clientes quanto profissionais da área, mas conforme as questões foram se apresentando decidi focar nas entrevistas a partir do ponto de vista das clientes, tendo em vista a demanda por reflexões e aprofundamentos distintos dos dois grupos. Por mais que existam questões pertinentes levantadas a partir do trabalho de campo feito nesses três estúdios a maior parte das reflexões se deu em cima das entrevistas concedidas por essas treze mulheres clientes. Ainda assim, ocorreram situações nos ambientes especializados que foram significativas para os rumos da pesquisa, que descrevo a seguir.

Cenas nos estúdios

Cena 1

Acompanhei a sessão de uma mulher que estava fechando a parte externa do braço direito com um dos tatuadores mais antigos da casa (estúdio B). Era a sua terceira tatuagem e retratavam flores realistas em preto e cinza. Estavam na quinta hora consecutiva da feitura da tatuagem que haviam idealizado no dia. Ela disse ter muita vontade de ter tatuagens coloridas, mas que sabia que na sua cor de pele (“morena, mas não muito”) as cores “não ficavam boas” pois “pareciam um borrão” depois de cicatrizadas.

Conversamos sobre isso e perguntei o motivo de ter chegado àquela conclusão, ao que me respondeu que era “consenso” entre os profissionais que havia procurado. Um inclusive havia dito que só faria uma tatuagem colorida se ela assinasse um termo se responsabilizando pela tatuagem que ficaria “feia”. Depois dessa ocasião disse ter se convencido, mas ainda assim “tinha um sonho” de ter um desenho com cor. Nesse momento, o tatuador entrou na conversa

e afirmou que ela estava certa e foi irredutível ao alegar que o resultado “desse tipo de tatuagem” era ruim, por isso também tentava persuadir seus clientes a não as fazer.

Ao longo da sessão a cliente passou a procurar fotos no Pinterest, no Google e no Instagram⁶ de “tatuagens em pele negra” e mostrava as coloridas para mim e para o tatuador, que parecia desconfortável com a insistência na questão. Terminada a tatuagem do braço, ela perguntou se havia tempo de fazer outra- uma maçã colorida “bem pequenininha e simples” no quadril, e que se responsabilizaria caso não ficasse boa. O tatuador disse que poderia fazer, mas antes de começar a segunda tatuagem, já com a bancada pronta, perguntou uma última vez se ela tinha certeza. A resposta foi positiva. Ele sugeriu que a fizessem na altura da “marca do biquíni”, já que a pele nessa região era mais clara do que a do quadril. Ela aceitou a sugestão e combinaram que a tatuagem custaria o preço mínimo do estúdio.

A maçã levou menos de dois minutos para ser feita. Enquanto a cliente se encaminhava para a recepção para pagar pelo serviço, o tatuador comentou comigo que sabia que ela não ficaria satisfeita quando “envelhecesse” e que só concordou por conta do tamanho pequeno. Sendo pequena a tatuagem não tomaria muito do seu tempo e ficaria “escondida”, o que poderia ajudar a diminuir qualquer transtorno ou incômodo que ela poderia trazer.

Cena 2

Estava na sala de tatuagens do estúdio A conversando com a proprietária sobre sua trajetória profissional enquanto as duas tatuadoras do local atendiam duas clientes, uma delas acompanhada por uma amiga. Ao todo, havia sete pessoas na sala, interagindo em três grupos distintos, cada um com assuntos diferentes. A uma certa altura, ouvi um comentário que se destacou em relação ao volume das demais conversas. Era uma das tatuadoras dizendo o seguinte:

Isso que dá procurar o mais barato. O profissional bom precifica a tatuagem com aquilo que sabe fazer: tatuagem que é bonita e bem-feita é mais cara mesmo. Tatuagem não é necessidade, não existe urgência pra fazer nada, não sei porque as pessoas não se programam e juntam dinheiro. Aí faz com um tatuador qualquer, fica ridículo assim e acabam gastando mais pra cobrir. Sem contar que não faço cópia, é coisa de gente que não é tatuador mesmo.

Perguntei sobre o que estavam falando e, ao responder, a amiga de uma das clientes me passou seu celular para mostrar uma suposta troca de mensagens entre duas pessoas, uma cliente

⁶ O primeiro e o terceiro são redes sociais baseadas no compartilhamento de imagens como fotos, desenhos e pinturas. O segundo é uma empresa de serviços online, mas no contexto se refere a ferramenta de pesquisa.

e a uma tatuadora, compartilhada em uma postagem por diversas pessoas em sua rede social. A primeira mensagem foi enviada pela cliente. Perguntava quanto a tatuadora cobraria por um desenho de um leão. Em seguida, havia uma foto da tatuagem que tinha escolhido, deixando claro que queria fazer exatamente da mesma forma e no mesmo lugar do corpo (um leão preto e cinza, no estilo geométrico e com linhas finas na panturrilha). A tatuadora respondeu que poderia usar a foto como modelo para criar outra tatuagem e que aquele estilo, tamanho e local ficariam em R\$400 reais. A primeira agradece pela informação e diz que o valor está fora de seu orçamento, encerrando o primeiro contato. Alguns dias depois a cliente enviou outra mensagem, dessa vez com a foto de uma tatuagem que teria feito com outro tatuador que cobrou R\$50 pelo serviço, falando que estava desesperada com o resultado porque estava “muito feio” e que precisava “ajeitá-la” o mais rápido possível. Perguntava se a tatuadora conseguiria “ajudar” e quanto custaria. A postagem com a troca de mensagens trazia um comentário da tatuadora em que a mesma perguntava a outras profissionais da área sobre a melhor forma de responder, pontuando que estava chateada com o fato da cliente ter procurado outra pessoa “simplesmente por conta do preço”. Indagava também se deveria ou não fazer o trabalho, dada a dificuldade técnica de fazer o que estava sendo pedido, associado ao seu desconforto.

As duas tatuadoras do estúdio, assim como as duas clientes que estavam sendo tatuadas no momento reagiram de forma semelhante, julgando de forma bastante negativa a atitude de quem opta por um tatuador que cobra um preço abaixo do que julgam que um tipo de trabalho vale. A cliente da troca de mensagens estaria duplamente errada, pois além de ter escolhido em cima do preço mais baixo, havia dado preferência a um homem em detrimento de uma mulher profissional.

Cena 3

Durante um intervalo em que não estava trabalhando, uma tatuadora conversa com uma cliente-amiga. A segunda diz que quer fazer uma tatuagem “bem feminina”, que combinasse com um “vestidinho rosa” que acabara de comprar para ficar “bem garota” em um evento que aconteceria em breve. O diálogo me causa estranhamento e observo brevemente a cliente, que parecia ter entre trinta e trinta e cinco anos. Ela usava calça jeans reta, sem lavagem ou detalhe, uma blusa pólo preta- que talvez fosse o uniforme de alguma empresa- média cerca de 1,70 de altura, tinha reflexos loiros no cabelo escuro liso que ia até o meio das costas, que estava solto. Usava aparelho nos dentes e tinha uma tatuagem visível no pulso, uma palavra ou frase que não

consegui ler de longe. Momentos depois a cliente deixou o estúdio, encerrando a conversa ao se despedir da tatuadora.

A ideia do comentário não era nova para mim. A aproximação entre tatuagem e noções sobre feminilidades acontecia de forma recorrente. O estranhamento se deu pois até aquele momento, entretanto, os posicionamentos das interlocutoras em relação ao uso da tatuagem e motivações estéticas específicas (com dimensão de gênero) não tinha sido tão explícito, ou pelo menos não daquela forma. No dia a dia nos estúdios, falava-se muito sobre a espessura de traços, cores e estilos de tatuagens, assim como significados e representações pessoais que cada uma atribuía aos desenhos e escritos, mas não sobre a imagem (ou desejos) que tinham de si a partir dos atravessamentos das estruturas sociais.

Na primeira cena vemos uma cliente que insiste em fazer uma tatuagem e um tatuador defendendo uma posição que tem sido debatida e questionada por outras e outros profissionais da área. Uma rápida pesquisa na internet revela uma profusão de reportagens, vídeos e fotos sobre o assunto, grande parte delas com dicas para o procedimento em peles negras, tanto para clientes quanto para tatuadores. Na segunda, a troca de mensagens em uma rede social suscita uma conversa no estúdio sobre o valor das tatuagens, assim como dá a entender a existência de uma etiqueta compartilhada por algumas pessoas no universo/mercado indicado. A terceira cena traz um sucinto diálogo que indica marcações de gênero no uso da tatuagem. No caso, o uso de um tipo de roupa e cor e a vontade de compor uma imagem entre a roupa e a marcação – talvez até uma forma de agir específica. As três cenas são relevantes pois influenciaram o meu olhar para as questões da pesquisa, dando corpo aos entrelaçamentos presentes nos discursos das entrevistadas, que abordo com mais profundidade. Existem pontos pertinentes às entrevistas que destoaram muito do que observei nos estúdios, sendo o mais gritante a utilização do termo “tatuagem feminina”. Ao iniciar as entrevistas, acreditava que essa categoria era amplamente usada e de forma determinada, pois era o que havia observado até então, tanto nas experiências prévias pessoais quanto em situações de pesquisa e em textos sobre o tema da tatuagem. Contudo, não foi isso que ocorreu. Apenas duas entrevistadas utilizaram o termo, ainda que todas tenham abordado noções sobre feminilidades e/ou estereótipos de gênero, ainda que a maioria afirmasse que “não existe nada intrinsecamente feminino ou masculino”. Esse dado me ajudou a questionar a noção da feminilidade como algo dado e razoavelmente estático, isto é, fez com que percebesse que existem mudanças ao longo do tempo no conceito e que essas mudanças não são as mesmas para todas as pessoas, assim como não são necessariamente assimiladas de formas similares. Esse movimento de questionamento evidenciou uma

necessidade objetiva de desnaturalização de ideias sobre gênero e a orientação do que escrevo é organizada em torno disso.

A estrutura da dissertação é formada por um primeiro capítulo de revisão bibliográfica, dois capítulos de análise dos dados e as considerações finais. O segundo capítulo aborda as experiências das pessoas que entrevistei: as motivações para se tatuarem, as relações com profissionais e outras pessoas e seus projetos individuais; já o terceiro trata de concepções sobre feminilidades, “gostos” e o uso da categoria “tatuagem feminina” pelas entrevistadas, bem como as inter-relações com a pele branca propostas pela leitura dos estudos críticos da branquitude.

1 CORPO, SUBJETIVIDADE E INTERSECCIONALIDADE

Este capítulo introduz uma revisão da bibliografia de três eixos temáticos: corpo, subjetividade e interseccionalidade. O primeiro eixo apresenta discussões sobre corpo simbolismo e identidade, terminado a seção com o tema “projetos corporais”, que situa a discussão do segundo eixo, em que são articuladas leituras e teorias já consolidadas sobre agência e projeto à noção de poder. No terceiro eixo é debatida a perspectiva interseccional e sua contribuição às discussões ao assunto estudado.

1.1 Corpo e simbolismo

Mauss (2003) inaugura os estudos na antropologia sobre formas de usar o corpo. As diferentes formas de parto, de sono, de caminhar, de comer e de higiene, entre outros, devem ser compreendidas como um *habitus*, que possui uma natureza social e que configura os múltiplos elementos nas formas de utilizar o corpo. Uma vez que tais atitudes e técnicas são incorporadas como costumes através de adestramento - de imitação norteadas pela eficácia da tradição, elas passam a não ser mais percebidas e são encaradas como naturais. As técnicas corporais definidas e postas em prática vão de acordo com especificidades culturais de cada grupo social. Mauss indica que as atitudes corporais são construídas e modeladas culturalmente. O corpo, no senso comum, aparenta ser livre. Contudo, é coberto por signos distintivos e constrangido por regras sociais que são interiorizadas pelos indivíduos, e por isso, é objeto e alvo do poder. Ele expressa narrativas individuais e coletivas simultaneamente.

No Brasil, o estudo de José Carlos Rodrigues (1979) foi um marco importante para se pensar o corpo e seus aspectos simbólicos. O autor apresenta um trabalho em que discute questões relativas a expressões específicas das sociedades e como as crenças, práticas, formas de agir e de pensar “significam mais do que a si próprios” (RODRIGUES, 1979, p. 1), pois possuem significados que não são apenas “instrumentais” ou explicados pelo funcionamento fisiológico do corpo. A partir do pensamento de antropólogos como Lévi-Strauss e Douglas, Rodrigues elabora seus argumentos para expor sua pesquisa acerca do nojo e suas expressões na sociedade da qual faz parte, atentando para o fato de que o corpo humano seria socialmente concebido. É essa concepção social que articula os principais pontos do autor pois estabelece

que o corpo não é tido apenas como algo entendido como “natural” ou puramente biológico⁷. O sentido sociológico do corpo se daria em:

Uma imagem inconsciente da sociedade em que te apresentam como “naturais” e “desejáveis” todo um sistema de pensamento e todo um sistema de poder, e como naturais e “indesejáveis” a negativa dele. Estaremos lidando com processos simbólicos, mais que com processos naturais, pois, como vimos, porque é elemento de um complexo social, o corpo é um complexo de símbolos; um sistema simbólico que porta sua mensagem, mesmo que os seus receptores e emissores não estejam ou não sejam conscientes dela. No corpo, a ordem fisiológica material se une à ordem ideológica moral, como signos nos quais se encontram e se reúnem o sensível e o inteligível, o significante e o significado. (...) A reação do nojo é exatamente o produto desta troca de valores entre o sensível e o inteligível (RODRIGUES, 1979, p. 130).

Como Lévi-Strauss, Rodrigues entende o comportamento humano enquanto uma linguagem, que seria estruturada pois o “espírito humano” precisaria dar sentido ao mundo. Esse sentido só seria possível através de sistematizações organizadas pela (e a partir) da cultura. Essa organização é o que possibilitaria a comunicação entre os indivíduos e se trata de um conjunto de normas que regem os valores e significações sociais trocados tanto dentro de um grupo quanto fora dele – o que ocorre de maneira distinta dependendo do contexto. Para Rodrigues, “as relações sociais envolvem crenças, valores e expectativas tanto quanto interações no espaço e no tempo. A Sociedade é uma entidade provida de sentido e significação” (RODRIGUES, 1979, p. 10).

Nesse sentido, a cultura é como um “mapa que orienta o comportamento dos indivíduos” (RODRIGUES, 1979, p. 11). Esses sistemas de representação regulam as interações humanas, ainda que sejam originados a partir das mesmas. Rodrigues entende a conformidade a esses sistemas de representações como que em um movimento lógico de assimilação, introjetada nos indivíduos pela “educação”. A representação teria um sentido intrínseco de classificação, organizando códigos (dimensões sensíveis) em comportamentos (dimensões inteligíveis), instituindo diferenças que permitem que o código se constitua em significantes; essa ordenação institui novos elementos, relações e dinâmicas no mundo que variam de acordo com pontos de vistas distintos.

O autor aponta que diferenças e contrastes são partes essenciais da atribuição de sentido, não possuindo caráter absoluto, e sim, constituindo movimentações de aproximação e

⁷ Autoras como Butler (2009, 2010) e Scott (1990) apontam a construção social marcada pelas relações de gênero do biológico, muitas vezes entendido como algo neutro, objetivo e universal. A pesquisadora Eliza Teixeira de Toledo, em aula ministrada no dia 11/0/2018 no curso de extensão "Corpo e Subjetividade: diálogos interdisciplinares" do CEPUERJ/UERJ destacou a importância de pensar as construções sociais acerca do que é entendido como biológico, citando Thayse Figueira Guimarães (2001): "a naturalização das diferenças sexuais e patologização das identidades sociais perpetuam regimes de verdade que relacionam corpos à expressões de gênero compreendidas como verdadeiras e/ou originais". O texto se encontra disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/2814/2861/>. Acesso em 21 jul 2018.

afastamento. Os comportamentos individuais se organizam conforme as normas coletivamente estabelecidas, podendo se conformar ou desviar das mesmas. As marcações corporais, nesse entendimento, também são vistas como linguagens, através de perfurações, queimaduras, ou outras ações em que os indivíduos imprimem signos (cicatrizes) no corpo seguindo disposições próprias de cada sociedade. Essa linguagem pode ser decodificada de acordo com a vida social, tendo como origem das práticas as expressões simbólicas, não sendo “instrumentais” ou funcionais de acordo com a fisiologia. Os signos são marcas de pertencimento aos grupos, são códigos que tem razões rituais ou estéticas, não biológicas (RODRIGUES, 1979, p. 63).

Um dos pesquisadores mais recentes sobre o tema do corpo na sociedade ocidental contemporânea é David Le Breton, tendo escrito livros a respeito de diversas reflexões possíveis em torno do corpo no “mundo moderno”, como o desenvolvimento da medicina e da modificação corporal, por exemplo. Para Le Breton (2013) a forma como o sujeito pensa e lida com o corpo tem essa implicação de separação entre um e outro, concepção essa ligada ao

avanço do individualismo enquanto estrutura social, à emergência de um pensamento racional positivo e laico sobre a natureza, ao recuo progressivo das tradições populares e locais, e ligadas ainda à história da medicina, que encarna em nossas sociedades um saber, de certa forma, oficial sobre o corpo (LE BRETON, 2013, p. 9)

Em uma entrevista sobre o tema, o pesquisador insiste na ideia de que as concepções contemporâneas ocidentais a respeito do corpo são fruto da individualização, existindo no indivíduo que muda sua aparência através de técnicas como a tatuagem ou cirurgias plásticas o desejo de “ter um corpo de si e para si” (DUARTE, 2010, p. 90), de acordo com suas motivações pessoais. Le Breton destaca a importância de modas e modelos instituídos por uma indústria do embelezamento que atingiriam de forma insidiosa mulheres, cuja relação com o corpo, a imagem ou a aparência são portadoras de um teor de (auto) valorização na sociedade. Dentro da perspectiva que valoriza abstrações em torno das tecnologias e as possibilidades de ação (simbólica e material) do indivíduo, Le Breton assinala o corpo como um lugar da flexibilidade da existência, afastando a suposta rigidez das identidades. Segundo o autor, o corpo:

considerado como representante de si, torna-se afirmação pessoal, bem visível, duma estética e duma moral da presença. Já não se trata de se contentar com o corpo que se tem, mas de modificar os seus fundamentos para o completar ou torná-lo conforme à ideia que se faz dele (...) é preciso acrescentar-lhe a sua marca própria para tomar posse dele (LE BRETON, 2004, p. 8).

Le Breton (2013) enfatiza o corpo como lugar da diferença e da distinção, sendo a existência dos indivíduos corporal, pois “viver consiste em reduzir continuamente o mundo ao seu corpo, a partir do simbólico que ele encarna” (LE BRETON, 2013, p. 7). Um dos pontos

que o autor levanta é o distanciamento dessa noção do corpo como indissociável da experiência no mundo, causado pelo dualismo do individualismo. Nesse sentido, ainda que o indivíduo moderno esteja distante desse entendimento: “as representações do corpo, e os saberes que as alcançam, são tributários de um estado social, de uma visão de mundo, e, no interior desta última, de uma definição de pessoa” (LE BRETON, 2013, p. 18).

1.2 Corpo e identidade

Giddens (2002) entende que o corpo na modernidade é visto como “lugar da interação”, e não como um dado natural, sendo associado a processos reflexivos que organizam a posição dos sujeitos no mundo. A aparência do corpo estaria inserida nesse contexto, cabendo a cada pessoa moldar o corpo de acordo com processos de formação de identidade. Esses processos são constituídos de mecanismos de auto identidade que por sua vez constituem e são constituídos pelas instituições da modernidade; nessa concepção, os indivíduos possuem um papel ativo no forjamento de suas auto identidades, não sendo estas determinadas rigidamente por influências externas ou por modelos pré-estabelecidos (GIDDENS, 2002, p. 9), havendo possibilidades de escolhas para os indivíduos – por mais que as mesmas sejam situadas de acordo com a posição social de cada um.

Um dos pontos que considero importantes para entender o desenvolvimento da argumentação de Giddens são suas indicações sobre aquilo que chama de estilo de vida e as implicações sobre o projeto reflexivo do eu, apresentado pelo autor. Os estilos de vida são formulados pelos indivíduos de acordo com as possibilidades de viver apresentadas a eles, possibilidades estas marcadas por uma gama de divisões da desigualdade social como as divisões de classe, gênero e etnicidade. Esses estilos de vida, contextualizados dentro de uma gama do que é possível para cada um, são entendidos como as escolhas cotidianas dos indivíduo que, através de decisões reflexivamente organizadas, formam suas trajetórias pessoais únicas ou, citando o autor, “narrativas biográficas coerentes” (GIDDENS, 2002, p. 12).

O termo abarca questões desde as práticas rotineiras do cotidiano às escolhas referentes aos planejamentos a longo prazo, e atenta que

falar de uma multiplicidade de escolhas não é o mesmo que supor que todas as escolhas estão abertas para todos, ou que as pessoas tomam todas as decisões sobre as opções com pleno conhecimento da gama de alternativas possíveis (GIDDENS, 2002, p. 80).

Nesse sentido, o projeto reflexivo do eu, ainda que seja constantemente revisado ou rearticulado

tem lugar no contexto de múltipla escolha filtrada por sistemas abstratos. Na vida social moderna, a noção de estilo de vida assume um significado particular. Quanto mais a tradição perde seu domínio, e quanto mais a vida diária é reconstituída em termos do jogo dialético entre o local e o global, tanto mais os indivíduos são forçados a escolher um estilo de vida a partir de uma diversidade de opções. Certamente existem também influências padronizadoras- particularmente na formação da criação de mercadoria, pois a produção e a distribuição capitalistas são componentes centrais das instituições da modernidade (GIDDENS, 2002, p. 13).

Para o pesquisador a maior “abertura” da vida social atualmente, proveniente de processos como o desenvolvimento dos meios de comunicação e o desencaixe das relações sociais, faz com que as articulações dos estilos de vida sejam cada vez mais importantes na constituição dessa auto identidade. A noção do eu é reiteradamente tratada como um projeto reflexivo em que o indivíduo se apropria de seu passado, organizando em seu discurso e ação aquilo que dá mais coerência aos seus planos e intenções. O corpo, nesse entendimento, é considerado como parte integrante do sistema de ação ao invés de ser considerado como objeto-passivo (GIDDENS, 2002, p. 76).

Foucault (1997) ao falar sobre as formas de controle do corpo, percebe o poder como um mecanismo produtor de subjetividades e comportamentos, que molda os sujeitos de modo que esses sejam continuamente “aperfeiçoados”, tornando-os cada vez mais úteis e obedientes. O poder atua enquanto um conjunto de técnicas que controlam o corpo, variando de acordo com seus contextos.

A abordagem de Foucault descentraliza o poder, não mais o vê como algo cristalizado ou detido em instituições ou figuras, como a da soberania; até então a eficiência do poder havia sido explicada através do seu caráter negativo, ou seja, como a capacidade de obrigar os indivíduos a fazerem aquilo que não desejariam espontaneamente. O autor não nega a existência de um poder rígido e imposto “de fora”, admitindo a possibilidade de convivência do poder em seus diversos graus evolutivos⁸. No texto, essa descentralização ou capilarização do poder na sociedade europeia é dada a partir de uma trajetória das formas de disciplina existentes ao longo dos séculos XVIII e XIX. É importante destacar que, diferentemente de mecanismos punitivos “repressivos”, que recaiam sobre a vida e a morte dos indivíduos da sociedade enquanto sanções, a disciplina do poder fragmentado atua no comportamento destes.

⁸ Para construir o argumento de um “novo tipo de poder”, que se consolida no século XX o autor faz uso da descrição de instituições como o exército, a escola, a prisão, as fábricas e os monastérios. A descrição e análise dessas instituições revelam as formas como são aplicadas as técnicas de disciplinas sobre os corpos naqueles contextos.

Essa atuação se dá diretamente sobre as formas normativas pelas quais os comportamentos são implicitamente impostos sobre os corpos, mostrando-se perceptível no controle sobre as formas de existir, o que produz a impressão de “internalização” destas normas.

Estendendo o entendimento do corpo na modernidade, Ortega (2008) atribui ao chamado culto ao corpo ou cultura somática, o efeito paradoxal de controle do corpo e produção de incertezas sobre o mesmo. O corpo deve ser pensado dentro de uma cultura e contexto históricos específicos, tendo em vista que adota os contornos desses contextos em que nascem e são orientados. Considerando as concepções dualistas sobre o corpo na sociedade ocidental desde a formação da perspectiva judaico-cristã⁹, que tem como base o pensamento grego, é possível notar um contínuo reforço da separação entre mente e corpo, caracterizado pela inferiorização do último. No momento histórico em que as (bio) tecnologias são desenvolvidas em um ritmo que sobrepõem e rearticulam as noções de “virtual” e “real”, o corpo é dotado de intenso investimento simbólico para que seja “aperfeiçoado” (ORTEGA, 2008, p. 13). Para Ortega (2008, p. 13):

precisamente devido à sobrevalorização e ao enorme investimento simbólico que vem sofrendo, o corpo tornou-se objeto de desconfiança, receio, angústia, insegurança e mal-estar para muitos: aceitamos apenas o corpo em transformação, em mutação constante. Uma suspeita do corpo que se transfigura em ‘pavor da carne’, desconfiança da materialidade corporal e desejo de sua superação. O corpo é o abjeto; a abjeção, neste contexto, deve ser entendida como rejeição corporal da corporeidade, que encontramos em vários modelos corporais de nossa cultura: desde os ideais descarnados de pureza digital das modelos fotográficas, das quais a mínima gordurinha é digitalmente eliminada, até os diversos projetos em realidade virtual, inteligência artificial, pós humanismos e a arte carnal de Orlan e Sertlac. Este último milita pela obsolescência do corpo e a superação das limitações que a corporeidade nos impõe, prolongando, assim, a longa tradição do pensamento ocidental de desprezo do corpo e de separação da mente e do corpo.

Descrevendo o ascetismo, o autor destaca a aproximação dessa noção de autocuidados em relação a suas práticas com a ideia de “práticas de si” de Foucault, relacionando ambas com o contexto da sociedade contemporânea que busca analisar as formas de subjetivação. Para Ortega (2008, p. 20), as práticas ascéticas, presentes na chamada antiguidade¹⁰, são opostas às práticas das “bioascese contemporâneas” pois as primeiras podem ser entendidas como “práticas de liberdade”, enquanto as últimas são consideradas como “assujeitamento” e “disciplinamento”. Segundo o autor, na sociedade contemporânea existe o que ele denomina de biossociabilidade, definida da seguinte maneira:

⁹ Considerada como predominante nas sociedades ocidentais contemporâneas, tendo sido privilegiada nos estudos sobre corporalidades, subjetividades, etc.

¹⁰ Referindo-se às antigas sociedades gregas, romanas e cristãs.

uma forma de sociabilidade apolítica constituída por grupos de interesses privados, não mais reunidos segundo critérios de agrupamento tradicionais como raça, classe, estamento, orientação política, como acontecia na biopolítica clássica, mas segundo critérios de saúde, performances corporais, doenças específicas, longevidade, entre outros (ORTEGA, 2008, p. 31).

E ainda:

na biossociabilidade criam-se novos critérios [distintos da noção de biopoder de Foucault] de mérito e reconhecimento, novos valores com base em regras higiênicas, regimes de ocupação do tempo, criação de modelos ideais de sujeito baseados no desempenho físico. As ações individuais passam a ser dirigidas com o objetivo de obter melhor forma física, mais longevidade, prolongamento da juventude, etc. (ORTEGA, 2008, p. 31).

A proposta do presente capítulo não é esgotar a totalidade das afirmações dos estudos citados e sim situar as questões em disputa acerca dos temas tratados nesta dissertação. Existem disputas conceituais no Brasil –e mundialmente- a respeito de temas como corpo e identidade. Por exemplo, caracteriza-se, por um lado, a questão da identidade e suas pautas políticas como “obsoletas” ou “superadas”, uma vez em que são apontadas enquanto “reduccionismos” que enclausurariam a realidade em “esquemas binários”. As pesquisas e escritos que são orientadas de acordo com esses preceitos afirmam um caráter pós-identitário das posições de gênero e sexuais¹¹ presentes na sociedade brasileira, enfatizando experiências consideradas contestadoras (de quebra ou extrapolação) das normas sociais instituídas, especialmente no que diz respeito a padrões de gênero e sexualidade.

Por outro lado, existe uma gama de autoras e autores que tratam como o corpo e as posições sociais continuam articulados, entre outros aspectos à dimensão racial, invocando a necessidade de reescrituras de estruturas epistêmicas com uma perspectiva racializada em que se questionem a universalidade, a neutralidade e a objetividade do conhecimento científico (KILOMBA, 2008)¹². Damaceno (2008) e Vimieiro Gomes (2012) abordam a relação entre a história de Sarah Baartman, mulher negra khoi-san sul-africana que foi exibida em *freak shows* e eventos científicos europeus, no início do século XIX, e o conceito moderno de raça. Damaceno (2008, p. 1) explica que este “caso toma importância, à medida que Georges Cuvier, seu ‘preceptor’, foi o cientista que protocolou, segundo Lilia Schwarcz (1993) o termo raça na ciência moderna”. Como descreve a primeira autora:

Sarah possuía, como muitas mulheres khoi-san, nádegas protuberantes (esteatopigia) que despertaram grande fascínio entre os viajantes e colonizadores europeus. As khoi-

¹¹ Que extrapolam ou escapam aos/dos esquemas binários, por exemplo.

¹² A tradução para o português foi feita por Anne Caroline Quiangala. Disponível no link: <http://www.pretaenerd.com.br/2016/01/traducao-quem-pode-falar-gradakilomba.html>. Acesso em: 26 jul. 2018.

san eram conhecidas também pela manipulação da sua genitália tornando seus grandes lábios hipertrofiados, apelidados de *tablier*, avental em francês. Se durante o período em que permaneceu na Inglaterra seu sucesso estava associado a sua exibição pública nos *freak shows*, na França, o fascínio pelo seu corpo assume ares de interesse científico. Saint-Hilaire, Blainville e Cuvier, a exibiam semi-nua em reuniões científicas onde mediam seu corpo, “observavam, desenhavam, escreviam tratados sobre, modelavam, modelavam em cera, escrutinizavam cada detalhe de sua anatomia.” (HALL, p.265.) Para Wiss (1994), foram pelas exposições públicas do século XIX que os europeus começaram a perceber a diferença. E notam ao escrutinar Sarah, que esta pode assumir um caráter racializado e sexualizado através do corpo. Se no século XIX o corpo europeu masculino representa a normalidade, o quê se não o corpo de uma mulher, negra, para representar sua radical alteridade? (...)Se Saartje servia no século XIX para marcar a diferença entre homens e mulheres, contribuiu também para que se constituísse a identidade masculina européia. Afinal como afirma Hall, “a identidade é construída através das diferenças”, do corpo como diferença. Mas o corpo é também uma construção “modelada e remodelada pela intersecção de uma série de práticas discursivas disciplinares.” (SCHWARCZ, 1993, p. 2).

Essa descrição ajuda a refletir sobre as articulações entre o corpo e as marcações de raça e gênero, que serão discutidas mais adiante no item 1.3.

1.3 Subjetividade: agência e projeto

Sherry Ortner (2007a, 2007b) e Gilberto Velho (2008) apresentam discussões aprofundadas e, ao meu ver, complementares, para se pensar o conceito de projeto. Velho (2008) aborda o tema dos projetos individual e social. A legitimação social, a capacidade de verbalização do projeto através do discurso, assim como a regência de normas e padrões que imbuem os projetos individuais são pontos-chaves em sua argumentação. O antropólogo desenvolve a ideia central de que

primeiramente, reconhece-se não existir um projeto individual “puro”, sem referência ao outro ou ao social. Os projetos são elaborados e construídos em função de experiências sócio-culturais, de um código, de vivências e interações interpretadas (VELHO, 2008, p. 28).

Diferentes temas seriam valorizados ou não em meios sociais distintos. Para o autor, as elites, “mais psicologizadas”, dão mais valor a temas como experiência individual e emoção. Isso faria com que: 1) existisse um compartilhamento de identificação (do que se espera) entre essas pessoas; e 2) o vocabulário –parte essencial da ideia do que seria compartilhado- seria mais “denso”, “cheio de matizes e meio-tons” (VELHO, 2008, p. 22). O projeto tem intencionalidade, um objetivo predeterminado e se dá de forma contextual, já que as escolhas são formuladas em momentos sócio-históricos específicos que possuem normas, padrões e/ou regras específicas. Os projetos são formulados dentro de um *campo de possibilidades*:

“circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção do indivíduo como os temas, prioridades e paradigmas culturais existentes” (VELHO, 2008, p. 27).

Ortner (2007a) articula o conceito de projeto à discussão sobre agência, marcando a distância entre a mesma e o conceito de ator ocidental autônomo. Os atores sociais não operam “resistindo” contra uma “estrutura”, que supostamente existiria em oposição às suas individualidades. Para ela, os indivíduos agem com restrições, uma vez que estão socialmente implicados em relações de poder, sendo a agência algo universal, existindo em todas as sociedades; a agência, por mais que seja estruturada de acordo com valores e significados contextuais, é algo que todos e todas possuem. A oposição indivíduo e sociedade é tida como superada; Ortner leva em consideração a “multiplicidade de relações sociais em que os agentes sociais estão enredados”, as quais não podem ser evitadas quando ou enquanto agem (ORTNER, 2007a, p. 47).

Sendo assim, metas e projetos individuais seriam culturalmente construídos – podendo ser intencionais ou não. A complexidade das relações sociais e especialmente das relações de poder dimensiona a subjetividade dos atores sociais, em uma “relação dinâmica, forte, e às vezes, transformadora entre as práticas de pessoas reais e as estruturas da sociedade, da cultura e da história” (ORTNER, 2007a, p. 50). Nesse sentido, a noção de subjetividade de Ortner (2007a)¹³ daria conta das formas de pensar e sentir compartilhadas/coletivas e individuais. O sujeito decide como agir –de forma intencional¹⁴- atendendo a

forças sociais e culturais [que estão] em jogo, em qualquer situação histórica, [e que] são infinitamente mais complexas do que pode ser captado quando se olham apenas as intenções dos atores (ORTNER, 2007a, p. 48).

Portanto, o conceito de agência está diretamente relacionado ao poder¹⁵, além de ser intimamente ligado à intencionalidade e à perseguição ativa de projetos, que são, por sua vez, culturalmente definidos (ORTNER, 2007a, p. 58)¹⁶. Nesse ponto, a autora destaca que a questão

¹³ “Conjunto de modos de percepção, afeto, pensamento, desejo, medo e assim por diante, que animam os sujeitos atuantes. Mas eu sempre me refiro, da mesma forma, às formações culturais e sociais que modelam, organizam e povoam aqueles modos de afeto, pensamento, etc.” (ORTNER, 2007b, p. 276).

¹⁴ É isso, entre outras questões, que marca a agência como parte de um processo, ou seja, algo distinto das ações sociais do cotidiano. A complexidade da discussão sobre consciência, motivação, desejos e intenção é minuciosamente destrinchada pela autora ao longo do texto. Tendo em mente que não poderia esgotar tais questões, considero importante ressaltar que a intencionalidade é tida como uma disposição geral das pessoas, mas que a noção sobre a *consciência* na teoria da ação é algo “mais problemático” (Ortner, 2006, p. 53).

¹⁵ Para Ortner, Giddens elabora em seus textos uma distinção entre poder e dominação, que contribui para sua conceitualização. O primeiro seria interpessoal, enquanto o segundo estrutural. “Obviamente, os dois níveis- ou modalidades- alimentam-se um do outro: as práticas de poder reproduzem a dominação estrutural, ao passo que a dominação estrutural permite e, poderíamos dizer, empodera as práticas de poder. Trata-se de um exemplo perfeito de um circuito prática-teoria da reprodução social” (ORTNER, 2007a, p. 62).

¹⁶ A autora distingue a agência de poder da agência de projetos (culturais). Em relação ao conceito de cultura utilizado no texto, ver: Ortner (2007a).

das subjetividades complexas costuma ser mais abordada em estudos de grupos dominados, especialmente aqueles marcados pela condição de sujeição das relações de gênero, explorando-se como essa condição “é subjetivamente construída e experimentada, tanto como as maneiras criativas pelas quais ela é- mesmo que esporadicamente- superada” (ORTNER, 2007b, p.381).

Retomando a discussão proposta por Velho (2008) sobre noção de *campo de possibilidades*, acredito ser importante destacar a singularidade da experiência individual diante de suas explicações sociológicas. O campo de possibilidades contextualiza o projeto, mas não o molda ou define rigidamente. Esse “mundo dos projetos” – já que os projetos individuais e sociais se encontram- é essencialmente dinâmico, “na medida em que os atores têm uma biografia, isto é, vivem no tempo e na sociedade, ou seja, sujeitos à ação de outros atores e às mudanças sócio históricas” (VELHO, 2008, p. 28). Ainda:

por mais que seja possível explicar sociologicamente as variáveis que se articulam e atuam sobre biografias específicas, há sempre algo irreduzível, não devido necessariamente a uma essência individual, mas sim a uma combinação única de fatores psicológicos, sociais, históricos, impossível de ser repetida *ipsis litteris*. Mas, mesmo que o ator viva a sua experiência como única, ele de alguma forma reconhece-se nos outros através de semelhanças e coincidências.

Neste sentido, a tatuagem pode ser compreendida – e vem sendo tratada- como um projeto corporal. Sanders (2008) publicou no final da década de 1980 um dos principais trabalhos sobre o uso de tatuagens na sociedade ocidental contemporânea classificando sua adoção e feitura enquanto uma prática social desviante, tanto no sentido de depreciação da maioria da sociedade quanto no de pouca frequência. Para Sanders, sua obra é um estudo que se localiza na sociologia do desvio, “considerando o seu foco na tatuagem enquanto uma marca que estabelece limites [delimitações], um sinal de pertencimento a subculturas, e um reforço potencial de identidade estigmatizada assim como prática desvalorizada, oficialmente regulada ou proibida” (SANDERS, 2008, p.11, tradução nossa). Ainda que considere que nos últimos 40 anos houve um aumento da popularidade da prática, assim como uma tentativa de inclusão da mesma no “mundo das artes legítimas”, para ele a tatuagem continua carregando um caráter de desvio. As orientações restritivas da marinha estadunidense e de empresas em relação ao seu uso, especialmente das que são aparentes (ou de pessoas “muito tatuadas”¹⁷), sustentam seu posicionamento. O caráter negativo associado a tatuagem por parte das indústrias médicas, psicoterapêuticas e de saúde pública, que a retratam enquanto uma prática perigosa e/ou como indicativo de patologias, também é apontado pelo autor.

¹⁷ Sanders utiliza o termo “heavily tattooed people”.

Para Sanders, ainda hoje nos Estados Unidos, como na época em que publicou seu livro, a profissão de tatuador(a) e as interações que ocorrem em um estúdio de tatuagem (*tattoo shop*) são profundamente ligados à questões de identidade social e ao significado simbólico da tatuagem para a pessoa que escolhe se tatuar. Por mais que exista uma diferença entre aqueles que têm o desejo “de chocar” ou distanciar-se simbolicamente da sociedade *mainstream* e os que usam a tatuagem de forma “conformista ou convencional” (SANDERS, 2008, p.xviii), a tatuagem continua sendo uma forma de comunicação simbólica.

A noção de *body project* é compreendida por Shilling (1993,1997), conforme citado por Atinkson (2002), como modificações deliberadas no corpo, no que diz respeito a tamanho, forma, aparência ou habilidades de movimentação, considerando que tais projetos são integrais e constitutivos das identidades ao longo da vida de um indivíduo. Existiria um encorajamento e expectativas sociais de que as pessoas se envolvessem em projetos corporais desde os considerados “rotineiros”, como cortes de cabelos, até os “fisicamente invasivos”, como cirurgias plásticas de aumento de seios.

1.4 Interseccionalidade

A interseccionalidade privilegia a contextualização dos enunciados e das relações sociais que se propõe a evidenciar, demonstrando a interconexão entre as formas de injustiça e como se produzem seus entrelaçamentos. Crenshaw (1989, 1993, 2002) cunhou o termo interseccionalidade em meados da década de 1990 ao escrever sobre situações de opressão impostas a mulheres negras nos Estados Unidos a partir de uma perspectiva feminista antirracista. Analisando a esfera jurídica, a autora explicita que gênero e raça eram entendidas como categorias excludentes em processos pautados por leis antidiscriminação e por isso acabavam por não abarcar a multidimensionalidade da vida de mulheres negras afetadas por ações racistas e sexistas¹⁸.

Por mais que a contribuição de Crenshaw seja inegável, restringir a ideia de interseccionalidade ao termo e ao seu uso na academia é apagar a as possibilidades e histórias das posturas críticas e práxis política que a ideia situa (COLLINS; BILGE, 2016). Segundo Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2016) a interseccionalidade é uma forma de entender e

¹⁸ Collins e Bilge (2016) apresentam as contribuições de Crenshaw de forma detalhada, assim como relembram a importância de outras agentes (individuais e grupos) que, em diferentes contextos sociais e históricos, atuaram no que chamam de “história da interseccionalidade”. As dimensões da investigação e da práxis são distintas, mas interdependentes e possuem contextos históricos específicos nos EUA, o que é abordado pelas autoras de forma incisiva e elucidativa.

analisar a complexidade da experiência humana e seu uso analítico está relacionado com duas dimensões unidas por uma “tensão criativa”, a investigação ou questionamento e a práxis. Collins, em uma conferência intitulada “Interseccionalidade, Social Justice and Political Solidarity”, ministrada no dia 20 de junho de 2018 na PUC-RIO, resumiu a interseccionalidade enquanto ferramenta para a práxis. Essa ferramenta é entendida como uma linguagem apropriada para se pensar as divisões presentes nas sociedades, possibilitando a expressão das iniquidades sociais produzidas pelos sistemas de poder – que se constituem mutuamente. A interseccionalidade incorpora a ideia de que as iniquidades sociais são relacionais, podendo resistir e se reconfigurar ao longo do tempo.

A aplicabilidade do conceito elaborado a partir da reflexão acerca de experiências nos Estados Unidos ao contexto brasileiro é amplamente debatida pelas três pesquisadoras citadas acima, especialmente as últimas duas que analisam a edição de 2014 do Festival Latinidades, movimento de “valorização da produção cultural, política e intelectual de mulheres negras¹⁹” da e na América Latina. A ideia central da interseccionalidade é que as discriminações e opressões operam em conjunto, não sendo possível destrinchar experiências como as de mulheres negras, por exemplo, em categorias distintas como discriminação racial ou de gênero.

A antropóloga Henrietta Morre (1994, 2000) destaca a importância da interseção entre as histórias individuais e situações, discursos e identidades coletivas para a compreensão das estruturas e ações sociais. A ideia de que mulheres ao redor do mundo vivenciam as mesmas experiências é considerada uma falácia e o conceito de “mulher universal” ou “grupo social mulher” é combatido em seus escritos.

Stolke (2006) trata as intersecções dinâmicas entre relações de gênero, concepções de sexualidade feminina, honra familiar e ordem do Estado no contexto da colonização Ibérica. Sua definição de gênero é contextual e relacional e suas formulações são baseadas na análise de normas socioculturais, morais e jurídicas da época em questão. O regime colonial espanhol e português (séculos XVI- XIX) ao criar “sociedades mistas”, produziu novas categorias de pessoas e, conseqüentemente, novas classificações de gênero, raça e sexualidade. Espanha e Portugal possuíam dinâmicas sociais que determinava noções de nobreza, honra social e hierarquia, família e moralidade sexual específicas, que ganharam novas formas nas colônias.

Lynn Weber (1998) atenta para a historicidade dos conceitos de gênero, raça, classe e sexualidade enquanto definidos socialmente e construídos pelas relações de poder, operando tanto no nível macro (sociedade e instituições) quanto no micro (relações interpessoais, vida

¹⁹ Texto completo disponível em: <https://www.latinidades.com> . Acesso em: 21 jul. 2018.

peçoal). Weber articula antologias sobre a formulação dos conceitos e afirma que a grande maioria dos estudos que deram origem a elas são de caráter multidisciplinar. O questionamento dentro da academia começou entre mulheres negras que pensavam a centralidade de mulheres brancas nos estudos de gênero nos anos 1970-1980. A elaboração de teorias e conceitos que unificam as construções sociais a acerca de raça, sexualidade, classe e gênero não costumam atentar para o contexto social desses conceitos. Ainda: diferentes pessoas podem ter diferentes noções de identidade racial, de gênero e de sexualidade e isso deve ser levado em consideração ao se analisar grupos sociais. Apesar de reconhecermos que esses marcadores, que agem de forma simultânea sobre os sujeitos, existem e organizam a sociedade como um todo, a autora lembra que as construções sociais são definidas pelos grupos dominantes nas relações de poder.

Kerner (2012) aborda especificamente as questões pertinentes aos entrelaçamentos entre o sexismo e o racismo, destacando que existem quatro maneiras diferentes das categorias gênero e raça se relacionarem. Esses diferentes modos de relação resultam de semelhanças, diferenças, ligações e intersecções entre os dois fenômenos. Como destaca a autora, a palavra sexismo foi criada por analogia ao termo racismo, mas isso não encerra suas ligações ou limita as relações à própria analogia, ainda que seja possível se fazer essa relação em certa medida. Isso ocorre porque “tanto racismos quanto sexismos podem ser entendidos como fenômenos complexos de poder que operam no contexto de atribuição de diferenças categoriais” (KERNER, 2012, p. 46). Essas diferenças são baseadas em “supostas certezas biológicas” acerca do corpo humano” (KERNER, 2012). A autora propõe, a partir da leitura de Nancy Frazer, que essas formas (racistas e sexistas) de poder possuem uma dimensão cultural-avaliativa (que implicam em problemas de reconhecimento) além da dimensão político-econômica. Essa é uma das facetas das relações entre os dois fenômenos. A analogia entre os dois poderia apagar, ou obstruir, a visão para seus entrelaçamentos.

Utilizando-se da análise de poder por Foucault, a autora esquematiza um modelo que diferencia três tipos de dimensões do racismo: a epistêmica, a institucional e a pessoal²⁰, desenvolvidas ao longo das enunciações que ora distinguem ora aproximam o sexismo do racismo, que discuto a seguir.

A dimensão *epistêmica* do racismo e do sexismo está relacionada a discursos e saberes, mas também contém símbolos e imagens. A dimensão *institucional* diz respeito a arranjos institucionais que produzem formas estruturais de hierarquização e de discriminação. Por fim, a dimensão *pessoal* diz respeito a atitude, mas também à identidade e à subjetividade de pessoas – tanto daquelas que pertencem a grupos sociais com status de maioria no que se refere ao racismo e ao sexismo, quanto

²⁰ O próprio processo de construção da ideologia racista é considerado enquanto um dos componentes da dimensão epistêmica, por exemplo.

daquelas que podemos atribuir a grupos minoritários. Além disso, a dimensão pessoal também se refere a ações individuais e interações pessoais (KERNER, 2012, p. 56).

As semelhanças seriam os aspectos centrais de mecanismos de funcionamento das estruturas de poder do sexismo e do racismo por possuírem diferenças categoriais hierárquicas binárias que são naturalizadas e universalizadas. Faz-se suposições a respeito de valores arbitrários atribuído aos grupos estabelecidos, assim como a seus respectivos comportamentos. Essas atribuições servem de justificativa para a legitimação da estratificação e segregação (KERNER, 2012, p. 49). A analogia entre sexismo e racismo funciona quando a norma, ou padrão, é o homem branco, nacional, heterossexual (na maioria das vezes) e os grupos de indivíduos que destoam dessa posição são subjugados a ela em diferentes contextos.

As diferenças podem ser compreendidas a partir da noção de que a oposição entre público e privado costuma estar relacionada mais ao sexismo do que ao racismo, por exemplo. Sobre isso a autora elabora que

o gênero produz, por um lado, *inclusão* — a das mulheres na esfera da família e da vida doméstica—e, por outro, *subordinação* nas arenas do trabalho e da política. Em contrapartida, “raça” e etnia também produzem *subordinação* nas arenas do trabalho e da política, mas a *exclusão* aparece aqui como segundo momento, no nível do Estado e da nação. Contudo, certa cautela é adequada diante de generalizações esquemáticas desse tipo (...) no contexto do racismo devemos, por sua vez, diferenciar entre o modelo do racismo colonial, que antes serve à estratificação social e, assim à subordinação, e o “neo”-racismo diferencialista, que antes aspira à homogeneização e cujo momento de exclusão é mais acentuado (KERNER, 2012, p. 51).

Outra diferença se dá em relação a questões sobre a reprodução, que abordarei a seguir. Por enquanto é importante salientar que as atribuições sexistas de gênero dizem respeito a naturalização de determinadas práticas e também de corpos, que tem como um dos objetivos específicos a regulação da reprodução humana. O racismo busca mediá-la de forma a impedir a miscigenação e isso é possível de ser entendido segundo os apontamentos de Stolke, destacados anteriormente.

O terceiro ponto de relação entre gênero e raça para Kerner são as possíveis ligações entre eles. Por exemplo, as preocupações com a reprodução (sexista) e a homogeneidade (racista) se ligariam através de um complexo biopolítico (KERNER, 2012, p. 52) em que padrões e estruturas sexistas são atribuídos e impostos ao “outro”. A construção da noção “do outro” tem implicações históricas globais na produção, perpetuação e atualização das estratégias do colonialismo e imperialismo para localizar, diferenciar e excluir pessoas não-europeias brancas baseando-se em sua etnicidade, religião e/ou fenótipo. O “eu-europeu” é tido como “mais justo” (avançado, racional, entre outros) que os demais grupos.

As intersecções são pautadas de acordo com as dimensões epistêmicas, institucionais e pessoais do racismo e do sexismo, sendo inter-relacionadas e mutuamente apoiadas umas nas

outras. A “racialização” de normas de gênero e as representações e atribuições “raciais” sexualizadas são produzidas pela intersecção entre os campos de ação das formas de poder abordadas. É importante atentar para a pluralidade das categorias dessas intersecções. Nesse âmbito de produção -da dimensão epistêmica – são criadas expectativas e normas de gênero distintas atribuídas e esperadas de mulheres negras e brancas no que diz respeito à feminilidade (KERNER, 2012, p. 57). Assim,

nesse sentido, intersecções significam: primeiro, normas de gênero pluralizadas e normas que dizem respeito aos pertencentes de uma “raça” ou de um grupo definido etnicamente; segundo, cruzamentos institucionais com efeitos que diferenciam grupos sociais; e, em terceiro lugar, processos multifatoriais de formação de identidades (KERNER, 2012, p. 58).

A partir da leitura de Kerner como uma introdução à complexidade do tema, acredito que seja possível traçar de que forma as chamadas feminilidades se relacionam com essas questões. O que interessa aqui é pensar como os discursos e ações em torno das feminilidades, ou os conjuntos de expectativas criadas em torno do que é entendido como “essência das mulheres”, possuem contextos específicos, relacionando-se com a interseccionalidade mencionada acima. Segundo Soares (2015, p. 242), “historicamente no Ocidente a noção de feminino costuma designar o conjunto de características, qualidades e atributos social e culturalmente reconhecidos como parte da natureza da mulher”, estabelecido de acordo com padrões heteronormativos.

1.4.1 Interseccionalidade no Brasil

Adriana Piscitelli (1996, 2008) entende os marcadores sociais enquanto provenientes de estruturas de exclusão que se articulam e produzem posições sociais específicas, considerando suas intersecções; não seria possível apenas somá-los. Em um primeiro momento, Piscitelli (1996) estuda a representação do turismo sexual em textos da mídia em que se considera e sinaliza como as categorias raça e gênero produzem narrativas que retratam a “venda da sexualidade nacional aos estrangeiros”, destacando o entrelaçamento das categorias, assim como a omissão das mesmas nos textos em que analisa. Ela indica que não está considerando a influência da mídia na opinião pública e sim “considerando os textos, tanto os impressos como os textos utilizados na TV, escritos com o fim de serem lidos em voz alta, como expressão de uma maneira de pensar, entre outras, vigente na sociedade brasileira (PISCITELLI, 1996, p.13). Nesse artigo são apresentadas as

relações peculiares estabelecidas particularmente nas (sic) areis do Nordeste, entre ‘estrangeiros’ e ‘nativas’. Apresentando concepções sobre ‘prostituição’,

‘romantismo’, ‘pobreza’, ‘exotismo’ e ‘mobilidade social’ eles apontam para múltiplas diferenciações sociais. Entretanto, nestas narrativas, ‘cor’ e gênero aparecem como categorias centrais – e indissociáveis – que operam mediando essa particular situação de ‘contato’ (PISCITELLI, 1996, p. 15).

Em 2008, utilizando o termo interseccionalidade, ela estuda migrantes e a “feminização” da migração internacional, pensando a interseccionalidade como uma categoria de articulação, no plural. O conceito serve para entender o entrelaçamento entre os sistemas de opressões e diferenças. As experiências são vividas de forma articulada, intrínsecas umas às outras e não meramente em adição ou combinação. É importante pensar na possibilidade de agência, destacadas pela autora:

as categorias de diferenciação não são idênticas entre si, mas existem em relações, íntimas, recíprocas e contraditórias. Nas encruzilhadas dessas contradições é possível encontrar estratégias para a mudança (...). Ao analisar as categorias articuladas, McKlinton explora políticas de agência diversificadas, que envolvem coerção, negociação, cumplicidade, recusa, mimesis, compromisso e revolta” (PISCITELLI, 1996, p. 268).

1.4.2 Feminilidades e estudos críticos da branquitude

A partir das leituras anteriores, gostaria de falar sobre a feminilidade branca, um tipo específico de feminilidade já abordado por autoras como Delivovsky (2008, 2010) e Frankenberg (1993, 2004). Os trabalhos de ambas são interessantes para aprofundar qualitativamente o debate sobre a existência de diferentes feminilidades, pois tem como diferencial serem estruturados a partir de entrevistas em profundidade conduzidas pelas autoras com mulheres brancas, ambas na América do Norte na década de 1990.

Delivovsky (2008) entrevistou mulheres brancas canadenses²¹ a respeito de suas escolhas de parceiros e parceiras sexuais, sua orientação sexual, questões relativas a desigualdades raciais e sociais existentes em seu país e sobre expectativas em torno do tema da beleza. Para a autora, as identidades e vidas de mulheres brancas não são moldadas apenas por estruturas de desigualdades de gênero: o privilégio branco também faz parte deste processo. Essas mulheres são privilegiadas e contidas, ao mesmo tempo, pela significação de gênero e reprodutiva. Nesse contexto de reprodução racializada com expectativas específicas para mulheres brancas, o que fica explícito é o papel da mulher (cisgênero) branca em perpetuar sua “raça”, a partir de “condutas ideais” que tem a ver com gênero, raça, etnicidade e classe. A alegação de Delivovsky

²¹ No sentido da reprodução racializada, a autora assume as implicações da divisão binária cissexista entre homem-pênis x mulher-vulva. Existe uma expectativa específica sobre a sexualidade e condutas sexuais de mulheres cisgêneros.

é que a opressão de gênero a que mulheres brancas são submetidas é funcionalmente consistente com seus privilégios por conta da cor da pele branca. Seus enunciados são baseados na constatação de que:

no contexto de uma sociedade fundada pelo imperialismo e colonialismo europeu, a feminilidade normativa nunca significou fora do processo de dominação racial e sua negação. Minha alegação é que os corpos de mulheres, como são (sic) sexuados e racializados, são representados através de uma ótica saturada de visibilidade sexual e racial (Deliofsky, 2002, 238). Historicamente, a branquitude de mulheres brancas e o que é entendido como feminino estiveram entrelaçados e combinados de uma maneira que constituiu a feminilidade hegemônica (Collins, 2004). Entender essa conexão é vital porque é esse “esquema histórico-social (Fanon, 1967) da branquitude que constrói a feminilidade normativa como branca” (DELIOFSKY, 2008, p. 51, tradução nossa.)

Outro aspecto interessante do artigo da autora é que ele faz uma revisão sobre o tema da feminilidade, com o acréscimo de focar nas implicações da racialização nas vidas concretas das entrevistadas, aspecto muitas vezes não mencionado. Nesse ponto, Deliofsky apresenta o pensamento de quatro feministas que falam sobre a normatividade das feminilidades e padrões de beleza. São elas: a) Susan Bordo e Sandra Bartky, cuja abordagem foucaultiana dá destaque às formas como as mulheres são sujeitadas a uma autorregulação e regimes de policiamentos da beleza. A disciplina e normatização seriam formas de regulação social que implicariam a produção de autodisciplinas e corpos dóceis. A feminilidade é vista como um artifício, uma realização alcançável através de práticas disciplinares que produzem um corpo que aparenta ser e age como feminino. Resumindo, tanto a masculinidade quanto a feminilidade seriam imbuídas através de práticas disciplinares e regras impostas pelo sistema de dominação de gênero. Tais práticas são parte de um processo através do qual se constrói o corpo entendido como feminino - atentando sempre para a posição hierárquica inferior implícita inscrita. Os pontos principais são: a) os conceitos de difusão do poder e autorregulação; e b) Naomi Wolf e Helene Cixous que falam sobre ideais de beleza (mito da beleza e retrato) como *dinâmicas de comportamento* impostas e interiorizadas. Essa interiorização faz com que mulheres e meninas busquem validação externa sobre si mesmas, sobre seu valor: a autoestima é vulnerável, e construída sobre essa validação.

Ao perguntar para suas interlocutoras sobre a representação de imagens do feminino - imagens femininas- na mídia no Canadá, Deliofsky diz que as mesmas foram unânimes em dois pontos: ressaltar um tipo ideal de “corpo inatingível” e, ao mesmo tempo, ter esse ideal como modelo para si. A mídia promoveria um ideal de beleza que não é necessariamente o que elas creem ser belo, ao mesmo tempo em que esse modelo continuaria a influenciar seu comportamento. A ideia de *autorregulação* (autofiscalização, autovigilância) tem um papel

primordial para a manutenção desse comportamento. Isso não significa que essas mulheres são enganadas pelas “forças culturais e sociais”, ou que não tem a capacidade de olhar criticamente para esses padrões impostos. É importante atentar para a constante tensão entre a “conformidade com a feminilidade normativa” e o “ser real”. Exemplificando:

Gail, no exemplo dado acima, mesmo tendo em mente que as imagens que ela emula não são reais, ela as usa como guias para o auto-aperfeiçoamento. Nesse sentido, a feminilidade normativa - que nenhuma mulher real pode alcançar- regula o desejo e o comportamento, pois, como Bartkly argumenta, “as tecnologias para a feminilidade são usadas e praticadas por mulheres em um contexto de um senso de deficiência corporal penetrante (...) a busca e a prática de buscar alcançar o inalcançável, o que não é destinado a ser, ou nunca poderia ser alcançável é o que cria desejo e regula o comportamento das mulheres” (DELIOSVSKY, 2008,p. 5).

O direcionamento da dinâmica do comportamento é importante de salientar na configuração da feminilidade normativa - e não apenas sua estética e aparência. A regulação do desejo sexual e a construção da heterossexualidade (compulsória) feminina são alvos principais dessa feminilidade normativa branca e patriarcal (DELIOVSKY, 2010). A autora chama a atenção para o componente “anti-interracial” dessa configuração. Ao longo de sua pesquisa, as mulheres entrevistadas relataram terem sido aconselhadas-orientadas por familiares e amigos a não “gastarem sua beleza” com alguém “racialmente não-merecedor” (DELIOSVSKY, 2010, p. 54). Para a autora,

esse discurso sugere que a expressão mais sensível e apropriada da desejabilidade feminina, que utiliza com maior aproveitamento ou de forma mais completa o estereótipo branco de beleza é aquele que põe a disposição do homem branco essa beleza. No cerne desse discurso está a noção de que os corpos de mulheres brancas devem ser regulados a serviço e para os prazeres dos homens brancos, assim como para o ideal superior da supremacia branca heteronormativa (DELIOSVSKY, 2010, p. 54, tradução nossa).

A imagem que o patriarcado faz da mulher se baseia em ideais físicos e na dinâmica de comportamento, mas focar apenas nisso não explica todas as especificidades dessa imagem. O ideal de beleza do patriarcado branco para mulheres tem a ver com a sua cor de pele, tendo a cor branca o lugar de apreciação e preferência. Por serem representados em diversos meios (mídia impressa ou cinema, por exemplo), pessoas brancas são tidas como a norma. Essas definições da beleza feminina hegemônicas não são forças totalizantes e constantes: elas mudam de acordo com condições históricas (BORDO apud DELIOVSKY, 2010). Essa imagem da mulher ideal -perpetuada pelo patriarcado (branco) “tem múltiplas complexidades e implicações diferenciadas para cada mulher. Quando falamos sobre feminilidade devemos entender a quem ela se refere historicamente” (DELIOSVSKY, 2010, p. 58). Essas ideias fazem parte de uma ideologia chamada por Thorton (1995 apud DELIOVSKY, 2005) de “benchmark

woman”, que produz feminilidades hegemônicas, marginalizadas e subordinadas, de acordo com Collins (2004 apud DELIOVSKY, 2010). A partir de uma postura crítica em relação a essa ideologia, seria possível apontar que os corpos tidos como femininos carregam conotações de classe e de raça muitas vezes ignorados ou negligenciados. Collins e Andersen (2004, p. 76, tradução nossa) enunciam que:

como a raça, o sistema social de classe é fundado em instituições sociais e em práticas. Ao invés de considerar a classe social como um nível detido por um indivíduo, pense em classe social enquanto séries de relações que permeiam a sociedade como um todo e configuram as instituições sociais e as relações interpessoais. Ainda que classe esboce as identidades e o bem estar individual, a classe é um sistema que, de modo diferenciado estruturas o acesso de grupos a recursos econômicos, políticos, culturais e sociais.

Os sistemas de diferenciação influenciam tanto aqueles que são privilegiados quanto os que são oprimidos. É segundo essa noção que Ruth Frankenberg (1993) pesquisa a forma como a racialização afeta a vida de mulheres brancas nos Estados Unidos. A autora pensa a branquitude enquanto acúmulo de aspectos da racialização na vida de pessoas branca e pode ser entendida como: o lugar estrutural de vantagem do privilégio racial; um “ponto de vista” ou uma forma a partir da qual as pessoas brancas se veem, veem “os outros” e a sociedade; um conjunto de práticas culturais que não costumam ser marcadas e nomeadas, entre outros.

Existem dois aspectos da análise da autora: o primeiro se refere à experiência diária de mulheres brancas e seus repertórios discursivos sobre raça, cultura e sociedade. A forma como percebemos nossos contextos se dá a partir desses discursos construídos historicamente. As dimensões materiais e discursivas da branquitude são interconectadas, ainda que os repertórios discursivos tenham um caráter de reforço, contradição, explicação ou tentem esconder a materialidade de alguma situação. A palavra repertório captura a maneira como as estratégias para pensar através do viés racial são aprendidas, apreendidas, escritas e encenadas repetitivamente²². O segundo aspecto se dá ao enunciar o caráter histórico de tais discursos e sua relação com o colonialismo.

Trabalhos como o de Maria Aparecida Bento e Iray Carone (orgs., 2012)²³ apresentam as problematizações acerca do lugar da pessoa branca na situação da desigualdade racial no

²² De forma repetitiva, mas não automática, destaca a autora, pois escolher agir não é o mesmo que agir livremente (FRANKENBERG, 1993, p. 15).

²³ A esse respeito, Lourenço Cardoso (2010, 2017) organiza uma sistematização dos estudos precursores sobre branquitude no Brasil, assim como uma análise dos trabalhos mais recentes e suas implicações epistemológicas e políticas. O autor também diferencia o que chama de “branquitude acrítica” da “branquitude crítica” em que os primeiros são os indivíduos brancos que, individual ou coletivamente, advogam a favor de uma superioridade racial branca. A “branquitude acrítica” seria composta por indivíduos e grupos que desaprovam de forma pública o racismo. Cardoso não atribui um peso menor sobre o segundo grupo, atestando a necessidade de compreender as diversas facetas das práticas racistas. Pensadoras como Jota Mombaça e

Brasil, como nos processos históricos de branqueamento da população e suas implicações subjetivas na reprodução do racismo. Nesse sentido, os estudos críticos da branquitude situam a existência de identidades raciais brancas – tidas como padrão- em países marcados pela colonização e escravização, destacando que muitas vezes esse aspecto da construção da noção de raça não é levado em consideração nos estudos sobre identidade, subjetividades e sua articulação intrínseca a sistemas de opressão.

Ao longo do desenvolvimento da literatura sobre a situação as relações raciais no país, é recorrente a ideia de que existia uma forma atenuada de preconceito racial pois o mesmo não seria institucionalizado, como foi nos Estados Unidos até a década de 1950 ou na África do Sul até o início da década de 1990. Muitas dessas análises são feitas por conta da apropriação do estudo de Oracy Nogueira (2007) em que o autor faz uma análise comparativa entre a situação racial brasileira e a dos Estados Unidos, descrevendo a diferença entre os sistemas de diferenciação racial. No Brasil, existiria um “preconceito de cor”, baseado em fenótipo e acionado, agravando-se ou não, em situações contextuais, como momentos de conflitos entre pessoas. Fatores sociais e econômicos poderiam atenuar o preconceito baseado na marca, o que não ocorreria nos Estados Unidos, pois o preconceito seria baseado na ideia de origem (descendência ou sangue) existindo formalmente e de maneira rígida.

Lia Schucman (2014) contextualiza o tema da raça e do racismo no Brasil como objeto de estudo e a constante negação do racismo como *default* da academia e da sociedade. O mito da democracia racial, advinda da miscigenação cultural e mistura racial, continua a fazer parte da estrutura social e cultural da sociedade, o que é implicado na formação dos sujeitos. “A ideia de raça está presente em diferentes experiências da vida social: nas distribuições de recursos e poder, nas experiências subjetivas, nas identidades coletivas, nas formas culturais e nos sistemas de significação” (SCHUCMAN, 2014, p. 13). A crença na democracia racial faria com que os sujeitos brancos se sentissem isentos por ocuparem posições de prestígio e mais altas na hierarquia social já que esse fato não é encarado como um privilégio de raça, ainda que a discriminação racial e o racismo tenham sido apontados como “a explicação mais sólida para as desigualdades raciais no Brasil” por diversos estudos (SCHUCMAN, 2014, p. 14).

A questão aqui é entender como os pressupostos falsos ou imaginários de raça quando esta, do ponto de vista biológico, não existe- passaram a ter efeitos concretos tão poderosos que regulam práticas cotidianas, percepções, comportamentos e desigualdades entre diferentes grupos humanos” (SCHUCMAN, 2014, p. 15).

Michelle Mattiuzzi defendem uma posição que pode ser resumido como: a perversidade da branquitude é achar que existe uma forma não-letal de racismo

O conceito de “pacto narcísico” (BENTO, 2012) também é essencial para se estudar a branquitude, e pode ser resumida enquanto a negação do racismo e responsabilização pela manutenção do mesmo pelos sujeitos brancos. A autora Grada Kilomba (2013) propõe a reescritura das estruturas epistêmicas a partir de uma perspectiva racializada da branquitude. A leitura de seus textos evidencia o silenciamento dos sujeitos negros⁶, em oposição ao “sujeito homem branco colonizador”, enquanto parte da demonstração do sistema político da branquitude, que transforma o implicado em universal, neutro e objetivo: científico. Dentro da academia, assim como no senso comum, esse é o mecanismo da ideologia dominante, é o que garante sua “segurança ontológica”²⁴.

Questões em torno da agência e dos projetos corporais, articuladas ao debate sobre gênero, raça e classe aparecem nas narrativas das mulheres entrevistadas ao falarem sobre suas tatuagens, como exploro nos próximos capítulos.

²⁴ Neste ponto, gostaria de deixar pontuado que muitas das discussões presentes no texto são fruto de cursos/encontros de que participei e que foram organizadas pela pesquisadora Jota Mombaça. Ela, assim como a artista Michele Mattiuzzi, devem ter os créditos por instigar boa parte das minhas inquietações.

2 O PROCESSO DE SE TATUAR

Neste capítulo apresento considerações a respeito de observações feitas durante a ida a um evento de tatuagem, assim como a análise de algumas questões importantes levantadas nas entrevistas. Em um primeiro momento descrevo e analiso pontos que se fizeram presentes a partir da observação. Em seguida apresento perfis das entrevistadas para depois destacar o que foi relevante em suas narrativas para a presente dissertação.

2.1 Flashday: festival de mulheres tatuadoras

No dia oito de outubro de 2016 fui ao *flashday* chamado “Festival de Mulheres Tatuadoras”, organizado pela tatuadora Lis Mineli²⁵. A proposta do evento era ser um espaço para que mulheres tatuadoras (em diferentes fases da vida profissional e de diferentes estilos) se reunissem para tatuar e “falar sobre mulheres no mundo da tatuagem”²⁶. Nove tatuadoras e uma *body piercer*²⁷ tinham lugares reservados para trabalhar no dia. Havia também espaço para a venda de comida. Estava programada uma roda de conversa entre as mulheres presentes, que acabou não ocorrendo, e uma festa no encerramento do evento, à noite. No local, um *home studio* no bairro Riachuelo, na cidade Rio de Janeiro, foi preparado um espaço reservado para uma creche, assim como não existiam restrições sobre a circulação de crianças- o que ocorre em alguns estúdios.

O evento foi de 10h até às 23h, sendo a primeira tatuagem iniciada às 11h e a última às 20h, tendo sido feitas cerca de 100 tatuagens no total. Pude observar aspectos da interação entre as profissionais e a clientela e a própria relação das tatuadoras com o ofício como retrato abaixo.

Ao analisar a composição da clientela, em sua maioria mulheres, ficou aparente a similaridade nos discursos das presentes sobre ideias a respeito de “empoderamento feminino” e do não antagonismo entre as ideias de “delicadeza” e de “força”, refletidas na temática dos desenhos disponíveis. Estes muitas vezes retratavam figuras “femininas” com seios e genitais expostos. Tais imagens incluíam sereias, super-heroínas de histórias em quadrinhos, bruxas, cantoras famosas, como Nina Simone e Elza Soares, e mulheres com turbantes ou cabelos crespos, simbolizando, segundo as presentes, o feminismo negro.

²⁵ A tatuadora permitiu que seu nome fosse divulgado no trabalho. Em 2017 foi realizada a segunda edição do evento e em 2018 a terceira.

²⁶ Frase presente no evento criado no Facebook, principal meio de divulgação do flashday.

²⁷ Pessoa que faz perfurações para a aplicação de piercings em diversas áreas do corpo.

Muitos desenhos possuíam uma temática *mística*, e a maioria retratava feiticeiras, caldeirões, gatos, cristais, bolas de cristal, poções, diferentes fases da lua e mãos (com ou sem anéis) manipulando os animais e objetos. Existiam também combinações entre esses temas e outros como o do oceano (conchas, animais marinhos, ondas, timões de barcos), mandalas, flores e plantas, entre outros. O tempo de duração de cada tatuagem, que tinham no máximo 15cm, variava entre 5 minutos e 1h.

As tatuadoras não tinham um mesmo estilo de desenhos ou de forma de trabalhar, o que ficava explícito através da adoção ou não de máscaras cirúrgicas, a quantidade de vezes e em quais situações trocavam de luvas, como orientavam os cuidados pós sessão e quais eram, assim como as diferenças de equipamento, técnicas e apresentações das profissionais.

A busca por tatuagens com “traços finos” era grande entre as clientes, e foi muitas vezes ironizada por tatuadoras e clientes adeptas do estilo *old school*²⁸. Estas se colocavam como um nicho diferenciado no meio, como as pessoas que “realmente” gostam de tatuagens²⁹. Para elas, fazer uma tatuagem não implica “somente em uma questão estética *individual*”, mas uma relação com a “arte da tatuagem”, a “tatuagem de verdade”. Existe uma noção de raiz ou de fidedignidade da tatuagem entre essas pessoas e esse estilo específico. Tendo isso em mente é possível perceber como diferentes tipos de tatuagens são entendidos por diferentes pessoas, indicando que os processos de subjetivização e identidade atuam nesse aspecto influenciando não só nas formas de entender a si mesmo, mas na percepção sobre “os outros”.

2.2 As entrevistadas

Liana³⁰ tinha sete tatuagens quando nos encontramos. Havia feito as duas primeiras aos dezoito anos na Ilha do Governador em um ambiente que descreveu como “muito limpo, cirúrgico”, um “estúdio padrão”³¹. Na época, quando ingressou na graduação em letras, escolheu tatuar um quadro de uma artista que gostava na panturrilha e alguns números na

²⁸ Algumas características do estilo *old school* são as linhas e contornos grossos, a utilização de poucas cores como o vermelho, azul, amarelo, verde e preto, e desenhos com um teor distintos dos mencionados acima: no dia do evento, por exemplo, as figuras femininas tinham expressões de tristeza e não de *força* (obstinação, seriedade) ou *suavidade* como destacado em outros estilos. Os olhos eram sempre retratados com muita maquiagem e bem marcados.

²⁹ Esse tipo de posicionamento ocorreu também nas entrevistas.

³⁰ Todos os nomes utilizados são fictícios, assim como a maioria das tatuagens descritas.

³¹ Os termos entre aspas são expressões utilizadas pelas entrevistadas ou por outras pessoas durante o trabalho de campo. Em itálico estão as palavras em idiomas estrangeiros. O que está em negrito são termos ou ideias que serão melhor explicadas ao longo do texto e que considero importantes.

costela, que marcavam uma data “significativa”³². Hoje, aos vinte e cinco anos, disse estar em uma fase em que dá mais valor ao “trabalho autoral” das tatuadoras e por isso havia começado a “fechar o braço”³³ com diferentes profissionais – de preferência mulheres - e suas respectivas interpretações de temas ligados à natureza. Disse também ter mudado sua concepção sobre tatuagens ao longo do tempo: não presta mais tanta atenção ao “significado”, as faz por “puro gozo estético”. Escolhe as imagens por serem “bonitas” e por ficarem “bem em um pedaço do corpo”. Apesar de “não ter nada contra quem tatua coisa com significado”, acha interessante não “ficar limitada a isso”. Além do braço direito, que já havia começado, tinha planos de fazer outras tatuagens para cobrir corpo, por mais que ainda não tivesse decidido como elas seriam.

Como Liana, as mulheres que entrevistei tinham muito o que falar sobre suas experiências com tatuagens. Existem diversos aspectos dessas experiências e é mais preciso dizer que se trata de um processo com etapas que podem ocorrer em momentos distintos e não necessariamente de forma linear. Algumas delas são: a escolha da ou do profissional, a elaboração das imagens (desenhos ou grafias), a seleção do lugar do corpo a ser marcado e os cuidados com a pele e alimentação adotados ou não no pré e pós sessões.

Além disso, existem diferentes motivos que levam alguém a se tatuar e, de forma similar, diferentes ideias acerca do que e como as tatuagens devem ser. É a partir desses aspectos que construo este texto, buscando destacar de que forma as narrativas das entrevistadas são perpassadas por noções de gênero, raça e classe específicas que indicam que as questões relativas a subjetividades estão intimamente relacionadas à experiência das relações sociais (BRAH, 2006). Neste capítulo, apresento alguns dos pontos que foram recorrentes nas entrevistas, divididos de acordo com o que aquelas pessoas pensam sobre tatuagem, como descreveram suas experiências ao serem tatuadas e algumas de suas reflexões e preocupações acerca do assunto.

Nessa seção serão apresentadas as treze entrevistadas para que seja possível reconhecê-las na segunda parte do capítulo quando são discutidos e analisados os conteúdos das entrevistas. Os dados básicos foram colhidos em entrevista, sendo estes: nome, idade, naturalidade, residência atual, escolaridade, ocupação, orientação sexual, auto identificação racial e quantidade de tatuagens. As respostas às perguntas foram sintetizadas e ordenadas para

³² O significativo e o bonito dizem respeito a construções dos motivos que as pessoas que entrevistei elaboram para tatuar seus corpos.

³³ Fechar uma área com tatuagens é um termo usado para se referir a tatuar uma parte do corpo de forma que toda a extensão fique coberta com uma ou várias imagens.

fornecer informações sobre essas pessoas, situando, ainda que de forma breve, as falas e argumentos de cada uma delas.

O critério eleito foi o de não descrever todas as tatuagens de todas as participantes para que elas não possam ser identificadas. A garantia de anonimato foi também um dos fatores para não registrar visualmente as tatuagens.

2.2.1 Ana

Ana tem vinte e cinco anos, é formada em psicologia e tem seis tatuagens. Fez a última há três anos e embora tivesse vontade de fazer outras, esse desejo era algo secundário em sua vida, diferentemente de quando era mais nova. Estava desempregada e morando com os pais e, ainda que tivesse uma boa relação com eles, a situação de moradia e convivência a incomodava. Ela destacou que a mãe não foi uma grande apoiadora das tatuagens antigas, mas mesmo assim a acompanhou algumas vezes aos estúdios durante as sessões.

As seis tatuagens de Ana são espalhadas pelo corpo e não seguem apenas um estilo. Ela tem desde notas musicais e animais até um palhaço que ocupa a maior parte de sua coxa esquerda. Três delas são nas costas, uma na altura das costelas e as outras, que são idênticas e “contam com uma”, nos ombros. Somente uma é totalmente preta: uma frase embaixo do seio. A maioria dos desenhos foi feita na hora pelos tatuadores (dois homens) e ela disse ter se sentido bem, fazendo parte do processo de criação das mesmas.

2.2.2 Thaís

Thaís tem vinte e sete anos, é estudante de pós-graduação em educação, trabalha como professora no ensino médio e, como Ana, possui seis tatuagens. A maioria delas é pequena e apenas uma possui cor, a maior: uma coruja nas costas. Muitas entrevistadas destacaram que uma tatuagem pode ser considerada grande ou pequena, dependendo do referencial de quem julga. Ainda assim, a partir de suas indicações, pude constatar que uma tatuagem pequena costuma ter menos de 10cm, enquanto uma grande tem em torno de 25cm. Como a maioria das entrevistadas, Thaís disse que tinha vontade de fazer outras tatuagens no futuro e já havia decidido quais imagens queria e onde as queria. Thaís e Ana foram as únicas que disseram não achar importante considerar o gênero da pessoa que as tatuasse no processo de decisão da ou do profissional, mas Thaís mencionou que existe uma ideia de que tatuadoras teriam “a mão mais leve” e “traços mais finos” em relação aos tatuadores. Ela explica que isso não se verifica

na prática e que seriam dois atributos que levaria em consideração dependendo do estilo da tatuagem, especialmente os “traços finos” que são entendidos como mais delicados e precisos.

A importância das homenagens à família, sua religião e à profissão foram bastante presentes na forma como Thaís articulou seus motivos para se tatuar, como uma valorização de suas questões pessoais. O fato de gostar de ir à praia a motivou a fazer um coqueiro no pulso, por exemplo.

2.2.3 Irene

Irene tem vinte e seis anos, é analista de mídias digitais *freelancer* e tem duas tatuagens. Ela mora com seu namorado de longa data, Pedro, que não tem nenhuma tatuagem e nem intenção de fazer uma, ainda que as ache bonitas. Irene explica que não é comum alguém em seu ciclo social não ter tatuagem e atribui esse fato à sua ligação com o mundo da música e das artes onde “a galera é toda tatuada e em estilo *old school*”.

As duas tatuagens de Irene são no braço direito, o qual pretende fechar ao longo dos próximos anos. A primeira foi feita aos dezenove anos, junto com sua mãe, que desaprovava tatuagens. Fazer uma tatuagem em família – geralmente com a mãe e, menos frequentemente, com irmãs – é uma prática descrita por muitas entrevistadas, tendo sido adotada mais comumente quando eram menores de idade. Elas criavam justificativas para fazer uma tatuagem em grupo e, na maioria das vezes, davam a entender que suas mães não tinham percebido esse artifício. A tatuagem em grupo – e pequenas- eram “mais bem aceitas” pelos pais, sendo assim mais fácil de obterem permissão para fazê-las. As entrevistadas nem sempre questionavam o porquê da ingerência da família sobre seus corpos, mesmo quando eram maiores de idade. Isso faz com que esse poder permaneça naturalizado nas relações familiares, mas essas ações de buscar a aceitação e companhia do grupo servem para negociar essas decisões e proibições. Não é uma quebra da estrutura; é uma forma de agir apesar dela³⁴.

2.2.4 Karla

Karla tem vinte e oito anos, formada em publicidade, no momento está sem emprego e não soube precisar quantas tatuagens possui (entre dez e treze). Esse não saber apareceu em outras entrevistas. Algumas me diziam a quantidade contando uma a uma em voz alta, como para se certificarem do que estavam dizendo. Ainda que não seja a pessoa com mais tatuagens

³⁴ Essa análise foi elaborada a partir das reflexões presentes na dissertação de mestrado de Camila Amaral (2016) em que a autora discute a agência de parturientes que escolherem uma Casa de Parto pública conhecida pela adoção do “parto humanizado” em Realengo, na cidade do Rio de Janeiro.

do grupo que entrevistei, Karla é a que tem as maiores tatuagens e as mais aparentes – em ambas as pernas e braços. Além disso, foi a pessoa que começou a se tatuar mais cedo, aos quatorze anos e com o apoio dos pais, o que também não ocorre com frequência. A primeira tatuagem foi uma fada, que cobriu posteriormente por sentir vergonha do desenho, dando sempre a entender que era uma tatuagem inferior em relação às outras que tinha, que “já foram mais personalizadas”.

Fazendo uma tatuagem a cada ano, ou, quando muito, a cada dois anos, Karla notou diversas mudanças e algumas continuidades no “universo da tatuagem” nos últimos quatorze anos. Essas mudanças implicam em diferentes relações que são estabelecidas com os tatuadores- antigamente, em maior número e mais comuns que tatuadoras, como explicitarei mais adiante.

2.2.5 Ilana

Ilana tem vinte e quatro anos, estagia em um escritório de arquitetura e possui uma tatuagem. Nascida na cidade de Rio Bonito mudou-se sozinha para Niterói- cidade em que ainda reside- para fazer faculdade. Sempre estudou em escolas particulares, e diz nunca ter tido contato antes com a “diversidade de pessoas” que, segundo a mesma, uma universidade federal pública proporciona conhecer.

Sua única tatuagem é uma ilustração de uma artista em que um gato e uma mulher se tornam uma só figura. Para evidenciar os detalhes da imagem, ela decidiu fazer em um tamanho que considera grande, conforme sugerido pelo tatuador. A tatuagem em estilo de croqui³⁵ ocupa boa parte de seu braço direito.

2.2.6 Maria

Maria foi a entrevistada mais velha, com trinta e três anos, além de ter sido a única a possuir filhos. Ela e Ilana tinham apenas uma tatuagem, sendo as duas na parte exterior do braço e grandes. A tatuagem de Maria tinha um tema floral e era preta com detalhes em verde e a história de sua única tatuagem tem vários pontos em comum com a de outras entrevistadas: ela sempre havia tido vontade de fazer “mas nunca soube o que” tatuar. Acabou fazendo em uma situação que considerou “inusitada” por não ter tido muito planejamento e por ter sido de graça, uma vez que um tatuador ofereceu tatuagens para ela e para o marido para que pudesse

³⁵ Referente à rascunho, esboço ou feita a mão. O termo é comum em arquitetura, no meio artístico e na moda.

participar de uma convenção de tatuagem. O motivo que levou o tatuador a oferecer seu trabalho de graça foi a cor da pele dos dois: “bem branca mesmo”. Essa característica era tida como ideal para ele.

2.2.7 Lua

Lua tem vinte e três anos, cursa hotelaria e tem vinte e seis tatuagens. Todas são pequenas e no estilo *old school*. Fez a primeira tatuagem aos quinze anos e as outras depois dos dezoito. Suas tatuagens são desenhos, personagens de filmes, animais e objetos do dia a dia, não tendo nenhum texto. Seus dois braços são cobertos por tatuagens, ainda que não totalmente, tendo também algumas nas costas e na perna direita.

Como Karla, Liana e Lara, Lua se preocupava com as disposições artísticas das tatuadoras e tatuadores que procura. Ela valoriza quem tem desenhos próprios e quem faz desenhos autorais, chegando a viajar para outros estados para as sessões de tatuagem.

2.2.8 Milena

Milena foi a mais nova das doze, tendo vinte e dois anos. Ela está na metade da faculdade de psicologia, trabalha em uma loja de roupas e tem o braço direito coberto por tatuagens, somando nove no total com as que tem nas costas. Milena foi a pessoa que deu mais destaque à importância de tatuar com mulheres, dizendo que não voltaria a fazer uma sessão com um homem. Sua preferência por tatuar em casa e não em estúdios tradicionais também foi marcante por ser distinta das demais. Escolher mulheres e *home studios* tinha a ver com o que identificava como situações mais confortáveis e íntimas do que aquelas possíveis de vivenciar em outros ambientes.

Com a exceção da primeira, suas tatuagens tinham relação com “significados sobre o feminino”, retratando pássaros, mulheres que admirava e frutas. Milena foi uma das poucas a mencionar a dor que sentiu nas sessões de tatuagem, mas não fez muito alarde sobre.

2.2.9 Lara

Lara tem vinte e cinco anos, é aluna de artes e tem sete tatuagens. Fez a primeira aos quinze anos, uma fada nas costas, como Karla e também relatou sentir vergonha do desenho. Ela tem planos de cobri-la no futuro, mas pelo local não ficar muito exposto disse não ser uma

prioridade. Três das tatuagens são frases espalhadas pelo corpo, a maioria de músicas que gosta e, ainda que não tenham necessariamente um “significado”, todas têm um “lugar afetivo e uma historinha por trás”. Uma das que mais gosta é uma flor no ombro, baseada em uma foto que sua mãe tirou enquanto viajava na França, na adolescência.

Ainda que Lara tenha uma foto reproduzida como tatuagem, ela disse não gostar desse tipo de trabalho. Sua preferência é por imagens feitas no *free hand*³⁶ por achar que tatuagens são mais bonitas quando são criadas para serem “algo novo”, ainda que tenham uma referência básica na realidade. Ela tem a intenção de ser tatuada apenas por profissionais que seguem essa visão.

2.2.10 Joana

Joana tem vinte e três anos, estuda ciências sociais e possui oito tatuagens. Ela disse não costumar pagar pelos desenhos e que pretende continuar assim pois os preços “são sempre exorbitantes”. Para tanto, se disponibiliza como cobaia para tatuadores iniciantes. Suas tatuagens são de tamanhos inferiores a 10cm, em preto e cinza e em “locais discretos”, como o pulso e o tornozelo. O relacionamento prévio com os tatuadores conta bastante na sua escolha pois dá preferência a amigos, ainda que tenham pouca ou nenhuma experiência.

Joana gosta da estética de corpos “cheios de tatuagens” e acredita que “mulheres bem resolvidas têm muitas tatuagens”. Sua vontade é cobrir boa parte da pele no futuro; gosta mais das tatuagens que não são coloridas e pequenas, como o ponto e vírgula que possui no dedo indicador. Ela diz ter preferência pelos desenhos “delicados” e que isso “com certeza é uma questão de gênero”, por mais que nunca tenha refletido a fundo sobre a questão.

2.2.11 Renata

Renata tem vinte e três anos, é formada em produção cultural e tem nove tatuagens. Sua primeira foi feita quando tinha dezesseis anos e, diferente das outras, disse ter orgulho da mesma, ainda que “esteja velhinha e desbotada”. Fez a segunda com um amigo que nunca tinha tatuado antes e é a que mais gosta no momento porque tem lembranças da relação “acolhedora” e “mais pessoal” do que teve com as outras.

³⁶ Quando o design da tatuagem é criado a mão livre no momento da sessão, diretamente na pele da ou do cliente.

A preferência pelo estilo *old school* é tida como um apreço pelo que é tradicional, assim como um apego a uma época em que não viveu, mas da qual gosta bastante. Ela diz não achar legal a dinâmica de *flashdays* por prezar pelo “ritual” das sessões, que necessariamente excluiriam a presença de terceiros. Uma de suas preocupações era não fazer muitas tatuagens “rápido demais” para ter espaço no futuro para novas ideias.

2.2.12 Andrea

Andrea tem vinte e quatro anos, é graduanda em história, estagia em uma escola e tinha três tatuagens quando a entrevistei. Natural de Goiás, Andrea fez a primeira tatuagem em sua cidade natal e as outras duas depois de se mudar para o Rio. A primeira é uma frase de um poema no ombro que ela teve a ideia de transformar em um círculo para que pudesse complementar o sentido atribuído a ele – o de mudança. Para ela a tatuagem marcou o momento em que se mudou para uma cidade nova, a contragosto da família. A segunda tatuagem foi de um desenho que ela mesma fez e em nenhuma das duas, o tatuador opinou sobre a imagem. Com exceção das entrevistadas que se tatuaram quando eram menores de idade com desenhos tirados de portfólios ou revistas, Andrea foi a única que relatou ter levado os desenhos já prontos.

Além do ombro, Andrea escolheu outras duas tatuagens em lugares visíveis (o antebraço e a panturrilha) e disse ter uma grande resistência a fazer tatuagens nas costas pois não poderia vê-las. Para ela não era interessante que as tatuagens ficassem “escondidas” e isso era em grande medida pelo fato de que lugares que considerada escondidos eram sexualizados demais, como glúteos e virilha. O problema com a sexualização, no entanto, tinha a ver com uma suposta falta de relações pessoais atribuídas às tatuagens, que seriam feitas “sem nenhum significado” para as mulheres que as tinham, tendo como exemplo sua mãe que tatuou o sobrenome do marido no cóccix. A nuca também é um local em que a tatuagem poderia ser escondida, mas não tinha o peso dessa sexualização - e da falta de significado.

2.3 **Entre a representação e a beleza: significado e estética**

Ao falar sobre as motivações para se tatuar, a maioria das entrevistadas fez alusão a ideia de que ter uma tatuagem se relaciona a algum aspecto particular e importante da história de cada indivíduo, como episódios marcantes de suas trajetórias pessoais: escolha de carreira, viagens, filiação política, etc. Essa caracterização, no entanto, foi associada a uma época

passada: antigamente era mais comum que as tatuagens fossem escolhidas a partir de catálogos ou álbuns que ficavam à mostra nos poucos estúdios que existiam e, ainda que a variedade de imagens fosse pequena, elas costumavam “dizer algo” sobre a pessoa que as adotavam. Por um lado os desenhos não eram elaborados com a participação dos clientes, por outro, como indicam Wohlrab, Stahl e Kappeler (2006, p. 88), o fato das modificações corporais não serem muito comuns tinha como atrativo uma busca por “ser diferente” articulada a sentidos de identidade “acentuados”. Esse momento seria posterior ao “início da tatuagem no Brasil”, marcado pela “marginalização” tanto daqueles que possuíam tatuagens quanto daqueles que as faziam³⁷. “Hoje em dia” as tatuagens não precisariam estar diretamente associadas ao que muitas vezes foi chamado de “representação” (ou significado) ainda que algumas mulheres tenham afirmado ter essa intenção ao se tatuar:

Essa aqui, que é meu sobrenome com uma coroa que é pra minha mãe, que é o significado de Regina, que é rainha. Fiz o machado de Xangô, que é a minha religião e significa duas coisas: o machado significava força na época da África, né, que é o Candomblé, que é a minha religião então é um símbolo que representa força, representa Xangô, representa a guerra [...] tenho a coruja, a coruja da sabedoria... tem uns livrinhos assim. Acho que você escolhe o que tem mais a ver contigo. Assim como eu quero fazer peixe, peixe pra mim tem muito significado. Eu amo água, sabe? É meu signo... eu acredito nessa questão da personalidade, que é fortuna, sabe? Diversos significados. (Thaís)

Desde pequena eu tinha sempre vontades e desejos de tatuar, e acho que foi muito a partir do que eu sentia e qual a simbologia daquilo, o que aquilo representava pra mim. [Hoje] um palhaco não me representa mais. Fez parte de mim, mas não me representa mais. Hoje em dia eu não faria. (Ana)

O significado é aquilo que mostra ou revela algo sobre a pessoa. Dependendo da entrevistada, uma tatuagem que “tivesse significado” podia ser considerada superior àquelas feitas “puramente por estética”, uma vez em que ela se relacionava a questões pessoais marcantes. Por outro lado, podia ser vista como um sinal de limitação da marca, pois implicaria em menos liberdade de criação da tatuadora, perdendo seu potencial artístico; a tatuagem seria “moldada” para “caber” em significados que limitariam as possibilidades estéticas. A forma como as imagens são desenvolvidas interfere em como elas são entendidas, sendo as tatuagens “pouco artísticas” menos valorizadas pelo grupo como um todo, como resume Karla:

³⁷ Observei algo similar ao relatado por Leitão (2004b) que destaca que as mulheres entrevistadas por ela se distanciavam do uso da tatuagem como emblemas de desvio. Segundo a autora, “a prática não era por elas procurada como possibilidade de transgressão a normas ou padrões estéticos. Em suas falas, ao contrário, buscavam desvincular suas tatuagens de qualquer representação sobre desvio. É claro que essa suposta ressemantização da tatuagem não é um processo linear e simples, sendo permeada por tensões e contradições. Um exemplo disso é a forte marcação e separação que as entrevistadas faziam entre a imagem delas e de suas tatuagens e a de outras tatuagens e outros tatuados. O desvio era sempre percebido como existente, mas sempre entrava na categoria do “esse não é o meu caso” sendo sempre localizado no outro” (LEITÃO, 2004a, p. 6).

Hoje ela [a tatuagem] é uma obra de arte, assim. Acho que ela conseguiu conquistar esse movimento de ter uma identificação artística ali, uma forma de se expressar artisticamente (...) eu não pensava em fazer tatuagem por significados que era comum, ‘ah, por uma superação que eu tive’ ou ‘ah, representa minha família’. Eu fazia por uma questão de estética mesmo, tatuagem pra mim sempre foi um adorno. (Karla)

A tatuagem feita por “estética” é aquela que serve para “embelezar” a pessoa. O embelezamento é algo que enfeita o corpo, realçando algumas áreas ou as cobrindo, como cicatrizes de cirurgias, sinais de nascença ou marcas de ferimentos auto infligidos. Uma das atribuições mais enfatizadas desse tipo de tatuagem é sua capacidade de melhorar a autoestima e a percepção da autoimagem. Basicamente, os sentimentos associados aos dois tipos de tatuagem são de felicidade ou satisfação, mas a tatuagem feita por estética necessariamente implica em se sentir mais bonita. Outro ponto importante da motivação estética para a tatuagem é a associação da mesma com a concepção da tatuagem como arte – e da tatuadora como artista³⁸.

Em tempo, o “significado” e a “estética” são categorias mobilizadas para falar de atributos distintos das tatuagens, mas não são necessariamente excludentes ou opostas. Contudo, para fins analíticos, escolhi dar destaque às características particulares de cada uma.

2.4 “Tatuagens comuns”: noção de arte e senso de distinção

Eu acho que tem um olhar muito pessoal, assim, pode ser em outros corpos isso. Pode ter um outro olhar pra mim, mas no meu corpo existem coisas que eu tenho, e acho que é muito comum... e eu não gostaria de ser uma pessoa tão comum assim (Lara)

Uma caracterização que apareceu nesse ponto e foi muito recorrente ao longo das entrevistas é o que algumas definiram como tatuagens que seriam “comuns”. O comum é aquilo que não possuiria valor por não ser algo único. Quando falavam de “todo mundo”, as pessoas que entrevistei costumavam empregar adjetivos como “banal”, “clichê”, “brega”, “batida”, “cafona”, assim como o uso sufixos no diminutivo, de uma forma que parece diminuir a importância dessas tatuagens. Os sufixos eram usados para descrever as imagens (“coraçõzinho”, “estrelinhas”, “florzinhas”), as cores (“azulzinho”, “rosinha”, “amarelinho”), as linhas (“fininhas”, “delicadinhas”, “simplesinhas”), os locais (“dedinho”), o tamanho

³⁸ Sobre a discussão entre tatuagem como arte para além de ser entendida como um ofício ou serviço no Brasil, ver Pereira (2016). A pesquisadora analisa a diferença entre as tatuagens consideradas comerciais e as artísticas a partir dos pontos de vistas de tatuadoras e tatuadores, assim como de pessoas que possuem tatuagens. Autoras como Mifflin (2012, 2013) discutem a questão da articulação direta entre artes visuais e tatuagem, destacando o uso da técnica como uma entre muitas no repertório de artistas contemporâneos que não se pensam como tatuadores exclusivamente.

(“pequeninho”) e o produto final (“bonitinha”, “lindinha”) das tatuagens consideradas inferiores.

Bourdieu (2008) entendia os gostos ou preferências como manifestações práticas de diferentes posições no espaço social, e suas respectivas condições de existência. As predisposições como a influência da origem social e da educação (familiar e escolar)³⁹, funcionariam enquanto “marcadores privilegiados de ‘classe’” (BOURDIEU, 2008, p. 12). Para o autor, as obras de arte e as “tomadas de posição estéticas”, como a forma de se vestir, cuidados e embelezamento corporal, e o jeito de decorar residências, por exemplo, só adquiriam sentido a partir dos códigos segundo os quais são codificados, códigos estes relacionais (BOURDIEU, 2008, p. 10). Ou seja, o conjunto de disposições cognitivas e avaliativas - como o critério de apreciação – seriam influenciados pela posição social dos indivíduos. Nesse sentido, a crítica de Bourdieu é desenvolvida a partir da análise dos gostos e sua relação com os estilos de vida de determinadas classes, destacando os valores (auto) atribuídos das camadas dominantes e suas noções sobre “bom gosto”. As classes dominantes conferem maior valor àquilo que é belo enquanto possuidor de um valor em si, e não como função; já a “estética popular” seria uma estética em si e não para si, distante do que os intelectuais priorizam, que é a representação e não nas “coisas representadas” (BOURDIEU, 2008, p. 12). O que quer dizer que, para as “classes populares”, as obras de arte precisam ter uma função “nem que seja a de signo” (BOURDIEU, 2008,).

De fato, por intermédio das condições econômicas e sociais que elas pressupõem, as diferentes maneiras, mais ou menos separadas ou distantes, de entrar em relação com as realidades e as ficções ou nas realidades que elas simulam, estão estreitamente associadas às diferentes posições possíveis no espaço social, e por conseguinte, estreitamente inseridas nos sistemas de disposições (habitus) características das diferentes classes e frações de classe. O gosto classifica aquele que procede à classificação: os sujeitos sociais distinguem-se pelas distinções que eles operam entre o belo e o geio, o distinto e o vulgar; por seu intermédio, exprime-se ou traduz-se a posição desses sujeitos nas classificações objetivas (BOURDIEU, 2008, p. 13).

No uso da tatuagem poderíamos traçar um paralelo entre o estilo realista, desprezado pela maioria das entrevistadas, tanto quanto a função de homenagem⁴⁰, também inferiorizada nos discursos, especialmente aquelas que seriam feitas para parceiros ou parceiras românticos⁴¹.

³⁹ Aqui vale destacar que todas as entrevistadas são universitárias e possuem uma trajetória similar nesse sentido.

⁴⁰ Uma parte das entrevistadas disse ter feito tatuagens “em grupo” (com amigos ou parentes), mas não as consideravam como homenagens.

⁴¹ Osório (2006, 2010) já apontava o caráter profundamente marcado pelas relações de gênero presentes nesse tipo de tatuagem, ainda que possua outras facetas como a de memória, expressão de sentimentos e estratégia para manutenção de relações. No entanto, a negação desse tipo tinha a ver com uma postura consciente sobre as implicações da “marca de propriedade” presente.

O que pretendo aqui é ressaltar a possível associação entre o “significado” e a “estética” e como os mesmos aparecem na questão da “tatuagem comum”.

Para Salata (2015) a questão da identidade e do reconhecimento são importantes fatores na concepção da classe média no Brasil. A renda, ocupação e educação são fatores importantes de se considerar nessa categorização, sendo a renda, muitas vezes, a única questão levada em consideração nos estudos sobre o tema, desconsiderando-se a esfera subjetiva da estratificação social. O pesquisador demonstra que a identidade de classe correspondente à classe média está mais presente na parcela da população identificada com AB (nome dado de acordo com nível de rendimentos) e engloba

indivíduos com nível superior de escolaridade, profissionais, administradores, com maiores chances de possuir plano de saúde, previdência privada, cujos filhos estudam em colégios particulares, e que frequentam teatros e fazem viagens internacionais (...) o tipo “AB”, perfil mais abastado da população brasileira, é o único em que as pessoas se identificam de modo bastante claro com a ‘classe média’ (SALATA, 2015, p. 127).

A figura que se imagina de alguém de classe média no Brasil é a de que essa pessoa deve possuir “um padrão de vida estável, ter feito universidade, ter renda alta, ter acesso a lazer e diversão, etc.” (SALATA, 2015, p. 131). Salata relata que a tradição dos estudos sobre classe afirma que “a ideia de classe média no Brasil teria sido formada tendo como referência a imagem –um tanto idealizada- da classe média europeia e norte-americana” (SALATA, 2015, p. 135). Hoje em dia,

deve-se ter em vista, portanto, que dada a posição periférica de países como o Brasil, a ideia de “classe média” surgiu nos chamados países centrais, e foi posteriormente absorvida pela sociedade brasileira no contexto específico de meados do século XX. Conforme argumentado por autores como Owensby (1999), numa situação em que os países centrais eram vistos como ápice do desenvolvimento em direção ao qual, acreditava-se, o Brasil estava começando a caminhar, ser reconhecido como pertencente à “classe média” significava ser reconhecido como parte desse mundo ‘desenvolvido’. Significava, portanto, uma posição social superior, que deveria corresponder a certo grau de prestígio ou *status* social. Afirmava-se, dessa maneira, aquilo que Souza (2003) identificara como a separação simbólica entre ‘europeizados’ e ‘não europeizados’; e se reconhecer e ser reconhecido como membro da ‘classe média’ significa(va) também fazer parte da primeira categoria (SALATA, 2015).

Sanders (2008) realiza um grande trabalho ao detalhar a forma como a tatuagem é considerada enquanto uma atividade artística, levando em consideração quais fatores aumentam ou diminuem a possibilidade de uma atividade ser entendida como tal. Para ele, o movimento de incorporação da tatuagem pela indústria cultural contemporânea nos Estados Unidos tem a ver com um processo de assimilação de gostos e formas de entretenimento daqueles localizados “fora das margens do poder social” (SANDERS, 2008, p. 9). Esses gostos, formas de entretenimento e materiais de interesse de

minorias, adolescentes, moradoras de periferias e outros “outsiders” são apanhados pela indústria cultural, limpos e homogêneos e promovidos avidamente como a última tendência, vendidos para a maior parte do mercado consumidor. Para resumir, a maior parte de fontes de inovação da cultura *mainstream* está nos materiais e atividades das pessoas relativamente pobres e sem poder; a inovação alimenta os fluxos do poder (SANDERS, 2008, p. ix).

As “tatuagens comuns” eram consideradas de forma negativa pela maioria entrevistadas. Thaís, de forma distinta das demais, atribuiu um fator positivo a elas e à sua caracterização ao apontar que o que é comum seria facilmente reconhecível pelas pessoas. Para ela, ainda que “todo mundo” tenha um certo desenho ou temática de tatuagem ela não é menos especial por isso, como indica no trecho destacado a seguir:

Eu tenho uma coruja, o que eu quis dizer é que a coruja é muito comum, tendeu? Mas assim, não que ela não tenha um significado pra mim, por exemplo, mas uma pessoa que talvez olhe ela pode entender o significado de imediato, sabe? E... como é que as pessoas perguntam que palavra é essa, pra mim tem um significado, mas assim, no geral o que a gente conhece de código assim, a coruja é acessível, os coqueirinhos... acho que é assim, nesse sentido.

Esse tipo de tatuagem põe em cheque uma questão explorada na literatura sobre o tema, que indica a diferenciação no uso da tatuagem enquanto uma noção de busca por singularidade identificadas que seriam mais significativas enquanto processos individuais. O aspecto da exclusividade pode ser entendido como indicador da influência social na prática da tatuagem caso se faça uma leitura do “universo da tatuagem” como um mercado. A busca pela exclusividade, como demonstram Henkes e Dalmoro (2015, p.46) ao analisarem padrões de consumo em mulheres de classe alta, é recorrente nessa classe social. Para os autores, essa busca denota a intermediação entre subjetivação e estruturas de (classe) sociais .

Sugiro como novos pontos de reflexão as implicações da desvalorização das tatuagens consideradas comuns e a forte marcação de gênero nessa caracterização –o que será explorado no próximo capítulo. Uma das entrevistadas que abordou diretamente esse tema foi Karla. Falando sobre vontades, motivações e diferenciação ela menciona o exemplo da tia, uma mulher que era como uma referência do que almejava para si: ser uma “mulher independente e subversiva”. Cabe pontuar que a subversão presente em sua narrativa tem a ver com questionamento de papéis e expectativas de gênero e não é associada a marginalização. Essa tia, segundo ela:

Sempre muito exuberante, bonita, ela era subversiva na maneira dela, era muito sexual, expunha os desejos, é... ela expunha a beleza dela em usar roupa que ela tinha vontade mesmo que ela tinha ali, fosse de certa forma refém de um desejo masculino, ela tinha, ela se impunha dessa forma sem medo dos estereótipos negativos. Então eu via nela, achava ela muito maneira [...] e era toda tatuada [...] ela tinha acesso a muitos médicos então ela também fez muitas cirurgias plásticas na época e muitas tatuagens dela foram pra cobrir cicatrizes, então... ela colocou, fez uma redução de mama com silicone e ela tinha aquela, uma cicatriz ao redor do mamilo [...] os dois mamilos

assim, eu achava surreal, assim. E era lindo, tipo, como ela morava na Bahia ela vinha sempre muito bronzeada, com umas roupas todas diferentes, diferentes da estética que eu tinha em relação a minha mãe que era mais uma mãe mais padrão, tradicional. E aí eu via ela com aquelas roupas decotadas e aparecendo um pouco tatuagem e ‘caralho, que mulher tatua o peito, o bico do peito?’ [...] acho que ela foi quem influenciou muito minha vontade de ser um pouco aquela mulher ali... e, acho que era isso assim, minha vontade de fazer tatuagem era essa, buscar uma diferenciação e uma subversão.

A busca pela diferenciação apareceu principalmente de duas formas distintas. Uma delas foi vista na forma como Thaís, conforme mencionado acima, elaborou sobre o que existe de singular nas tatuagens consideradas comuns. A outra forma foi a articulação de comentários negativos em relação a um certo estilo, desenho ou temática, por mais que se possuísse uma tatuagem com as características apontadas negativamente. Karla, por exemplo, teceu diversas críticas ao estilo aquarelado que, quando adaptado para a tatuagem, perderia a complexidade e beleza das pinturas, tornando-se “apenas um borrão de tinta sem contorno”. No entanto, ela própria tem uma tatuagem em que o desenho é em aquarela, mas que segundo a mesma, seguiria o estilo das pinturas e por isso não era “cafona e brega” como as outras.

2.5 A experiência em si

Nos estudos sobre tatuagem é recorrente a menção à dor do procedimento. Autoras como Osório (2005) identificam as formas de lidar com a expectativa da dor e as distintas reações esperadas a ela relacionando-as a um recorte de gênero. Outros, como Dias (2014) discutem a positivação da dor como parte inerente e fundamental dos processos de construção de identidade no uso da tatuagem, como se para experimentar e, conseqüentemente, falar sobre tatuagem a pessoa fosse sempre apontar esse aspecto. O que pude constatar, no entanto, é que essa associação imediata entre tatuagem e dor não se dá em todos os casos. Inclusive, a dor como algo positivo e como elemento de superação não foi mencionada uma única vez. Quando muito a dor era descrita como algo a ser esperado da tatuagem, mas nunca como algo bom ou importante: apenas parte do processo. Não existia preocupação em mencioná-la ou descrevê-la.

A referência à insegurança ou arrependimento que a tatuagem pudesse trazer no futuro também não foi comum entre as entrevistadas. Pelo menos não de forma definitiva, já que elas não se opunham à ideia de remover ou cobrir uma imagem se ela por acaso ficasse “malfeita”, “envelhecesse mal” ou deixasse de “fazer sentido”.

2.6 Negociações

Fazer uma tatuagem é um processo que costuma envolver diretamente mais de uma pessoa. Descrevo a seguir algumas das relações implicadas nesse processo mais citadas pelas mulheres que entrevistei.

2.6.1 Com tatuadoras e tatuadores

Existe uma separação das experiências de se tatuar entre as que tiveram os chamados “saldos positivos” e os “saldos negativos”. Essa caracterização diz respeito a toda a relação estabelecida entre cliente e profissional, podendo uma experiência negativa ter um saldo positivo, uma vez que o produto final da interação, a tatuagem, costuma ser o mais valorizado⁴². Lua e Karla tiveram “experiências ruins” com tatuadores e por motivos similares: o ambiente dos estúdios era considerado muito masculino, onde relataram terem sido afetadas pela “maneira típica que homens têm de se relacionar entre si”, como comentários que seriam objetificantes e sexualizadores feitos em relação às clientes ou as tentativas de desencorajá-las a fazer o que haviam escolhido pois os tatuadores julgaram que seria inapropriado para elas. Nesses casos os tatuadores – o uso do termo masculino não é referente a generalização de homens e mulheres – atuam como *gatekeepers* de forma similar à identificada por Santos (2011). Antes de fazer uma das tatuagens de Lua, o tatuador insistiu diversas vezes em mudar o desenho de sua bicicleta por um com traços *mais finos* e menor e, ainda que ela tenha recusado em um primeiro momento, julgou ser melhor chegar a um “meio termo” aceitando algumas alterações. Ao contar a situação ela afirmou que por mais que tenha sido um péssimo atendimento tinha gostado do resultado.

Muitas entrevistadas, inclusive Lua e Karla, relatam que uma das mudanças positivas ocorridas nos últimos anos no universo/mercado da tatuagem foi a maior entrada de mulheres desempenhando a função de tatuadoras nos estúdios e que isso faz com que o ambiente seja mais confortável. Seja por uma questão de confiança, ideais políticos ou até de “troca de energia”, existe uma forte marcação da preferência por profissionais mulheres. A intencionalidade da escolha por tatuadoras é associada a uma postura recorrentemente reivindicada como feminista.

Há preferências também em relação aos diferentes tipos de ambientes em que é possível se tatuar, como os estúdios considerados tradicionais e os *home studios*. Os estúdios tradicionais

⁴² Tratarei desse tema no próximo capítulo.

são aqueles que possuem uma lógica de funcionamento específico e um espaço delimitado: abrem durante o horário comercial, geralmente contam com mais de um tatuador, os agendamentos de sessões ou de conversas são intermediados por recepcionistas ou aprendizes e são legalizados de acordo com as regras sanitárias vigentes. Eles podem ser considerados menos íntimos que os *home studios*⁴³, ou, ao contrário, inspirarem “confiança” nas clientes, tanto em relação ao profissionalismo das tatuadoras quanto à higiene do espaço. Entre os estúdios tradicionais existem as subcategorias de “estúdios comerciais” e “estúdios especializados”.

Segundo as entrevistadas, é mais difícil encontrar uma tatuadora-artista nos estúdios comuns, já que são locais em que as pessoas procuram por “tatuagens comuns”, o que não ocorre nos especializados. Existe ainda uma tradição que entende o profissional como detentor dos saberes sobre estética e como a pessoa mais aconselhável, ou única confiável, na escolha da região do corpo a ser tatuada, assim como nas cores possíveis de serem aplicadas na pele⁴⁴. Essa “visão prática” (OSÓRIO, 2010) acaba assegurando uma autoridade a tatuadoras e tatuadores que agem de acordo com suas capacidades e limitações profissionais.

2.6.2 Com a família

Milena queria se tatuar em um estúdio “desde pequena”, mas por conta da falta de autorização dos pais acabou esperando até completar a maioridade. Aos 18 anos fez suas duas primeiras tatuagens com um tatuador em Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro, e ainda que legalmente não precisasse mais de uma autorização, achou melhor chegar a um acordo com os pais para “ não atrapalhar a convivência em casa”. Depois que passou a ganhar o próprio dinheiro e a morar sozinha, parou de “ter que pedir essa permissão”, mas disse ainda ouvir comentários sobre o assunto em reuniões de família. Milena classificava esses comentários como positivos ou negativos, alegando que, independentemente de seu teor, eles não interferiam na forma lidava com suas tatuagens, muito menos em seus planos de fazer outras.

Existe um costume relatado por tatuadores e tatuadoras que pude observar de perto, de clientes irem acompanhadas de amigos e parentes para as sessões de tatuagem; esse costume é mais comum por parte das mulheres, com vi no meu campo. Ao realizar um estudo sobre

⁴³ Podem ser regulamentados ou não, sendo os segundos ilegais.

⁴⁴ Esse aspecto é fundamental de se ter em mente, principalmente depois da exposição de Holmes (2014) a respeito de como o desenvolvimento de outra técnica/arte (a fotografia) baseou-se em vieses que privilegiavam peles brancas em detrimento de outras mais escuras. Isso se deu a partir da adoção de materiais que serviam como medidores referenciais de padrão de impressão que tinham como modelo pessoas brancas.

tatuagem e gênero na cidade do Rio de Janeiro, Osório (2006) constatou que as principais diferenças de gênero se relacionavam à experimentação da dor, aos desenhos e regiões do corpo tatuadas e ao controle dos corpos femininos pela família, fundamentalmente no que concerne à oposição ou apoio ao uso das tatuagens (OSÓRIO, 2006, p.74). O controle dos corpos femininos por parte de familiares e amigos é dado importante para a discussão sobre gênero. Ouvi de algumas das entrevistadas que seguiriam os “conselhos” de mães, pais, amigas ou companheiros, contudo essas figuras sempre se fizeram presentes, na maioria das vezes presencialmente, nas sessões, assim como nas entrevistas e nas escolhas sobre os desenhos.

As famílias - especialmente pais e mães- podem ser tidas como entraves, facilitadoras ou são encaradas como “não importantes”. Maria, por exemplo, disse “não dever mais nada” aos pais pois não dependia financeiramente deles e morava com o marido e os filhos. É importante perceber que, independente de como as menções às famílias aparecem, elas foram sempre feitas e eram postas como algo relevante, a ser levado em consideração. A família e as relações interpessoais permeiam a experiência como um todo. Algumas entrevistadas como Irene relataram agir em oposição às sanções impostas pela mãe sobre seus corpos de maneira criativa e aparentemente contraditória: no caso, disse ter convencido a mãe a tatuar um desenho idêntico ao dela, ao mesmo tempo, argumentando que seria uma experiência em que a mãe poderia ver com os próprios olhos o ambiente do estúdio, tido como um lugar possivelmente inseguro na questão de higiene e saúde. Ela teria ingerência sobre o desenho em si, opinando sobre o que seria mais “adequado” para a filha, que já era maior de idade, aproveitando também para “criar uma lembrança legal entre as duas”. As duas foram a um dos estúdios que existiam na cidade sem saber exatamente o que tatuar. A mãe acabou decidindo por um desenho “comum de pimenta” e ambas o fizeram no mesmo local do corpo, o pulso. Irene descreveu a situação como se tivesse burlado as imposições familiares, “enganando” a mãe para realizar um sonho antigo de adolescência, que era fazer uma tatuagem. Disse também que a princípio se surpreendeu pela escolha do lugar (considerado aparente), que justificou pelo “tamanho pequeno” e pelo fato de não ser colorida pois assim “não chamaria atenção”.

2.7 Estereótipos sobre pessoas com tatuagens: o julgamento “dos outros” e “da sociedade”

Depois [da primeira] demorei pra fazer a outra, que foi esse ano. De 2012 até 2017, por várias questões, a principal sendo a falta de grana. Mas, acho que não era só isso, talvez medo, de me marcar, julgamento das pessoas e tal (...) porque demorei tanto, se é uma coisa que eu queria? Se é algo que depois que fiz fiquei tão feliz, amo me olhar e ver minhas tatuagens, amo quando tiro foto e aparece minha tatuagem, quero

me tatuar inteira. Por que que demorei tanto? Aí fui pensando nisso, o quanto me escondi por trás dessa questão de dinheiro e tipo, não era (...) era muito questão disso, de não me sentir autorizada, de me importar muito com o que outras pessoas iam pensar. (Irene)

Um ponto recorrente nas entrevistas foi a preocupação com o que outras pessoas supõem/pensam sobre quem tem tatuagem – especialmente quando quem as tem são mulheres, o que extrapolaria “estereótipos tradicionais” sobre a tatuagem, associados a um “universo masculino”: marinheiros, presidiários, roqueiros e motoqueiros. Como pontua Sanders (2008), existe uma associação entre grupos desviantes, considerados como exemplos de “mal comportamento” e a história da tatuagem no contexto ocidental, assim como ao “universo masculino”.

Ser uma mulher “muito tatuada” ou “toda tatuada” é posto como um desejo por boa parte delas e ao mesmo tempo como algo que pode ser um problema, dependendo da situação retratada e do meio social pelo qual circulam. O mercado de trabalho é considerado como o principal fator de preocupação, pois existiria uma resistência de empresas “mais tradicionais” e áreas específicas, como a da educação, que não aceitariam pessoas com tatuagem por considerá-las “pouco profissionais”. Essa argumentação da falta de receptividade no mercado de trabalho é comum também na justificativa dos impedimentos impostos pelos familiares.

Além da falta de profissionalismo, outro aspecto negativo de mulheres com muitas tatuagens seria a associação com a sexualidade e isso apareceu de duas formas: mulheres com muitas tatuagens eram vistas como “muito sexualizadas” ou, em menor escala, como lésbicas. O termo “tatuagem de piranha”⁴⁵ foi usado diversas vezes pelas entrevistadas e pelas pessoas nos estúdios que frequentei.

As noções de vulgaridade, elegância, sensualidade e de “baixeza” são adotadas para assinalar diferenças e perpetuar estereótipos femininos desiguais e estigmatizantes, como aponta Fernanda Ferrari (2016). A autora indica a relação entre o que é considerado sexy em oposição ao que seria vulgar: ser sexy e sensual seria uma característica permitida (e desejada) pelas mulheres em geral, já a vulgaridade (o exagero desses atributos) seria vista de forma negativa. No uso da tatuagem, como na moda, existem muitas características almeçadas, assim como existem restrições em relação ao que se pode fazer ou não – dependendo da intenção de

⁴⁵Pude constatar que quando as entrevistadas e os tatuadores falavam em “tatuagem de piranha”, “tatuagem de vagabunda”, “tatuagem de vadia”, “tatuagem de puta”, entre outras, costumavam descrever tatuagens (e pessoas que as carregavam) semelhantes. Adotei “tatuagem de piranha” como um recurso de escrita para a análise. Como destaca Barros (2014), a caracterização de mulheres que tem esse tipo de tatuagem extrapola a tatuagem em si. Ela descreve mulheres que se vestem e se comportam de uma determinada maneira, que serviria para “atrair homens” e é extremamente mal vista.

cada sujeito. Ferrari afirma que a vulgaridade existe como característica a ser evitada: pode ser a forma de falar associada a um tipo específico de roupa e de locais que se frequenta e sua caracterização parece ser mais associada a mulheres do que a homens. A vulgaridade seria tida como *inadequada*, oposta ao estar “na moda”, ser “elegante” ou ser “estilosa”¹¹. Ela pode se referir à falta de decência e adequação ou ao exagero nos gestos, na quantidade de pele exposta, ou na forma de falar. Quando intencional, costuma ser vista como uma afronta direta a moral e aos bons costumes.

As implicações sociais sobre a vulgaridade que as tatuagens podem denotar ou não foram constantemente acionadas pelas entrevistadas. Em tempo, essa caracterização era sempre vista como algo a ser evitado por elas. Acredito que pensar a tatuagem por esse viés é uma possibilidade de investigar os modos de ser socialmente esperados e aceitos que as mulheres de um determinado contexto devem adotar. Apesar das apreensões relatadas acima, as mulheres que entrevistei fizeram e fazem tatuagens, distanciando-se dos estereótipos negativos que reconhecem existir em relação ao seu uso.

Pretendo, a seguir aprofundar as questões apresentadas pelas entrevistadas a respeito dos contornos de gênero no uso da tatuagem, associando-os de forma mais aparente às intersecções entre gênero e raça. Um aspecto que considero relevante para a análise a seguir é a forma como Karla orientou seu projeto de tatuagens tendo como parâmetro o sentido oposto do que acreditava que era esperado dela. Essa busca tinha a ver com uma suposta negação da feminilidade estabelecida, uma resistência a ela. Nesse ponto, é importante destacar que buscarei investigar e complexificar em que medida esse processo de diferenciação -e atribuição de superioridade- pode se relacionar com a posição epistêmica do branco a partir do conceito de branquitude enquanto constructo ideológico (SILVA, 2017). A questão da superioridade estética e da relação entre ela e a construção da branquitude brasileira é apontada por autoras como Schucman (2012, 2014) enquanto um dos traços fundamentais para se compreender o conceito.

3 “TATUAGEM FEMININA?”: REPRESENTAÇÕES PRESENTES NOS DISCURSOS DE MULHERES BRANCAS SOBRE (SUAS) TATUAGENS

A maior entrada de mulheres no universo/mercado da tatuagem desde a década de 1990 nos centros urbanos desafia uma associação antiga entre masculinidade e tatuagens (ATKINSON, 2002). Autoras como Leitão (2004a) e Osório (2005a,2006) atestam o crescimento na porcentagem de clientes mulheres no início dos anos 2000 em cidades como o Rio de Janeiro e Porto Alegre. Em suas pesquisas, as autoras destacam o fato de que, por mais que mulheres estivessem se tatuando mais do que homens, os estúdios de tatuagem eram considerados como locais direcionados ao “público masculino”, tanto enquanto profissionais quanto clientes. Isso implicaria no reforço de práticas e discursos androcentradas, como apontei nas experiências relatadas por Karla e Lua no capítulo anterior.

Utilizo as reflexões que se relacionam com a pesquisa realizada, e que dialogam com questões sobre feminilidades e as marcações específicas de poder que com elas interagem, produzindo posições relacionais. Parto da constatação que as pessoas que possuem tatuagens, especificamente as mulheres com quem dialoguei, possuem ideias específicas sobre: a) quais tipos de tatuagem são considerados aceitáveis de ter e quais não seriam aceitáveis, b) quais lugares do corpo podem ser marcados ou não; c) quais desenhos ou escritas podem ser adotados ou não, seguindo uma lógica que teria relação com feminilidades possíveis - isso segundo elas próprias. Pode-se observar, preliminarmente, que existem múltiplas formas possíveis de se exercer feminilidade, e o que pretendo abordar é a intersecção entre esses modelos ou padrões de feminilidade e aspectos de raça e de classe, tendo como recorte o uso da tatuagem, e as feminilidades que estudo estão relacionadas a valores que regem estéticas, moralidades, discursos, ações e costumes.

Procuró enfatizar, por meio do estudo da tatuagem, os processos de formações culturais coletivas de construção de subjetividade, considerando a complexidade das formas de sentir, estar e agir no mundo (ORTNER, 2007b).

3.1 “Tatuagem feminina”

A maior parte da literatura sobre o tema fala sobre tatuagens femininas como um correspondente a tatuagens *de* e *para* mulher. Os autores e autoras costumam fazer uma separação entre as formas que mulheres e homens utilizam a tatuagem, nomeando grupos opostos de desenhos que seriam masculinos ou femininos que indicam as pessoas que as

adotam, podendo existir ainda, em algumas análises, uma alternativa “unissex” (SABINO; LUZ, 2006 apud OSÓRIO, 2009). Às marcas corporais seguiriam uma lógica bem demarcada que representariam noções tradicionais da feminilidade e da masculinidade assumidas de forma “conformadora” aos estereótipos de gênero por parte das pessoas que se tatuam (ATKINSON, 2002). Conforme apontei no capítulo anterior, no entanto, o processo de se tatuar envolve diferentes aspectos de negociação.

Atkinson (2002) realizou um estudo com mulheres no Canadá a respeito de seus projetos corporais de tatuagem e a forma como faziam uso destes projetos para comunicar mensagens pessoais e culturais. Através da adoção de tatuagens, essas mulheres expressavam diversas questões acerca das feminilidades, assim como sobre os corpos ditos femininos. Algumas delas contestavam diretamente – de forma consciente- as construções sociais impostas sobre a forma de articular subjetividade e identidade com a feminilidade. Outras escolhiam se tatuar de acordo com as construções. O que o autor destaca é que as práticas e discursos sobre tatuagens estavam profundamente marcados pela dimensão de gênero. Essa abordagem ecoa em outras publicações sobre o tema, como se pode ver nos trabalhos das autoras citadas acima, assim como em textos mais recentes, como os de Barros (2015), Pereira (2016) e Zanco (2017).

Conforme Atkinson relata, em alguns momentos da história da tatuagem na América do Norte, como na década de 1980, os projetos corporais com tatuagens de mulheres podiam ser entendidos como não conformativos, ou não normativos, uma vez que eram adotados por pessoas que tinham a intenção de confrontar ou subverter de alguma forma as ideologias hegemônicas sobre a feminilidade (marcadamente branca⁴⁶). Essas ideologias localizavam a feminilidade como aquilo que devia denotar fragilidade, docilidade, submissão e erotização⁴⁷. Essa intenção era contida na própria escolha de se tatuar, já que se opunha de forma consciente à associação entre tatuagens e masculinidade(s), ilustrada pelas subculturas e grupos com marcações de masculinidade hegemônica considerados clássicos (militares, prisioneiros, grupos de motociclistas, entre outros).

César Sabino e Madel T. Luz (2006) discutem a adoção de tatuagens por frequentadores de academias de musculação que compartilham a lógica do fisiculturismo, na cidade do Rio de Janeiro e afirmam que:

⁴⁶ Essa marcação não exclui que outras construções sobre feminilidades possuam idealizações a respeito das mesmas características. Ela pontua quem carrega esses traços ao mesmo tempo e de uma forma específica.

⁴⁷ Atkinson retrata que 40% das entrevistadas levaram em consideração como homens iriam decodificar seus projetos de tatuagem enquanto significantes de feminilidade. O embelezamento, apontado como definidor da maioria das escolhas sobre o lugar, tamanho e desenho da tatuagem, não existe em si mesmo; ele se relaciona com as construções de feminilidade estabelecidas (ATKINSON, 2002, p. 223).

as divisões estabelecidas pelos desenhos configuram a manutenção, reprodução mesmo, da gramática das diferenças inerentes às relações de gênero. Quando pensa escolher seu desenho (seja ele qual for), o indivíduo é “escolhido” por todo um conjunto de representações e práticas, estruturas subjetivas e objetivas reproduzidas pelo estilo de vida que articula e imita (EDMONDS, 2002). Tal sistema (inconsciente) aparta, organiza, distingue e constitui as (dis)posições sociais, alocando o indivíduo *em* uma, e exprimindo *a* sua condição de gênero e classe (SABINO; LUZ, 2006, p. 255)

Atentando para uma separação entre tatuagem e tatuagem feminina, os autores apontam a existência de três grupamentos de tatuagens, separados pelos desenhos: femininas, masculinas e unissex. Acredito que seja importante destacar que, ainda que os desenhos ou as temáticas de desenhos sejam similares, eles não são adotados da mesma forma: nem nos mesmos locais do corpo, nem com o mesmo discurso, que é profundamente articulado de acordo com os marcadores da diferença que enuncio ao longo da dissertação. No estudo dos dois pesquisadores a “função” da tatuagem nos corpos ditos (e entendidos enquanto) femininos é: a) “realçar” curvas e contornos considerados “sexys”; e b) marcá-lo de forma “discreta”. Os locais do corpo costumeiramente eleitos pelas mulheres são a cintura, pulso, abaixo dos seios, glúteos, lombar, pescoço, pés, virilhas, calcanhares, coxas e omoplatas.

Ainda que essas motivações não estivessem presentes nas narrativas das pessoas entrevistadas por mim, nem a priorização de certas áreas ou locais do corpo, existiam questões relativas ao gênero, conforme desenvolvo abaixo. Contudo, nas classificações e articulações dos discursos não é apenas o gênero que fica evidente, como pude observar. Estas classificações dialogam diretamente com questões de classe e de raça, como pretendo desenvolver.

A expressão “tatuagem feminina” foi utilizada por duas entrevistadas, mas a ideia contida nessa expressão apareceu em todas as entrevistas. A maioria atribuí a feminino como um adjetivo, como em “tatuagem bem feminina” ou “aquilo que é feminino”. O feminino é considerado um atributo e não uma condição, o que é frisado pelas narrativas sobre as tatuagens, como nas motivações para a adoção das mesmas e suas características. Dentre as características atribuídas ao tipo de tatuagem considerada feminina estão a beleza, a escolha ou autonomia das mulheres em relação a seus corpos e o aumento em sua autoestima ocasionadas pela tatuagem.

3.1.1 Aspectos gerais: tamanho, traços e temas

Como mencionei anteriormente, não existe exatamente uma conformidade em relação ao aspecto das tatuagens em si e sim ao discurso que as acompanha. Se em uma primeira

pesquisa⁴⁸, observei que muitas mulheres costumavam fazer tatuagens pequenas e associar o tamanho de sua tatuagem a representações sobre feminilidade (sensualidade e/ou docilidade), posso dizer que, para as pessoas que entrevistei e acompanhei dessa vez, esta associação não se dava necessariamente da mesma forma. As tatuagens não precisavam ser pequenas para que fossem consideradas “fofas”, “delicadas” e, em última análise, “bonitas”⁴⁹. Karla, a única entrevistada a usar o termo tatuagem feminina, faz uma distinção entre momentos de sua vida e a relação com as expectativas de feminilidade e tatuagem.

Eu acho que tem um estereótipo que eu enfrentei mais nova que era a tatuagem feminina. Que é ... quando fiz uma fada, e todo mundo achou bacana né? Quase ninguém na nossa cidade tinha tatuagem. Eu e minha irmã fizemos uma tatuagem, e uma prima também, e a gente se achava *bad ass* na escola e tal (...) as pessoas achavam bacana. Aí quando eu fiz a minha segunda, que era um dragão enrolado na perna, um dragão chinês que era bem homem que fazia, homem sarado e tal. Aí já comecei a perceber o estereótipo, as pessoas me perguntavam ‘Mas você é mulher, por quê você fez isso?’. Tem uns lugares que é mais específico, né? Faz uma tatuagem no cóccix, na virilha, no calcanhar, uma coisa assim, e aí comecei a perceber a estranheza que as pessoas tinham em relação a tatuagem que você fazia, né? E depois também quando fiz a caveira no braço também as pessoas questionavam muito, achavam esquisito... também era de repente, era muito ali meu *ethos* ali, a galera... lugar comum da escola, né? Que frequenta muita praia, vai pras festinhas e tal, não se identificava com essa estética que eu gostava né, ou uma coisa mais dita como masculina. E aí que fui percebendo o tipo de estereótipo e o estereótipo da pessoa tatuada, né? De acharem que eu tinha um tipo de revolta ou que eu era uma pessoa grosseira ou uma pessoa ligada a cultura *rock and roll* ou de motocicleta, tipo, não tem nada a ver comigo e eu percebia isso (...) a estranheza das pessoas em relação a pessoa tatuada, acho que esse estereótipo.

Olha não posso negar que, envolvida nessa sociedade, eu, por muitos anos eu queria me distanciar de tudo que era feminino em algum momento, que eu entendia que ser mulher não era legal, estar com os homens era mais maneiro e tal. Então eu fugia um pouco das tatuagens ditas femininas, daí não sei se consigo te dizer se era por gosto ou uma construção social, acho que era mais por construção social (...) hoje não me importo se eu sou... eu entendo que uma tatuagem tem uma construção social naquele desenho que é muito masculino ou muito feminino, não me importo. Mas ainda assim eu ainda identifico desenhos ou áreas como muito femininas ou muito masculinas. Então, acho que tatuagens muito femininas são tatuagens com traços muito leves, fluídos, ou ligados a natureza, com flor, dependendo da maneira como são feitas. Meu ex-namorado ele tinha um gosto pra tatuagem que na minha concepção social era muito feminino. Ele gostava muito de flores, eram lugares pequenos, eram tatuagens bem menores, ele tinha uma preocupação com tamanho. E aí você espera que um homem não ligue, né? Que vai fazer uma tatuagem grandona mesmo pra tirar onda e tal. E aí eu via isso né, eu identificava nele uma opção por tatuagens mais ditas femininas.

É interessante notar que o termo “tatuagem feminina” é utilizado para descrever o momento passado mais distante. Para se referir ao presente ela fala de forma mais detalhada

⁴⁸ Trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense apresentado em 2015.

⁴⁹ A sensualidade, muito presente em outros estudos, não ocupava lugar de destaque nos repertórios das entrevistadas.

sobre as atribuições dos desenhos das tatuagens, as características que as tornariam “muito femininas”, como a espessura ou “leveza” das linhas, a composição resultante entre tatuagem e o local do corpo selecionado ou uma temática associada a ideias sobre natureza. Neste fragmento parece haver formas distintas de entendimento sobre o termo: a “tatuagem feminina” e a “tatuagem dita feminina”. O primeiro pode marcar um posicionamento mais próximo do termo, enquanto o segundo, com o uso da palavra “dito”, pode significar uma espécie de distanciamento crítico de sua definição. Um ponto relevante para essa questão é a forma como Karla passou a orientar seu projeto de tatuagens tendo como parâmetro o sentido oposto do que acreditava que era esperado dela. Essa busca tinha a ver com uma suposta negação da feminilidade estabelecida, uma resistência consciente a ela.

É possível identificar uma recorrência de associações entre feminilidade e temas de tatuagens; alguns foram apontados no capítulo anterior na descrição de um dos *flashdays* ao qual compareci. Somada à questão da temática preferencialmente selecionada, está a atenção conferida aos traços dos desenhos e, conseqüentemente, das tatuagens. Maria e Liana tinham entendimentos distintos sobre essa questão, como pode se ver abaixo.

Sobre feminino e masculino eu não acho que tenha tatuagem que seja feminina ou masculina, mas eu acho que, como eu disse, essa questão dos traços finos, um lanceio meio renda, sabe, que remete a coisa mais rendada, não sei, combina mais com a visão que eu tenho, assim, de feminilidade, sabe? Mas se eu cara tivesse usando, tranquilo também. [Sobre feminilidade] É uma coisa mais suave, mais... doce (...) uma coisa mais delicada, [com] desenhos mais finos, com bastante detalhes, assim, suaves e orgânicos (...) tipo esse desenho seu [um fauno colorido no estilo neo tradicional], é um desenho que eu considero bem feminino, sabe, na questão dos traços, na forma como ele foi desenhado, sabe? Mesmo que fosse uma figura masculina (...) acaba que a gente divide essa coisa do feminino ser mais delicado e do masculino ser mais bruto, né. (Maria)

Das mulheres todas do lugar [que trabalho] eu sou a mulher mais tatuada e eu nem sou tão tatuada assim, mas aí uma menina que trabalha diretamente comigo, ela tem ‘forever’ tatuado aqui atrás do braço, que é uma tatuagem que eu não faria também e acho que se ela quis fazer é isso... não julgo a pessoa pela tatuagem não, só não faria, mas acho que esse tipo de tatuagem dela é tipo, quando ela fez todo mundo ficou ‘ai, que bonitinha’, ‘nossa você tem muito bom gosto, que delicada, combina com você, com seu rostinho fino’ (...).

É isso que falei, acho que todas as minhas tatuagens são fofas, mas é isso, são grandes, são pretas (...) não sei, não me sentiria confortável fazendo alguma coisa com o traço fininho, folhinha, coloridinho porque eu acho que estaria passando uma ideia tipo isso de ser uma pessoa... não sei, não sei se é escroto falar isso, mas sabe? Tô fazendo um negócio pra mim, em mim, pra isso ficar bom, pra me fazer feliz, pra me sentir bonita, tem que ser uma coisa maior. Não é um meio termozinho, um negocinho que eu vou fazer. (Liana).

Esse tipo de distância entre as opiniões dos outros e o que elas pensam serve para realçar as diferentes composições nas visões que existem em torno das atribuições dadas às tatuagens, que podem variar de acordo com contextos distintos. Nesse aspecto, vale lembrar que o

sentido do uso de sufixos diminutivos por parte de Liana tem caráter depreciativo, que ressalta que essas atribuições são relacionais no que se refere à noção de qualidade ou adequação das tatuagens. A distância entre aquilo que é feito pelas outras pessoas e o que fazem é constantemente (re)valorizada nos discursos das entrevistadas, conforme pode se entender no fato de algumas entrevistadas terem dito que não gostavam de um determinado estilo ou desenho, mas que elas mesmas as possuíam. Havia sempre uma busca pela diferenciação e exclusividade na caracterização das tatuagens⁵⁰. Como Karla, que diz não gostar de tatuagens aquarelas, mas possui uma, Lara, Lua, Irene e Renata relatam situações semelhantes:

Eu até diria que nunca tatuaria símbolo de banda, mas já tenho tatuado. (Lara)
Se eu achar bonito eu faria. Eu não faria igual. Eu não gosto de ficar carimbado igual a alguém. Fora essa que eu fiz com uma amiga, que teve uma outra questão, mas fazer tatuagens iguais as que já vi eu não curto não. (Lua)

Eu não gosto de escrito, então não faria coisas escritas. Mas ao mesmo tempo a minha próxima tatuagem que quero fazer tem duas palavras escritas, então é complicado! (Irene)

- Nem todas elas têm significado, entendeu? Eu acho mais bonito do que [tem] um significado específico.

- Não gostaria de colocar uma estrela no meu corpo, nem um coraçãozinho pequenininho. É, não faria coisas só por fazer, só esteticamente também, sabe? Só pra ficar fofo, não sei se eu consigo explicar isso. (Renata)

Nesse sentido, considerar esses posicionamentos aparentemente excludentes é um bom ponto de partida para apresentar a forma como as entrevistadas pensavam que uma “boa tatuagem” deveria ser.

3.1.2 O que preferem

Nesse item descrevo os apontamentos das entrevistadas sobre tatuagens caracterizadas de forma positiva. Entre elas estão as que são “bem feitas”, “bonitas” e “interessantes”. Conforme destaquei no segundo capítulo, a busca pela diferenciação pelo e no uso da tatuagem foi o ponto norteador das narrativas analisadas.

Por mais que os contornos específicos do que entendem como gosto pessoal fossem diferentes, existem alguns aspectos em comum que os definem. Uma tatuagem com traços finos ou grossos, pequena ou grande, deve ser feita de acordo com aquilo que “faz sentido para cada um”. Se esse tipo de consideração pode sugerir dificuldade em classificar quais marcas estariam de acordo com ela ou não, uma característica muitas vezes apontada pelas entrevistadas como

⁵⁰ Como apresentei no capítulo 1, esse ponto pode ser entendido como a associação da exclusividade e seu uso como indicador de influência social, conforme demonstram Henkes e Dalmoro (2015).

um indicativo era a tatuagem ser “exposta”. Para elas, uma tatuagem feita em um local do corpo que pudesse ser escondida por roupas indicava “falta de segurança” ou de “identificação” com a mesma.

Aquilo que faz sentido tem a ver com a trajetória individual de cada pessoa, valorizando algo ou marcando um momento específico. O que faz sentido não precisa estar em um local do corpo usualmente coberto por roupas. A relação entre “arrependimento” e o possível apagamento ou cobertura da tatuagem aparecia nesse ponto, associada a “falta de segurança” que algumas pessoas demonstrariam ao escolher esses locais que podem ser tapados. Elas “não bancariam” as tatuagens, portanto as esconderiam. O arrependimento era considerado como algo pequeno ou desimportante, tendo em vista que algo que gerasse arrependimento podia não as incomodar ao ponto de retirar a tatuagem:

Acho que eu nunca tatuaria o nome de alguém, eu nunca faria o nome de ninguém (...) primeiro: já me arrependo um pouco da escrita, das escritas que eu tenho (...) assim, me arrependo, mas não cobriria porque acho que fez parte de um momento e já tá carimbado. Então eu não cobriria, mas acho que não faria o nome de ninguém porque acho cafona (risos). (Lua)

Eu não cobriria nem removeria nenhuma tatuagem... eu acho que elas marcam, por mais que não me representem mais hoje em dia, fizeram parte de mim e tudo bem assim. Encaro bem elas. (Ana).

Outro ponto que apareceu na dinâmica de mostrar segurança *com* e *na* tatuagem era o tamanho da mesma:

Antigamente eu pensava [que não faria alguma tatuagem por conta de gênero], mas hoje em dia não (...) antes de fazer a tatuagem na coxa eu ficava meio... tenho uma tatuagem imensa na coxa, muito, muito, muito grande e depois que eu fiz ela eu comecei a ouvir muitas coisas e eu sabia que isso ia acontecer e eu ficava meio assim de fazer ou não. Mas aí eu falei: ‘foda-se’. Fiz e hoje em dia eu sou assim, qualquer lugar que eu quiser fazer a tatuagem eu vou fazer.

- Pode explicar como foram esses comentários em relação à tatuagem?

Nossa, são milhões de comentários que eu ouço todo dia, toda vez que eu saio com minha coxa a mostra eu ouço um comentário. Ela é um coração. Aí eu ouço assim: ‘ah, queria ser dono desse coração aí’, ‘ah, que linda tatuagem’. Eu to falando de uma forma fofa, mas é sempre grosseiramente, sempre (...) são homens na rua que simplesmente acham que tem o poder de gritar pra mim e me constranger na rua. Aí eu pensava muito nisso antes de fazer a tatuagem, mas depois que eu fiz eu falei ‘foda-se’. (Renata)

Renata relata episódios de assédios vividos por ela por parte de desconhecidos e sugere uma relação entre eles e o tamanho e o fato da tatuagem ser ou ficar aparente. Estereótipos existentes entre mulheres “muito tatuadas” e sexualidade foram apontados no capítulo anterior de forma mais detalhada. Considero importante ressaltar a postura de escolher se tatuar de acordo com suas vontades como indicador de “mostrar segurança”, e não de uma maneira que pudesse minimizar situações de assédio – caso os mesmos fossem consequência dos tamanhos

das tatuagens ou do fato de ficarem expostas. Essa segurança em relação às suas escolhas e na forma de se portar foi apontada como algo positivo por algumas entrevistadas.

3.1.3 O que não deve ser

Tatuagem pra relacionamento é um tipo de tatuagem, né? Frase de ‘fulano, eu te amo’, ‘fulana, minha rainha’, ‘fulano meu rei’. Não gosto. Assim, nada contra também, mas não gosto. Só sei que a pessoa vai se arrepender, vai dar meio ruim em algum momento assim (risos). Se eu tivesse que falar seria isso: tatuagem na vista [nos olhos] e tatuagem de relacionamento. Acho que se alguém chegar aqui agora com um ‘Fulana, te amo’ eu vou achar maneiro, mas eu ia ficar ‘po, amigo, pelo amor de Deus, pensa nesse negócio direito’. Não tem muito critério. (Renata)

Pra mim [não faria] uma tatuagem malfeita, né? Uma tatuagem com desenho bonito pode ser até algo que eu não goste. Po, um desenho de um rosto de bebê. Muito difícil ficar bom, mas se ficar maravilhoso vou falar (...) acho tatuagem malfeita com aqueles traços que ficam tudo meio azulado, meio grosso, sabe? Isso aí eu não gosto. E esses desenhos batidos, que parece que é um desenho padrão, que parece que todo mundo só cola em cima e desenha por cima, sem criar uma coisa nova (...) eu vejo que hoje em dia ainda tem muito isso. Elas vão lá no lugar e falam: ‘ah, eu quero uma borboleta’, ‘tem essa’, ‘ah, pode ser’. Muito assim (...) [agora] elas tão escolhendo melhor, tá ficando mais acessível pra todo mundo. Po, ter uma tatuagem personalizada é mais legal do que ter uma borboleta igual a todo mundo. (Maria)

Pergunta: O que seria uma tatuagem convencional?

Resposta: Eu usei isso, né? Não. Convencional eu acho que foi quando falei de ser minimalista, é nesse sentido de, sei lá, um coraçõzinho, um triângulo com não sei o quê. São tatuagens mais minimalistas, assim... diria até que... horrível, parece que to julgando as pessoas, mas... são mais genéricas, assim, tatuagens que qualquer pessoa poderia ter (...) não acho que é um problema também não, a pessoa quer fazer. Ta usando a tatuagem como acessório, né, coloco um brinco que um monte de gente tem, a pessoa colocou tatuagem que nem um monte de gente tem, mas... não é uma coisa que eu faria, mas acho que rola muito, por uma galera que, assim, que essa galera que eu nunca veria tatuada e hoje em dia até tem várias tatuagens pequenas que às vezes se colocar várias pessoas perto, várias vão ter tatuagens parecidas (...) pensando assim, agora que você falou, só consigo pensar em mulher assim, sabe? (...) Ah, cara, não sou muito de julgar. Não é bem julgar, não sou muito de ficar reparando em tatuagem dos outros. Acho que em outra época eu até seria. Hoje em dia eu penso, tipo, a pessoa ta a fim, super legal pra ela, tá ok, é isso. Aí tento trazer isso um pouco pra mim, se fizer uma parada que depois eu não goste, é isso. Às vezes a pessoa ta ali com uma tatuagem feia que ela nem gosta, é um pouco isso.

Pergunta: O que seria uma tatuagem feia?

Resposta: Ah, não sei. Ah, tem tatuagens que são horríveis (...) um retrato que seja muito malfeito? Aquelas que caem em expectativa e realidade. (...) acho que isso é uma tatuagem feia, um exemplo de tatuagem feia é isso, pegar um retrato (...) pra mim tem muito mais a ver com execução, total. Se a ideia da tatuagem é feia, aí é problema da pessoa (...) tipo assim, caindo numa fala bem preconceituosa, um pensamento bem preconceituoso. São basicamente os mesmos estilos de pessoas que fazem tatuagens assim... acho que por isso chamei de convencional, você vê pessoas que são mais parecidas, frequentam lugares parecidos e tem uma vida, assim, uma vida... não sei falar da vida da pessoa, mas tem um *modus operandi* mais parecido. (Irene).

Cara, então. Eu não gosto de tatuagem tribal. Simplesmente porque eu, eu acho cafona, assim, vou até explicar, porque eu acho uma reprodução muito... uma apropriação de uns desenhos tribais que na verdade não tem contexto nenhum pra serem reproduzidos. Assim, na subjetividade de cada um, de cada indivíduo, cada um

com sua consciência de fazer um desenho no teu corpo, mas eu, talvez é isso, tatuagem tribal eu não faria, também, não é um tipo de tatuagem que eu goste, a escrita, eu acho que foto, também, reprodução de imagens reais, assim, realismo, é, tatuagem realista também não gosto. Eu acho mais um tipo de reprodução muito igual, acho que perde a graça você fazer alguma coisa muito realista, assim, muito igual ao que já existe (Lua).

Sobre aquilo que era visto como negativo, o ponto mais recorrente era que a tatuagem, além de não ser “comum” (acho que vale explorar o que é o comum e o desejo de não ser comum), não deveria ser agressiva ou bruta. A agressividade estava fortemente associada a tatuagens feitas no rosto, local tido como sede (aparente) da identidade (TUCHERMAN, 2006). A noção do que é agressivo varia, podendo ser uma tatuagem “com muito sombreado” ou com desenhos que “não combinam” com a ideia que tinham sobre si mesmas. Joana destaca essa questão:

Acho que as tatuagens mais pesadas, assim, mais brutas, entre aspas, é...eu acho que não combina muito pelo menos comigo. Eu sempre fui, assim, uma coisa minha, quando eu era criança eu era muito menininha, muito bonequinha, princesinha, rosinha, e eu não consigo me imaginar com um ‘caveirão’, assim, uma coisa. Não faz o meu estilo. Com certeza é uma questão de gênero, assim, com certeza. Essa preferência por coisas mais delicadas.

Tatuagem nome de pessoas ou qualquer símbolo para homenagear relacionamentos afetivos é visto como “cafona”, “sem intenção artística” e passível de arrependimento com o “fim inevitável” dos relacionamentos. A definição de cafona dada por Lua associa a presença do viés da tatuagem enquanto obra de arte ao dizer que teria a ver com reproduzir um “lugar estético comum”, em que não existiria “lugar para a identidade”. A reprodução (das tatuagens realistas) é entendida como algo inferior já que a tatuagem não deveria se limitar a imitar alguém, um lugar ou um objeto. Ela deve, preferencialmente, reservar espaço para a criatividade da ou do profissional, isso quando a “estética” não for a maior motivação da tatuagem.

Julgar ou não a tatuagem de outras pessoas era um ponto recorrente nas entrevistas. Muitas das entrevistadas falavam sobre suas motivações pessoais, demarcando quais “tipos de tatuagens” elas não gostavam, dando exemplo de estilos, formas e temas presentes nesses tipos. Ao mesmo tempo, afirmavam que “toda tatuagem era válida”, evitando julgar negativamente, pontuando que aquela era “apenas sua opinião” sobre o assunto. Muitas vezes esperavam que o gravador fosse desligado para tecer comentários sobre tipos de tatuagens que “não gostam”, “não fariam”, ou simplesmente achavam “feios” e “de mal gosto”. A entrevista de Ilana foi bastante significativa nesse ponto, conforme explicitado abaixo:

Eu queria fazer uma tatuagem há muito tempo, só que eu nunca sabia o que que era... e aí, eu tava vendo umas imagens na internet com a minha ex e ela falou “ah, eu gosto muito dessa artista, vamo dar uma procurada” e eu me identifiquei muito com essa imagem, tem essa imagem [da tatuagem] que quem conhece sabe que... em resumo,

eu queria fazer. Foi meio grande para uma primeira tatuagem, mas falei “ah, foda-se, eu gostei” (risos). A tatuagem, por ela ser assim com muito detalhe e ela ser meio croqui⁵¹, o traço tinha que ser muito fino, então ela não podia ser pequena... então... ela foi mais ou menos desse tamanho [indica com a mão] aí ele [o tatuador] falou, ele recomendou três lugares pra fazer: ou no braço ou nas costas, ou na perna... aí eu pensei em um lugar que eu me desafiasse, porque eu sou muito tímida, então se fosse nas costas ou na perna eu nunca ia mostrar pra ninguém. Então se eu tô pagando 300 euros para fazer uma coisa legal queria que as... eu visse! [Me] sentisse à vontade com meu corpo, por isso que eu escolhi o braço, é um local que todo mundo vê. Eu queria terminar esse conflito interno. [grifo meu]

Quando indagada sobre estilos ou desenhos de tatuagens que não faria, Ilana respondeu,

[Eu não faria] Qualquer coisa que... sei lá... símbolo do infinito, pássaros ou qualquer coisa... sabe aquela tatuagem batida? Estrelinhas, coraçõezinhos... você encontra direto em catálogo. Se estiver em um estúdio... só aquelas tatuagens padrões, eu acho. Não faria.

Mais tarde, ela adicionou:

É que depende da tatuagem... mas sei lá, tem aqueles corações também, aí tem alguns corações... tem uns pontinhos e mais outro coraçõezinho, aí tem... estrelinhas, aí tem um caminho de estrelinhas... aí tem um caminho de pássaros, aí tem aquele livro que vira pássaro, aí você tem pássaro que vira pena... é, que mais? Ah! Tem as letras também, góticas, tem escudo de time de futebol, tem... tatuar a cara de alguém, de algum conhecido que não seja a sua família... do seu namorado ou namorada... ou... é... tem algumas flores também muito esquisitas nos catálogos.

Existem discussões como as de Bourdieu (2008) acerca da articulação entre noções de gosto e senso estético à condição de classe e condicionamentos sociais que abordam com bastante propriedade o campo que Ilana descreve como “mais artístico”. Destaco a importância de levar em consideração os mecanismos hierarquizantes e disciplinadores que são levantados na obra supracitada. Ilana se entende como uma pessoa que faz parte desse meio, ou seja: possui acesso ao vocabulário compartilhado, assim como almeja um “estilo de vida” específico – marcado fortemente pela sua opção de carreira. Ela é capaz de pincelar diversos aspectos que compartilha com outros sujeitos pertencentes: noções sobre arte e estética; valorização da individualidade singular e a auto percepção dessa individualidade. Segundo Velho (2008, p.32), “essa consciência da individualidade -fabricada dentro de uma experiência cultural específica- corresponderá uma maior elaboração de um projeto”.

3.2 O “eu” enquanto norma: branquitude como constructo ideológico de poder

⁵¹ Referente à rascunho, esboço ou feita a mão. O termo é comum em arquitetura, no meio artístico e na moda.

Silva (2017) discute o conceito de branquitude desde a sua origem, com os estudos críticos da branquitude nos países marcados, até o potencial de seu emprego para a compreensão da realidade das relações raciais no Brasil. A pesquisadora propõe a utilização do conceito enquanto um dispositivo analítico, ou seja, como “ferramenta capaz de fazer emergir o pensamento racial, mais especificamente a subjetividade do branco, em contextos aparentemente não racializados” (SILVA, 2017, p. 20).

Inspirada na abordagem da Frankenberg (1993), citada no capítulo um, busco relacionar o posicionamento de si mesma enquanto ideal de beleza e estética no uso da tatuagem com o lugar simbólico que ocupa a branquitude, enquanto algo que não é estabelecido “apenas pela brancura da pele, mas sobretudo por posições e lugares sociais que os sujeitos ocupam” (SCHUCMAN, 2014, p. 118). A entrevista de Ilana dá pistas desse entendimento em relação a noções sobre beleza e “senso estético”, ainda que não fale de si mesma enquanto “bela”, mas como portadora de algo, a tatuagem, que é belo. Nesse sentido, gostaria de salientar que os discursos das demais entrevistadas se articulavam a partir do uso de exemplos e de histórias cheias de nuances, especialmente quando retratavam as tatuagens que caracterizavam de maneira negativa. As tatuagens “comuns”, “cafonas”, “banais”, “clichês”, “feias”, “malfeitas” ou que não eram “interessantes”.

Um dos momentos em que esta analogia apareceu foi quando Karla respondeu a uma pergunta sobre a existência ou não de impedimentos para fazer uma tatuagem por conta da cor de sua pele. Ela apontou que a pergunta faria “sentido pra pessoas com pele negra”, não para ela, ao que adiciona:

Ah o que eu ouvi era ‘Ah, você pega muito sol então não usa determinada tinta porque o resultado vai ficar ruim’ ou ‘ah, esse tom, esse tipo de tatuagem que é muito colorida é melhor pra quem tem a pele mais clara que a sua’. Coisas assim, só. Entendi mais como uma avaliação técnica do que uma avaliação de algum preconceito racial, algo do tipo.

Para logo em seguida afirmar que:

Ah eu vejo muito, assim, tatuadores que se negaram a fazer tatuagem em peles muito negras em tom mais escuro de pele porque não vai ficar bom, porque nunca fez ou nem sabe como vai funcionar né? As pessoas, os tatuadores até hoje não entenderam a importância da demanda de pessoas negras que querem tatuar, né? Ainda mais se você fizer algum tipo de censo e ver que tem muitas pessoas negras que querem se tatuar, então... acho que perdem muito cliente por preconceito mesmo. Não tem experiência em tatuar peles negras, não sabe como reagir, qual o melhor pigmento, enfim. Porque eu acho que dá pra todo mundo se tatuar de alguma forma (...) hoje já tem tatuadores, principalmente tatuadores negros que se especializam em tatuagens em peles negras e outros tatuadores que buscam pelo menos estudar um pouco e tentar mudar, mas... assim, acho que a maioria dos tatuadores não, mas acho que hoje existe um movimento, tanto de inclusão de todas as formas, o mercado da tatuagem não é

tão diferente dos demais então ele procura incluir de alguma maneira e... pensar em pessoas que antes ninguém tinha como cliente.
 Pergunta: por quê?
 Racismo mesmo.

Percebo na fala de Karla um movimento marcado por dois posicionamentos, aparentemente conflitantes. Em um primeiro momento, a existência de “algum preconceito racial” é afastada, para, logo em seguida, ser afirmada. Outro aspecto importante é o fato da mesma não perceber a cor da sua pele como um possível impedimento para adoção de qualquer tipo de tatuagem. Isso é interessante para pensar em que medida o processo de diferenciação - e atribuição de superioridade- pode se relacionar com a posição epistêmica do branco a partir do conceito de branquitude enquanto constructo ideológico (SILVA, 2017). A questão da superioridade estética e da relação entre ela e a construção da branquitude brasileira é apontada por autoras como Schucman (2012, 2014) enquanto um dos traços fundamentais para se compreender o conceito. Considerar-se a norma ou o ideal, já que não existiria, a priori, nada que ficasse “ruim” em sua pele se relaciona com essa discussão sobre estética.

Santos (2009) indica que tatuadores podem atuar de forma a reafirmar rótulos estigmatizados ao se assegurarem que não farão certos tipos de tatuagem (no caso, consideradas masculinas) em certos corpos (de mulheres) (SANTOS, 2009, p. 96). A partir da fala de Karla e da Cena 1, retratada na introdução, gostaria de destacar que existem posicionamentos similares no que se refere à preferência de “peles claras” no uso da tatuagem. O branco é considerado como o ponto de partida ideal para o desenho na pele e isso se dá pelas mais diversas justificativas, que vão desde a “questão estética” ao desconhecimento de procedimentos considerados adequados para peles escuras. O aspecto da maior possibilidade de expressão da capacidade artística das tatuadoras e tatuadores costuma encontrar espaço nesse contexto, tendo sido apontado por quatro das entrevistadas como o motivo de diversos profissionais terem oferecido a elas, mulheres brancas, tatuagens de graça em mais de uma ocasião por conta da cor da sua pele. Ao proporem isso, eles estariam contando com ganhar prêmios em feiras de exposição de tatuagem, expandirem seus portfólios com “trabalhos bons” ou apenas manifestarem suas aspirações artísticas individuais.

É recorrente a referência à pele “mais branca possível” como preferida e valorizada no meio da tatuagem, conforme se vê nos relatos abaixo:

Pergunta: Alguma tatuagem que você não faria por conta da cor da sua pele?
 - Da cor da minha pele? Não. Porque tudo na minha pele realça muito assim. Eu acho que se for pela cor da pele, acho que não [tem nada que não faria]. (Renata)
 Quando eu já tinha tido meu primeiro filho surgiu uma situação bem inusitada. A gente [ela e o marido] tava produzindo umas festas, foi divulgar num estúdio de tattoo ai o tatuador ofereceu pra mim e pro João [marido] porque a gente tinha a pele bem branca mesmo (...) essa foi a mais direta, mas várias pessoas tatuadoras falam ‘ah, sua

pele é muito boa de tatuar e tal porque é muito branca, é tipo folha de papel, você bota a tinta, a tinta aparece'. Não teve nenhuma proposta concreta, essa foi a única concreta. (Maria)

Já tive essa conversa com amigas que tem pele tanto um pouquinho mais escura que a minha, 'ah, adoraria tatuar colorido', mas só faz tatuagem preta, e amigas negras que é diferente também.

Pergunta: como são essas conversas?

Já rolou com uma amiga que tem a pele mais escura, ela é branca, mas é um tom mais escuro que o meu. 'Ah, não posso [fazer tatuagem colorida]', isso já faz anos mas a conversa me marcou. 'No dia que eu for tatuar quero fazer um tanto de colorida e tal', 'ah, eu adoraria fazer colorida, mas na minha pele não fica bom'. A minha amiga que é negra ela é tatuada (...) ela tem mais de uma tatuagem, mas só que ela também não pode fazer colorida porque... é diferente. (Irene).

Liana disse que tem preferência por tatuagens sem colorido pois seu tom de pele seria "meio laranja" e que isso afetaria o resultado final. Outras entrevistadas, como Thaís, pontuaram que não seriam brancas como outras pessoas por conta do tom da sua pele, geralmente apontado como amarelado. Muitas mulheres estranharam a pergunta sobre auto identificação racial, um dos dados básicos pedidos no início das entrevistas, reagindo com uma expressão de dúvida ou um silêncio antes da resposta: "branca? "

Um posicionamento destoante das demais foi o de Joana, que caracterizou sua auto identificação racial como um ponto "difícil, uma questão que sempre pega" pois ela sabia não ser branca, mas também não ser negra ("tenho descendência indígena, mas só de uma parte da família. Adapta aí a resposta"). Encerrada a entrevista, desliguei o gravador e continuamos conversando sobre tatuagens, uma vez que uma amiga dela se juntou a nós. Nesse momento, Joana disse entender que as pessoas a considerariam como branca, mas que ela, por conta da cor "amarelada" -e da descendência indígena distante- não se pensava como branca⁵².

Lua apresentou uma postura crítica sobre a valorização de peles brancas no uso da tatuagem, destoando de alguns posicionamentos descritos acima:

Cara, uma parada que acontece muito, que escuto muita gente falar, que me deixa até confusa às vezes é que as tatuagens ficam tão coloridas na minha pele porque 'uau, como tua pele é branca e pega cor bonita' e, cara, isso é meio complicado porque tatuagem colorida fica muito bonito em pele negra também e as pessoas não param uma pessoa que tem uma tatuagem na pele negra pra falar 'caraca, ta linda sua tatuagem colorida na sua pele'.

Gostaria de estender as abordagens sobre as negociações no uso das tatuagens para a presente discussão sobre gênero e feminilidade(s). De forma parecida ao que Atkinson (2002) observou, as maneiras pelas quais as mulheres que entrevistei falavam sobre as suas tatuagens diziam respeito sim a noções pré-concebidas sobre feminilidade, mas nem sempre de forma

⁵² Para consultar uma pesquisa sobre o tema de feministas brasileiras que se consideram não-brancas, como é o caso de Joana, sugiro a consulta dos textos de Huijg (2006, 2007 e 2011).

conformativa a elas. Existia espaço para a conformidade, a resistência e as negociações em cima dessas atribuições. Talvez mais importante do que isso, as evidências sobre essas questões estavam em suas narrativas e construções a respeito das tatuagens e não necessariamente nos desenhos e seus lugares em si, ainda que esses aspectos tenham aparecido. Indo além de Atkinson, pretendi aqui apontar algumas implicações interseccionais entre gênero, raça e classe, entendendo que os mesmos não são recortes da realidade e sim elementos intrínsecos da mesma (CARNEIRO, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudos sobre o uso da tatuagem costumam abordar temas como “individualização”, “individualismo” e/ou “subjetividades autônomas” dos atores sociais envolvidos. Nesse sentido, fica implícita a corroboração com afirmações que localizam o uso das tatuagens e outras modificações corporais distante da ideia de marginalidade e estigma associadas a elas em outros contextos históricos (CARONI, 2012). É comum a ideia de que, por possuir um número crescente de adeptos e adeptas, a tatuagem “não distingue cor, gênero, idade, status, nem classe” (NETTO, 2011, p. 9). Contudo, minhas observações em estúdios e eventos de tatuagens, assim como a partir de entrevistas realizadas e conversas sobre esse tema sugerem que as interações estabelecidas por meio de discursos e ações de pessoas tatuadas e profissionais do ramo possuem distinções, e portanto, hierarquias. Os estudos sobre tatuagem “na modernidade” tendem a falar sobre subjetividades autônomas e sobre um processo de “desmarginalização das tatuagens”, além de apontarem de forma muito discreta (quando muito) os marcadores sociais da diferença que se fazem presentes no uso da tatuagem – salvo as contribuições destacadas ao longo dos capítulos.

Nesta dissertação tratou-se de questões acerca do uso da tatuagem por parte de um grupo específico de mulheres. Em particular, os relatos aqui presentes possibilitaram uma análise de características da subjetividade dessas mulheres, focando nas relações entre o uso da “tatuagem feminina” e feminilidades. Todo o percurso das narrativas foi atravessado por dois aspectos fundamentais: a busca pela diferenciação e singularidade presente nos discursos das pessoas entrevistadas e a constatação que essa busca é atravessada por marcadores interseccionais de gênero, raça e classe social, ainda que esses atravessamentos não sejam sempre evidentes para as entrevistadas. Não se trata de um estudo da branquitude em si, mas dos modos como pessoas específicas, que se consideram brancas, articulam noções sobre feminilidade, subjetividade e tatuagens.

As entrevistadas levavam muito em consideração as implicações do entendimento da tatuagem enquanto um adorno (e um fazer) artístico, priorizando aspectos como originalidade e exclusividade do desenho e o embelezamento da pessoa que a carrega. É evidente que para existir “tatuagens artísticas” é necessário que existam tatuagens que não são entendidas como tal, consideradas inferiores às primeiras pelas entrevistadas. Como há muito apontou Bourdieu (2008), os gostos e noções estéticas costumam variar de acordo com as posições sociais dos sujeitos, sendo o “bom gosto” intimamente relacionado à noção de distinção auto atribuída das classes dominantes.

Entender a adoção de tatuagens enquanto um processo marcado por negociações entre as mulheres entrevistadas e suas famílias e tatuadores, considerando a existência de expectativa sociais – e estereótipos – sobre as mesmas foi um ponto chave para o presente trabalho. A preocupação com a ingerência dos familiares sobre seus corpos (mais notadamente do pai e da mãe) é dado relevante para pensar acerca da autonomia corporal costumeiramente associada a tatuagens. Deliovsky (2008) destaca o papel da regulação de familiares nas escolhas de mulheres brancas heterossexuais a respeito de seus relacionamentos amorosos e sexuais, assim como em torno do tema de padrões de beleza, apontando uma relação entre essa ingerência e as “condutas ideais” esperadas dessas mulheres no uso de seus corpos. As pessoas que dão sugestões sobre as tatuagens, assim como acompanham as sessões não tem apenas uma função de proibição, como bem pontua Osório (2010, p.130). Elas podem também encorajar e dar apoio, assegurando escolhas em relação ao desenho e local, dando um “tom de cuidado de si e de embelezamento da prática”. A negociação com tatuadores e tatuadoras se dava em um âmbito entendido como estético e permeava as escolhas de locais do corpo a serem marcados, assim como os desenhos e imagens e suas aplicações.

A questão dos estereótipos é relevante pois a existência de imagens negativas associadas ao uso da tatuagem é um dos motivos mobilizados pelos familiares como preocupação e justificativa às suas tentativas (bem sucedidas ou não) de interferir nas tatuagens. No entanto, é importante salientar que certos estereótipos negativos são perpetuados pelas próprias entrevistadas, especialmente aqueles relacionados às noções de vulgaridade ou “sexualização exagerada”, contidos no tipo “tatuagens de piranha”. Interessante também é o fato de que o termo “tatuagem feminina” parece ser pensado a partir de um viés crítico, não tendo sido usado pelas entrevistadas como um tipo rígido de tatuagem (“feito em mulheres”), e sim como atribuições relacionadas a feminilidades diversas. Quais são as implicações de falar sobre si mesma dessa forma ao mesmo tempo em que se fala sobre “outras” enfatizando características comumente associadas a mulheres?

As entrevistadas consideravam como atributos femininos positivos, em última instância, tudo aquilo que as agradava em suas tatuagens, especialmente os aspectos entendidos como bonitos - que variavam, conforme se pode observar. Aquilo que consideravam “agressivo” ou bruto”, associavam tanto a atributos “masculinos” quanto ao que entendiam como “marginal”. Diferentes temáticas, grossuras de traço e tamanhos variáveis são igualmente caracterizados como “bonitos” e desejáveis, o que importa é que a tatuagem seja “interessante”. A busca pela diferenciação aparece nesse ponto pois a tatuagem que é julgada positivamente é aquela considerada não apenas original, mas “bem feita”. Conta também a tatuagem ser aparente, o

que evidenciaria a segurança daquela pessoa no jeito de se portar e em relação às próprias decisões.

Por outro lado, como é possível perceber acima, a feminilidade também pode ser associada a aspectos negativos – não apenas estéticos, mas de comportamento. As tatuagens que prestam homenagens a relacionamentos afetivos, conceituadas por Osório (2010) como “tatuagens de amor”, são vistas com profundo desprezo pelas entrevistadas. As entrevistadas questionavam tanto a ideia de “amor para sempre” associada ao amor romântico, quanto às noções de posse e dominação do outros presentes nas relações de poder presentes nas dinâmicas amorosas, especialmente as heterossexuais.

A questão racial se fez presente em diversos momentos das narrativas, tendo mais destaques aqueles em que se atribuía à cor da pele branca caracterizações positivas, tanto pelas entrevistadas quanto por terceiros em situações relatadas por elas. A pele branca – “quanto mais branca melhor”- foi posta como uma “tela ideal” para a tatuagem, principalmente pelos tatuadores que, segundo os relatos, consideravam que dá mais destaque às imagens e escritas, possibilitando a feitura de mais detalhes, uso de diferentes paletas de cores e estilos diversos, o que não seria possível em peles “não brancas”. Essa positivação foi questionada por algumas das entrevistadas, ao mesmo tempo que o fato de sua existência “no meio da tatuagem” não foi apagado ou diminuído por quem fazia questionamentos.

O estudo sobre tatuagem permite discutir questões como a relação entre subjetividades e relações de poder, assim como ideais de estética e gostos, evidenciando suas articulações com as dinâmicas dos sistemas dominantes de raça, de gênero e de classe. E não só: existem outros marcadores sociais que podem ser compreendidas nesse âmbito, como os de sexualidade, de geração, de nacionalidade e território. A experiência do corpo é atravessada por esses marcadores da diferença e o esforço de evidenciar as fraturas do “sujeito universal são bem-vindas no sentido de pensar as diferentes condições de existência, especialmente as relações assimétricas que impossibilitam o “nós”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel. Tatuagem e Subjetividade: reflexões em torno do imaginário da epiderme. *Interseções*. Revista de Estudos Interdisciplinares, v. 3, n. 1, p. 91-109, 2001.

ANDRADE, Priscila. *Mulheres e Tatuagens: valores e intenções impregnados na construção do corpo feminino*. 2015. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, 2015.

AMARAL, Camila. *Aqui a gente é tratada como pessoa, no hospital como corpo: motivações e trajetórias de gestantes em uma Casa de Parto Pública no Rio de Janeiro*. 2016. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2016.

ATKINSON, Michael. Pretty. In: *Ink: Conformity, Resistance and Negotiation in Women`s Tattooing*. Sex Roles, v.47, n.5-6, p. 219-235. setembro, 2002.

_____. *Tattooed: the sociogenesis of a body art*. Toronto: University of Toronto Press Incorporated, 2003.

BARROS, Simone Grace de. *Tatuagem e construção de identidade em periguetes: um estudo em Recife, Pernambuco*. Tese de doutoramento pelo Programa de Pós Graduação em Design e Ergonomia. Universidade Federal de Pernambuco, 2014.

BENTO, Maria Aparecida. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida. *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2012.

BIONDI, Karina. *Junto e Misturado: uma etnografia do PCC*. São Paulo: Editora Terceiro nome, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2011.

_____. *A Dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2011.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, n. 26, p. 329-376, 2006.

BUTLER, Judith. Desdiagnosticando o gênero. *Physis*, v. 19, n. 1, p. 95-126, 2009.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista. *Rev.latinoam.cienc.soc.niñez.juv*, v. 8, n. 1, p. 607-630, 2010.

_____. A branquitude acrítica revisitada e as críticas. In: MÜLLER, Tânia Mara; CARDOSO, Lourenço. *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Appris, 2017.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil: consciência em debate*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida. *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2012.

CARONI, Mariana M.; GROSSMAN, Eloisa. As marcas corporais segundo a percepção de profissionais de saúde: adorno ou estigma?. *Ciências & Saúde Coletiva*, v. 17, n. 4, p. 1061-1070, 2012.

CHABAUD- RYCHTER, Danielle et al. (Org.). *O gênero nas Ciências Sociais: releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour*. São Paulo: Editora Unesp; Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2014.

COLLINS, Patricia H.; ANDERSEN, Margareth L. *Race, Class and Gender: an Anthology*. Fifth edition. Wadsworth/Thomson Learning, 2004.

COLLINS, Patricia H.; BILGE, Sirma. *Intersectionality*. Cambridge: Polity Press, 2016.

CRENSHAW, Kimberle. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics,**" *University of Chicago Legal Forum*, v. 1989, n. 1, art. 8. Disponível em: <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>.

_____. Mapping the Margins: interseccionalidade identidade política e violência contra as mulheres de cor. *Stanford Law Review*, v. 43, p. 1241-1299, 1993.

_____. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, ano 10, n. 1, p.171-188, 2002.

DAMACENO, Janaína. O corpo do outro. Construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro: O caso da Vênus Hotentote. In: *Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST69/Janaina_Damasceno_69.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2018.

DELIOVSKY, Katerina. Normative White Femininity: race, gender and the politics of beauty. *Atlantis*, v. 33, n. 1, p.49-59, 2008.

_____. *White Femininity: race, gender and Power*. Fernwood Publishing, 2010.

DIAS, Thassio. *Tinta e dor: a prática da tatuagem na construção da identidade*. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 20014.

DUARTE, Bárbara. David Le Breton - uma entrevista na Universidade Marc Bloch, Estrasburgo - França. *Espaço Plural*, v. 11, n. 23, p. 87-91, jul-dez. 2010.

FERRARI, Fernanda. *Piriquetes e Princesas: moda, sexualidade e performances de gênero na sociedade contemporânea*. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós Graduação em Arte, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

FRANKENBERG, R. *The Social Construction of Whiteness: white woman, race matters*. Routledge, 1993.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HIRATA, Helena et al (Orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HENKES, Louise.; DALMORO, Marlon. Mulheres ricas: distinção e subjetivação nas práticas de consumo da classe A. *RIMAR*, v. 5, n. 2, p.34-48, 2015.

HUIJG, D. D. Contra quem? A conflituosa posição de mulheres jovens brancas na luta transformadora. *Seminário Fazendo Gênero*, 7. Anais, 2006.

_____. *Feministas brancas: tirando a máscara?* Dissertação de Mestrado apresentada no Departamento Línguas e Culturas da América Latina da Faculdade de Letras de Leiden, Holanda, 2007.

_____. “Eu não preciso falar que eu sou branca, cara, eu sou Latina!”: Ou a complexidade da identificação racial na ideologia de ativistas jovens (não) brancas. *Cadernos Pagu*, v. 36, p. 77-116, 2011.

HOLMES, Emliy. *What a racist camera: elucidating the invisible norm of photography*. Disponível em: http://viscrit.cca.edu/wp-content/uploads/2014/08/Sightlines_Holmes.pdf. Acesso em: 02 jul. 2018.

KERNER, Ina. Tudo é interseccional?: sobre a relação entre racismo e sexismo. *Nos Estudos*, n. 93, p.45-58, jul. 2012.

KILOMBA, Grada. Who can speak? speaking at the center, decolonizing knowledge. In: KILOMBA, G. *Plantation Memories: episodes of everyday racism*. Münster: Unrast, 2013. p. 25-38.

LE BRETON, David. **Antropologia do Corpo e da Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2013.

LEITÃO, Débora K. À flor da pele: estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 5, n. 10, p. 1-37, 2004a.

_____. Mudança de significado da tatuagem contemporânea. *Cadernos IHU Idéias*, ano 2. n.16, 2004b.

MATTOS, Amana. Cidade, Maria Luiza. Para pensar a cisheteronormatividade na psicologia (lições tomadas do transfeminismo). *Periódicus*, v.1, n. 5, p. 132-153, maio-out. 2016.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 399-420.

MIFFLIN, Margot. *Inkside out*. ARTnews, 2012. Disponível em: <http://www.artnews.com/2012/12/10/%C2%ADinkside-out/>. Acesso em: 02 jul. 2018.

_____. *Bodies of subversion: a secret history of woman and tattoo*. New York: Power House Books, 2013.

MOORE, Henrieta L. Understanding sex and gender. In: INGOLD, Tim. *Companion Encyclopedia of Anthropology: humanity, culture and social life*. Routledge, 1994.

_____. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. *Cadernos Pagu* n. 14, p. 13-44, 2000.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo soc.* [online]. vol.19, n. 1, p.287-308, 2007.

ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda, 2008.

ORTNER, Sherry. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, Miriam et al. (Org.). *Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas*. Brasília: ABA; Nova Letra, 2007a.

_____. Subjetividade e crítica cultural. Porto Alegre, *Horizontes Antropológicos*, ano 13, n.28, p.375-405, 2007b.

OSÓRIO, Andréa. O gênero da tatuagem: pensando masculino e feminino em estúdios no Rio de Janeiro. *Contemporânea*, n. 5, 2005a.

_____. O frouxo e o carniceiro: dor e concepções de gênero em dois estúdios de tatuagem carioca. *Revista Gênero*, v. 5, n. 2, 2005b.

_____. *O gênero da tatuagem*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

_____. O Corpo como discurso: “desenhos femininos” e a lógica da feminilidade. *Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais: culturas, leituras e representações*, 2, Paraíba, 2009.

_____. Tatuagem de amor. In: GOLDENBERG, M. (org). *O corpo como capital: estudos de gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010. p.123-136.

PEREIRA, Beatriz. *O mais profundo é a pele: processos de construção de identidade por*

meio da tatuagem. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, 2016.

PÉREZ, Andrea. A identidade à flor da pele. Etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. *Mana*, v. 12, n. 1, p.179-206, 2006.

PISCITELLI, Adriana. “Sexo tropical”: comentários sobre gênero e “raça” Em alguns textos da mídia brasileira. *Cadernos Pagu*. n.6-7, p.10-33, 1996.

_____. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, v.11, n.2, p.263-274, jul-dez. 2008.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

RUI, Taniele. C. *Corpos abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack*. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2012.

SABINO, César; LUZ, Madel. Tatuagem, gênero e lógica da diferença. In: *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro: v. 16. n. 2, p.251-272, 2006.

SALATA, André. Quem é a classe média no Brasil? Um estudo sobre identidades de classe. *DADOS: revista de ciências sociais*, v. 58, n. 1, p.111-149, 2015.

SANDERS, Clinton. *Customizing the body: the art and culture of tattooing*. Philadelphia: Temple University Press, 2008.

SANTOS, Xuan. The Chicana Canvas: Doing Class, Gender, Race and Sexualitty through Tattoing in East Los Angeles. *NWSA Journal*, v. 2, n. 3, 91-120, 2009.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p.5-22, 1992.

SCHUCMAN, Lia. V. *Entre o ‘encardido’, o ‘branco’ e o ‘branquíssimo’*: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulista. Tese de doutorado em Psicologia Social. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2012.

_____. Branquitude: a identidade racial branca refletida em diversos olhares. In: (org) BENTO, M. A. S. [et al]. *Identidade, branquitude e negritude: contribuições para a psicologia social no Brasil: novos ensaios, relatos de experiência e de pesquisa*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2014. p. 111-126.

SILVA, Flávia Cunha da. A relação entre “tatuagens femininas”, subjetividade e a interseccionalidade de marcadores sociais da diferença. In: *Seminário Internacional Desfazendo Gênero: com a diferença tecer a resistência*, 3. Paraíba, 2017. [Anais do evento]

SILVA, Priscila. E. O conceito de branquitude: reflexões para o campo de estudo. In: MULLER, T. M. P; CARDOSO, L. *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Appris, 2017. p.19-32.

SOARES, Ana Carolina E. C. Feminilidade/Feminino. In: COLLING, A. M.; TEDESCHI, L. (org). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados: Editora da EFGV, 2015. p.242- 244.

STOLKE, Verena. O enigma das interseções: classe, “raça”, sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. *Estudos Feministas*, v. 14, n. 1, p.15-42, jan-abr., 2006.

TUCHERMAN, Ieda. Imagem, rosto e identidade: relações instáveis no mundo tecnológico contemporâneo. *LOGOS 24: cinema, imagens e imaginário*, ano 13, p.1-13, 2006.

VELHO. Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Universidade Federal da Bahia, 2015.

VIMIEIRO GOMES, Ana Carolina. La Venus Negra: el cuerpo como locus para la clasificación y diferenciación. *Ciências 105*, p.56-63, jan-jun., 2012. Disponível em: <http://www.revistaciencias.unam.mx/images/stories/Articles/105/A6/A6.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2018.

WEBER, Lynn. A conceptual framework for understanding race, class, gender and sexuality. *Psychology of Women Quarterly*, n. 22, p.13-32, 1998.

WOHLRAD. Silke; STAHL, Jutta.; KAPPELLER, Peter. Modifying the body: motivations for getting tattooed and pierced. *Body Image*, n. 4, p.87-95, 2007.

ZANCO, Nathalia Helena. T. Cartografia de corpos femininos tatuados: dos *freaks shows* ao contemporâneo. *Revista Alpha*, Patos de Minas, v. 18, n. 1, p.68-85, jan-jul., 2017.